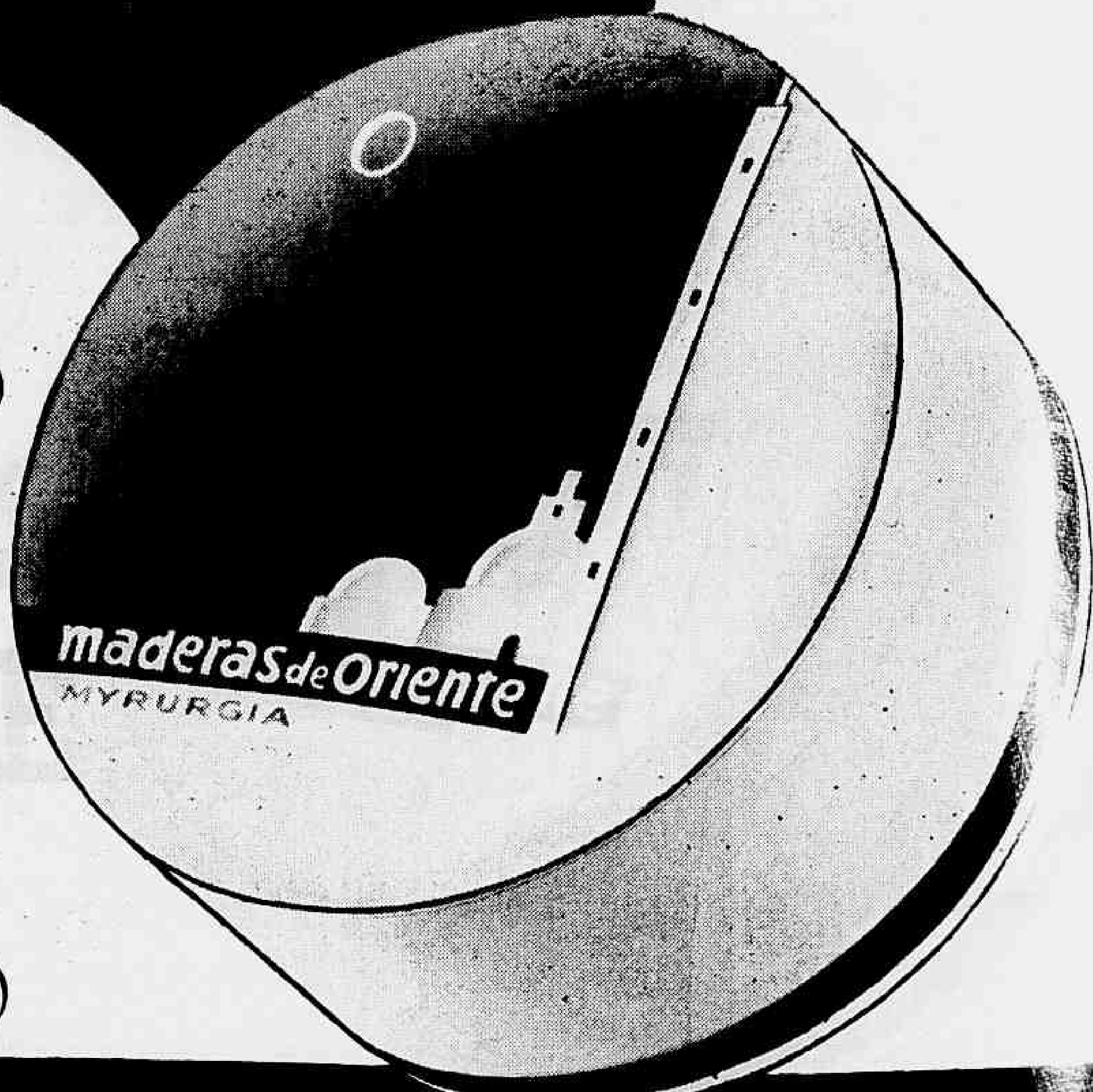
REVISTA DA SEMANA

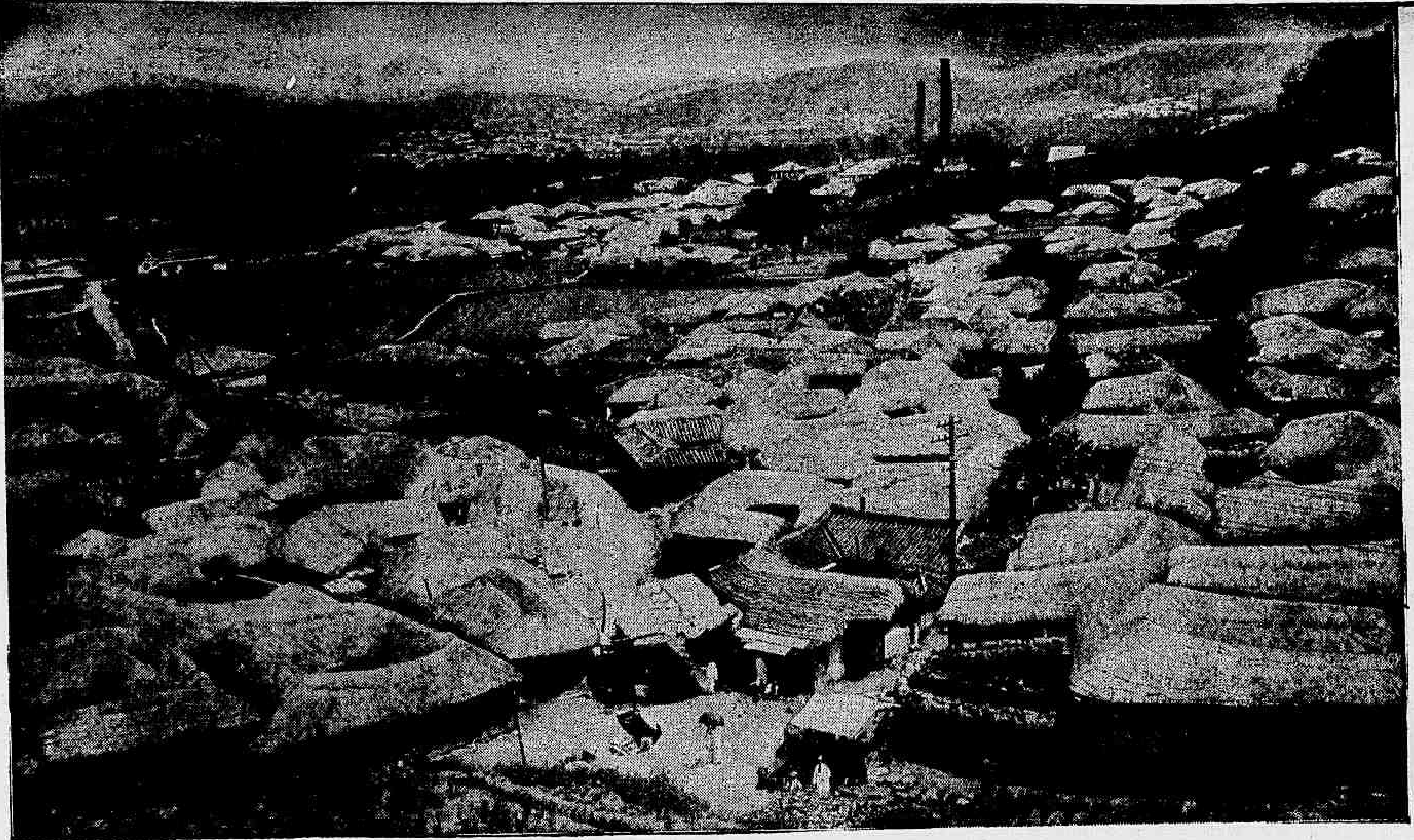
Nº 33 ★ 19-8-50 CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **UM SÉCULO DE BLUMENAU**


O encanto
de ser bela


Pó de arroz
MADERAS
DE ORIENTE
maderas de Oriente
MYRURGIA
MYRURGIA



ESQUINA HISTÓRICA E GEOGRÁFICA

LONGE, desmesuradamente afastada de nossa observação, estende-se hoje, como fazia há milênios, uma península asiática emoldurando uma parte do nordeste daquele continente. A China, o Império do Meio, pois é essa a sua denominação, é bem pouco conhecida de nós outros. Hovelaque, um grande autor especializado em Extremo Oriente, diz-nos que, saindo-se da Índia, que é Ásia, e entrando-se na China, que também é Ásia, tem-se a impressão de que se saiu de um mundo entrando em outro ou então que se deixou um planeta rebuscando um outro.

O observador simplista espantar-se-á com a advertência daquele autor, apenas porque há traços búdicos numa e noutra região.

Dissemos isto inicialmente, como que alertando não ser de uma hora para outra que se fazem comentaristas extremo-orientais em nosso meio, firmados simplesmente em o noticiário telegráfico das agências. Há bem pouco éramos todos especializados em Indonésia e agora já a especialização passou-se para a Coréia.

Nós outros, jornalisticamente grafando êstes períodos, não estamos nos candidatando a títulos doutorais de extremo oriente, mas apenas chegando a conclusões a que qualquer um pode chegar, depois de ler alguns capítulos de enciclopédia e uns poucos livros de viagem.

Depois do célebre livro **Um Mundo Só**, tôda a gente ficou sabendo que, as zonas onde estão a Síria e o Líbano são qualquer coisa parecida com a esquina do perigo, onde se defrontam três continentes — Ásia, África e Europa, sendo além disso o grande cadinho de onde partiram os mais sérios desencontros de tôdas as civilizações. A última guerra, a de número dois, foi até lá, sendo aí que se desarrumaram as coisas para o lado da Alemanha.

Com a Coréia a situação é a mesma, no tocante à região em que se encontra. Ao correr dos séculos, civilizações que estruturaram Estados como o russo, o chinês e o japonês, mediram fôrças naquelas terras. Em tôda a parte há sempre Bélgicas e Espanhas para experiências-de armas.

O passado histórico da Coréia avança ousadamente a empoeirados planos, onde também vamos encontrar as fontes geratrizes do passado da China. Sabem todos que não é com precisão que pudemos determinar onde, geogràficamente, termina a Ásia e termina a Europa. No Cáucaso? Nos Urais?

As conveniências sócio-políticas é que determinam isso. Sendo assim, a Rússia, meio Europa e meio Ásia, emaranha também, passado seu com o da Coréia.

JACY REGO BARROS

Em um comentário tão pequeno são lícitos os saltos seculares ou mesmo milenares. Há um certo Ki-Tsze, perfeito modelador de uma construção de Estado, que pode ser considerado o modelador estatal da Coréia. A grande China, em processos quase que como os de hoje, reconhece imediatamente êsse estado. Wou-Wang era o imperador da China nesse tempo. Já no XI séc. há um Kao-Li que aperfeiçoa o Estado Coreano, imprimindo-lhe certa unificação nas duas regiões geogràficamente divisíveis: norte e sul.

Daí por diante não cessam as influências de fora para dentro, desde a dinastia dos Ming, da China, forçando um Tai-Tso a apoderar-se do supremo govêrno, fundando a dinastia Tsi-Tsien, em 1393, até a influência japonêsa no período que nos é contemporâneo.

A invasão tártara na China afeta a Coréia. Os acontecimentos russo-imperiais vão até lá, tanto quanto as incursões nipônicas.

Há na Coréia uma grande infelicidade, para fazê-la esquina da pouca sorte: ela possúi recursos naturais.

Do exposto conclui-se que no após-guerra número dois, deslocada a vida política e econômica do mundo para dois grandes polos, Rússia e Estados Unidos, a Coréia não podia escapar a seu pôsto de campo de demonstração de fôrças. A aviação, agora, agrava-lhe mais a situação, fazendo-a em região fronteiriça do continente americano.

Precipitado será dizer-se do rumo dêsses acontecimentos porque, além de ter belicosidade histórica, firma um novo marco, ou seja, o de ponto de encontro entre duas maneiras de viver a vida: a do sovietismo e a da burguesia.



REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 33 ★ 19-8-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL
E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ..	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434 Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

A IRMANDADE GANHOU



Como devem estar lembrados os leitores, esta REVISTA tratou, no seu devido tempo, com minúcias de reportagens, o caso entre a Irmandade do Santíssimo Sacramento e a Curia Metropolitana, sem tomar qualquer partido entre as partes litigantes, como é do nosso dever de órgão que registra fatos e deixa à Justiça o seu desfecho. O assunto empolgou todos os meios da capital e teve mesmo repercussão pelo Brasil a fora. O conflito se caracterizava pela posição de duas potências de Direito, cada qual se julgando com a razão: o Civil e o Canônico. S. Ema. o Cardeal Jaime Câmara, chegou mesmo a usar de extremas providências, excomungando os membros da Administração da Mesa da Irmandade que não se subordinaram a leis eclesiásticas. O caso foi confiado à Justiça do país e teve agora o seu desfecho: o Juiz titular da 13.ª Vara prolatou a sentença julgando procedente a ação, convertendo em definitiva a posse provisória concedida liminarmente no início do feito, condenando-se agora os reus nas custas e considerando-se, incontestável, o direito de Mesa Administrativa daquela Irmandade. O texto da longa sentença do Juiz é o reflexo de sua cultura jurídica e, no final, escreve êle estas palavras que merecem destaque: "Lamento, de coração, ferir por imposição de Juiz, a sensibilidade de amigo querido, tão nobre e tão puro nas suas convicções e tão disposto ao sacrifício que impõem. Não me é dado hesitar entre o desejo de agradar e a obrigação de dizer aquilo que a mim, na humildade de meus conhecimentos, me parece a verdade jurídica". Refere-se ao dr. Sobral Pinto, advogado da Curia.

FELISBERTO DE CARVALHO



Ao sair êste tópico, já decorreu a data do primeiro centenário do nascimento de uma das maiores figuras do magistério brasileiro, educador de vocação, guia de milhões de brasileiros na estrada do curso primário: Felisberto de Carvalho. Fluminense de nascimento, Felisberto de Carvalho se converteu em figura popular entre os estudantes do país e educadores brasileiros em tôda a vastíssima extensão do território nacional. Quem não admira e não conhece a série de seus cinco livros [illegible]? E' verdade que, com os modernismos da escola que [illegible] a soletração pela **leitura sem letras**, tôda a mocidade [illegible] tando de Felisberto de Carvalho. No seu tempo, ou [illegible] até antes da instituição do aprendizado da leitura pelo [illegible] lítico, o educando ia do simples para o composto, da [illegible] para a sílaba, desta para a palavra e da palavra [illegible] a frase. Com a reunião das letras a criança ou o adulto formavam sílabas; em seguida, as palavras, passando a [illegible]. Era o método sintético. Durante mais de meio século, os livros de leitura de Felisberto fizeram milagres. Eram tão bem [illegible] gicamente falando e tão eficientes em face da psicologia da criança perante a escola, que, para medir-se o grau de cultura de um estudante, já se dizia: "Já está lendo o 4.º Livro de Felisberto de Carvalho". E como eram belas as páginas [illegible] livros! Páginas sôbre a Natureza, poesias de Castro Alves, exemplos de ética, orientação científica nos três reinos da Natureza, tudo feito inteligentemente, atrativamente, conquistando leitores. Uma glória do Brasil, o imenso Felisberto de Carvalho. Mas... era um educador.

AS MEIAS NO SENADO



Os egrégios senadores, homens circunspectos, sisudos, moldados no antigo regime de severíssimo decôro público e particular, acabam de implicar com o uso de certas funcionárias que não usam meias. E, como não são homens de "meias" medidas, ordenaram em portaria que nenhuma das filhas de Eva a serviço naquela alta casa do legislativo nacional, poderia trabalhar com as pernas desabrigadas, sujeitas ao vento e a olhares indiscretos dos mais afoitos. A reação entre as senhoras e jovens que lutam pela vida naquele imponente edifício situado entre a Índia e a França, Rio Branco e Luís de Vasconcelos, foi imediata e decisiva: não cumpriremos a ordem: Como era de esperar, a estupefação dos eminentes legisladores foi completa. Como assim? Então as mulheres se negavam a seguir um regime de alta significação moral para o próprio regime da Casa, a Câmara Alta da República, zeladora de tantas tradições de compostura dêste país? Não. Não era possível. Deveria haver algum "qui-pro-quo", ou "calembour", como se dizia nos velhos tempos de Cezar Zama e do Conde de Assumar. De investigação em investigação, chegaram os senadores a esta evidência: as funcionárias não resistiam à portaria. O que desejavam para cumprir as ordens era apenas isto: um projeto de lei que proibisse êsse espantalho das senhoras que usam meias: **o fio puxado!** Sabem lá o que é isso!

TESTE DEMOCRÁTICO



Quando se travaram competições eleitorais em São Paulo para o cargo de vice-governador, era o sr. Getúlio Vargas inimigo político do sr. Ademar de Barros. Aconteceu que o candidato do ex-ditador não coincidia com o do sr. Ademar de Barros, e, daí, o duelo travado na arena democrática das eleições a voto secreto. Quando o sr. Getúlio Vargas chegou ao Estado de São Paulo, disposto a fazer excursões políticas e discursar em comícios em favor do seu candidato, muitos amigos o **advertiram dêste perigo: a situação estadual não** toleraria tais **propagandas e, daí, poderia haver barulho. Getúlio** respondeu **fazendo blagues: "Dizem que estamos num período** democrático. **Quero ver se, em verdade, há democracia no Brasil".** E saiu a **campo. Em várias cidades, como sucedeu em Taubaté,** houve o **diabo a quatro. O atual senador foi alvejado a pedradas,** [illegible] **ouvem-se tiros, há correrias, suspensão de energia** para acabar **com a luz e os berros dos alto-falantes. Getúlio** voltou para seus **pagos e disse que "não havia democracia"**. O governador de **São Paulo foi acusado de promover violências, de não** respeitar **a Constituição e outros estrilos mais. Correm os dias,** [illegible] **os meses, deslizam os anos. Hoje, Getúlio é** amparado pelo **mesmo governador paulista que o escorraçou.** E [illegible] êsse **mesmíssimo governador de São Paulo vai a S. Luís** do Maranhão **fazer comícios em favor de Getúlio. Quando** está [illegible] ando, **apagam a luz, disparam armas de fogo, há o** corre-corre e do **salve-se quem puder. O sr. Ademar protesta:** "Não [illegible] de**mocracia"...**

A PERSONAGEM DA SEMANA

A vida social do Rio se enche de galas, todos os anos, por ocasião do Grande Prêmio Brasil, cuja fama transpõe as nossas fronteiras e empolga os aficionados do turfe em diversos países dêste continente. Domingo, 6 do corrente, o hipódromo da Gávea se mostrava num dos seus grandes dias. Mais um G. P. Brasil ia realizar-se, e tôda a capital estava com sua atenção dirigida para a maior prova do nosso turfe. Apostas que ultrapassaram todos os recordes anteriores, somando mais de 16 milhões de cruzeiros, deram a prova provada da importância da corrida. Parelheiros famosos, nacionais e estrangeiros se alinharam para a sensacional arrancada. Apesar do mau tempo e de estar enxarcada a pista, era indescritível o aspecto do hipódromo. E quando foi dada a saída, um animal se colocou desde logo na dianteira. Era a égua "Tirolesa" do "stud" Seabra, montada por Domingos Ferreira. Animais que estavam sendo cotados como favoritos, foram ficando à retaguarda, uns avançando, outros emparelhando-se, outros a atrasar-se, enquanto "Tirolesa" se mantinha invencivelmente à vanguarda de todos, voando como um meteoro na penumbra da tarde



DOMINGOS FERREIRA

inesquecível. Minutos depois, era proclamada ve[illegible] Quem a montara de forma tão sensacional? Domin[illegible] reira, sobrinho do famoso Domingos Ferreira, apel[illegible] "rei das escapadas", o jóquei mais vitorioso do se[illegible] po, tanto no antigo Derby, como no velho Jockey Club. O herói da [illegible] de 6 de agosto, Domingos Ferreira, sobrinho e afilhado daquele a[illegible] montador, é filho de Cláudio Ferreira, também antigo jóquei e que [illegible] dos melhores profissionais do nosso turfe e é hoje o "starter" ofic[illegible] Jockey Club Brasileiro. Domingos Ferreira Sobrinho, se não chega[illegible] uma vitória dessas, seria uma injustiça do destino. Desde menino [illegible] pelas cocheiras do antigo Prado, pois era o maior fã do seu glorioso [illegible] Depois de ter conquistado três segundos lugares no G. P. Brasil; depoi[illegible] ser em 1946 o jóquei mais vitorioso da estatística, grande rival de [illegible] "Minguinho", como como é conhecido na intimidade, conseguiu o seu [illegible] sonho: o Grande Prêmio Brasil com um milhão de cruzeiros para as cores do sr. Roberto Seabra. E o seu nome que era dos mais queridos do [illegible] foi erguido no tôpo da glorificação.

VISTA AÉREA de Blumenau, vendo-se em primeiro plano a ponte rodo-ferroviária Blumenau-Itaipu, foto obtida pelo Aero Clube local, com licença especial do Comando da 5ª Fôrça Aérea. Serpenteando o rio Itajaí-Açu, a cidade se estende por uma grande área, onde as construções vão aumentando consideràvelmente. Neste local, há um século, tudo estava entregue aos índios

UM SÉCULO DE BLUMENAU



A ESPÔSA do dr. Blumenau, dona Bertha, tendo ao colo uma filha, já morta. Outra, ainda viva, comparecerá aos festejos do Centenário

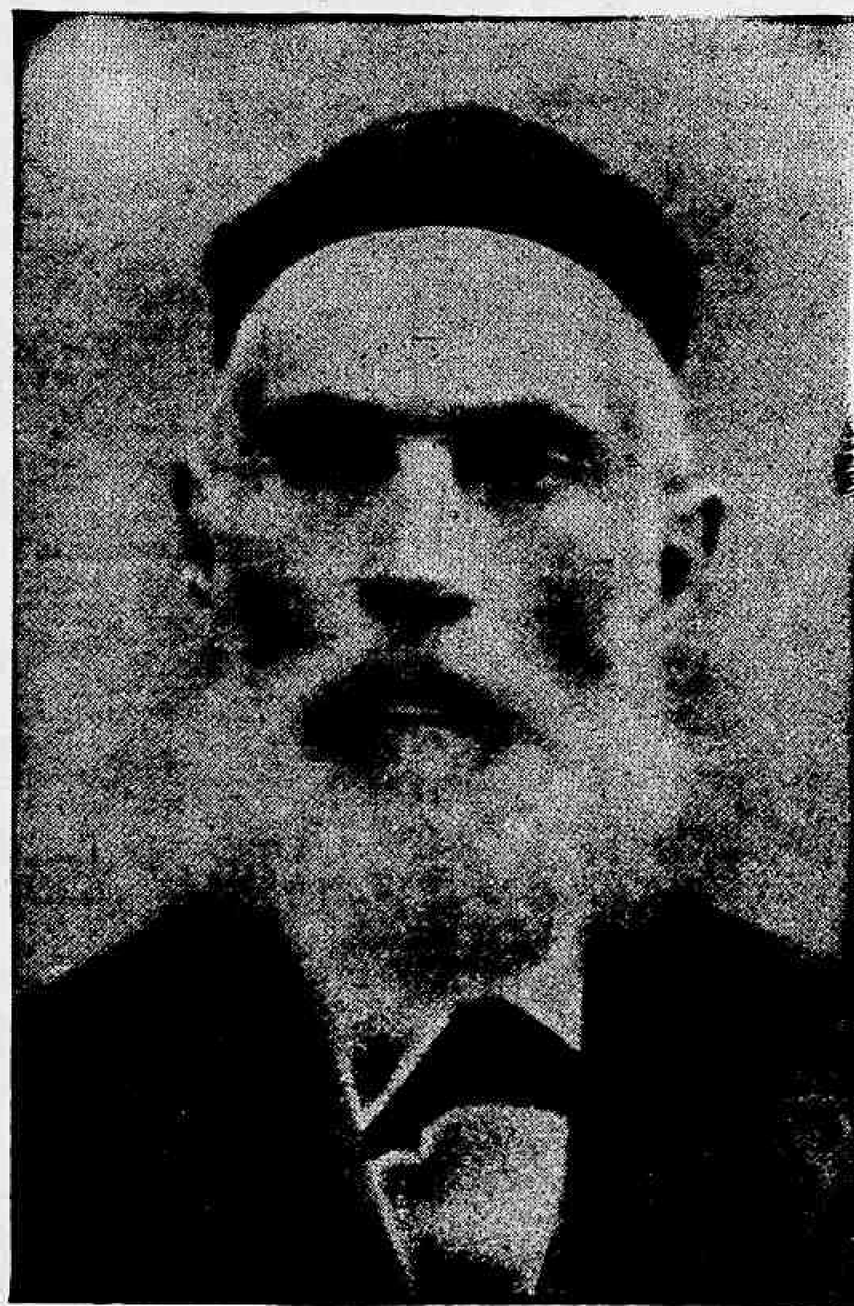
UMA VISITA À TERRA BRASILEIRA DO VALE DO ITAJAÍ ★ SENTIMENTO DE NACIONALIDADE ESTUANTE ★ PREPARATIVOS PARA OS FESTEJOS DE SETEMBRO ★ A CANOA EM QUE O DR. BLUMENAU DESEMBARCOU PARA FUNDAR A COLÔNIA ★ CRIANÇAS DE PÉS NUS E ESPÍRITO AREJADO ★ UMA VELHA QUE NASCEU EM 1830 ★ IMPRESSÕES CURIOSAS

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

(Fotos do autor e do arquivo de Frei Ernesto Emmendoerfer)

SALTAMOS em Blumenau, de um desconjuntado caminhão que o vulgo denomina de ônibus, depois de seis horas e meia de martirizante viagem, desde Florianópolis. Êsse é um percurso que o automóvel comum pode fazer, no máximo, em três horas, e muito menos tempo foi consumido pelo avião que nos levou do Rio à capital catarinense. Mas como os transportes de interior são escassos, as "limousines" de cinco passageiros, tipo lotação, andam por empenho e não há trem-de-ferro, temos que apelar para o recurso extremo, aquêle arcaico mastodonte de ferragens que vai gingando serra acima, serra abaixo até o vale.

Para compensar o sacrifício, lá nos espera um pequeno paraíso: a juvenil Blumenau, que se enfeita para festejar um século de vida, idade menina-e-moça para qualquer terra e muito mais para êsse recanto do Vale do Itajaí, faz lembrar a paisagem européia, pelo estilo das construções, pelo traçado das ruas, pela maneira de viver do

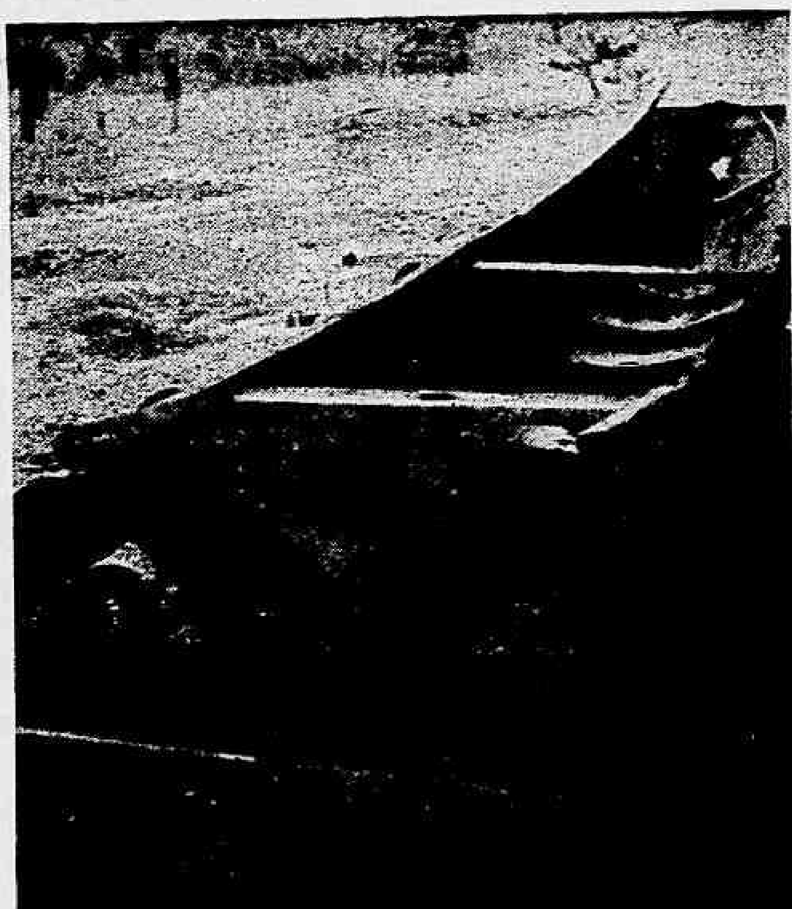


HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, que em 1846 chegava ao Brasil, procedente de Hamburgo, e quatro anos mais tarde fundava a cidade de seu nome

UM SÉCULO DE BLUMENAU



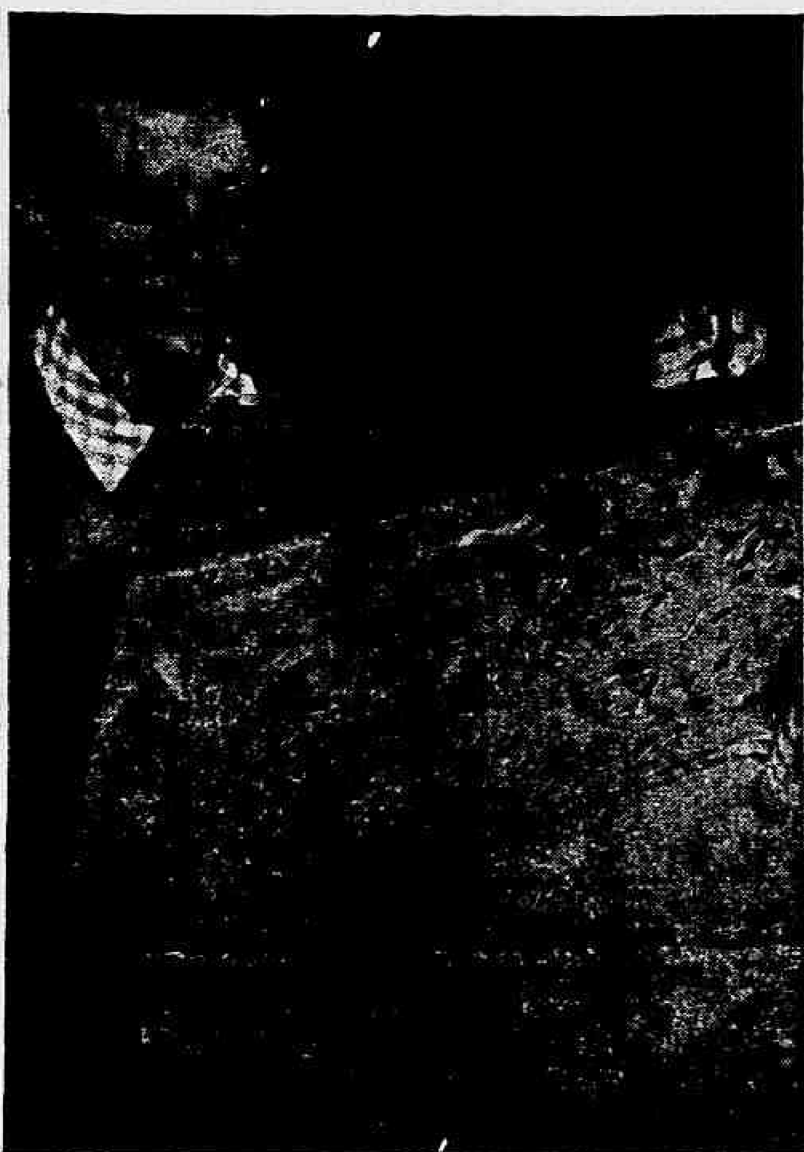
TRIBUTO DE HOMENAGEM da terra ao homem que ali fundou o grande centro de progresso e trabalho fecundo: Monumento ao dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, situado em ponto central da cidade, justamente onde, segundo informam, êle desem[barcou] há um século



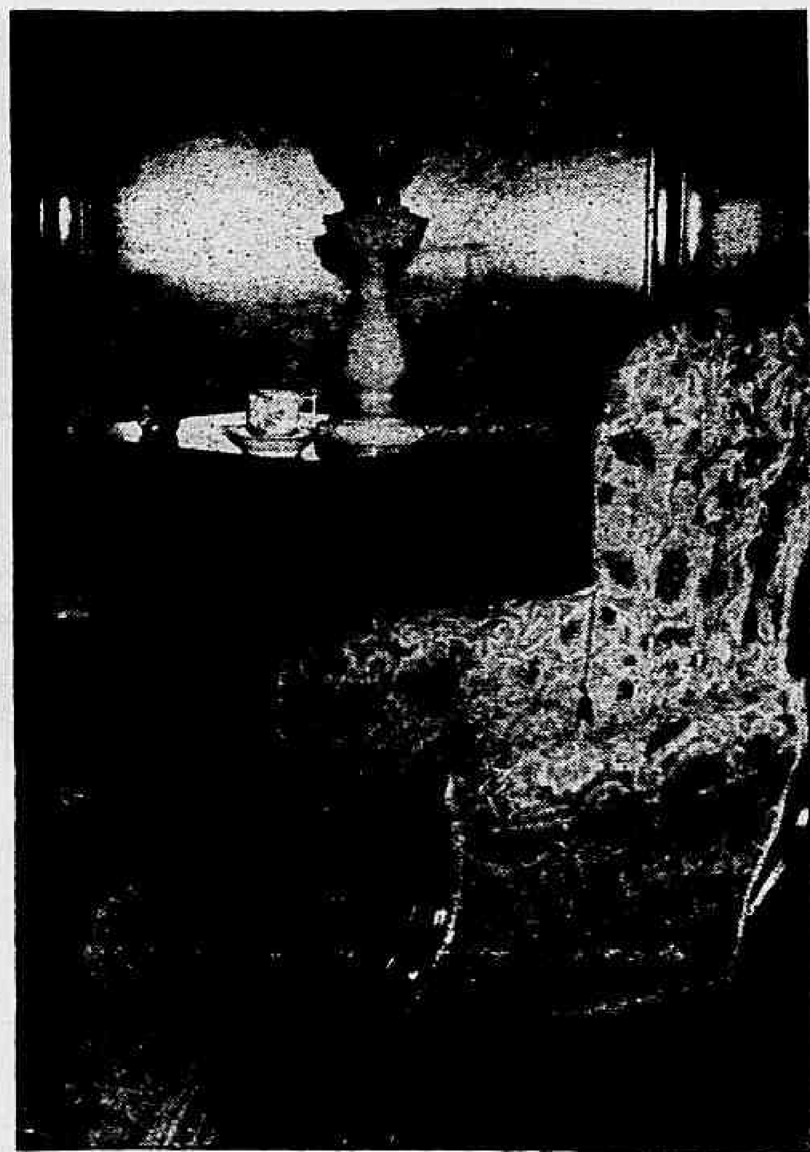
NESTA CANOA, o dr. Blumenau viajou de Itajaí ao local por êle anteriormente escolhido para a fundação da cidade, isto em 1850



PERTENCES do dr. Blumenau: xícara, cafeteira, livro com anotações, um manuscrito e a caneta utilizada pelo fundador da terra



COFRE DE FERRO e madeira, em o qual eram guardados dinheiro e documentos do fundador de Blumenau. [illegible]



NESTA POLTRONA, o dr. Hermann Bruno Otto Blumenau descansava, lia e redigia seus relatórios. [illegible]



[s]eu povo. A manhã é fria, a temperatura caiu cons[ide]ràvelmente, há neve em Rio do Sul, a menos de [trinta] quilômetros — e Blumenau é um encanto para os [nossos] olhos. Alegre, luminosa, de ruas limpas, com a [illegible] 15 de novembro a bordejar o rio, com um comérci[o] [illegible]toso, de lindas montras elegantes, bons e asseados ho[téis], excelente iluminação e movimento, muito moviment[o], a cidade tem justas razões para se considerar um [muni]cípio modêlo do Brasil.

— A história desta terra merecia ser escrita — di[z] pouco mais tarde Frei Ernesto Emmendoerfer na bi[blioteca] do Colégio Santo Antônio. E repete o que escreve[u no] prefácio do trabalho recentemente publicado pelo ex-pre[feito] José Ferreira da Silva:

— Um doutor de filosofia escolheu o Vale do [Itajaí p]ara dar aos emigrantes europeus uma pátria melh[or. A s]erviço do idealismo pôs sua vasta cultura, seu pro[fundo s]enso administrativo e sua inquebrantável capacidad[e de t]rabalho. Com trinta anos de esforços e dedicação, de[ixou] a comuna em condições de ter vida própria. Sete [illegible] municípios florescentes daqui se originavam e terr[itório] era ainda cedido para mais dois. A população, pro[ve]niente de diversos países, cultivou as vastas terras co[ber]tas de matas, muitas vêzes inundadas pelo rio cau[da]loso, sob incursões de índios e ameaças de feras; le[van]tou o soberbo parque industrial que é o esteio econô[mico] do Estado; conquistou um alto nível cultural, fazen[do] de Blumenau a capital artística de Santa Catarina; p[ar]ticipou ativamente na vida política e, ainda, foi víti[ma] de incompreensões que o tempo está reparando.

★

Nossa presença em Blumenau era inesperada. Não [illegible]



QUE IMPRESSÃO CAUSARIA ao repórter, uma aula de escola pública em Blumenau? Que ensinamentos estariam sendo ali dentro ministrados aos nossos pequenos patrícios? Foi êsse o pensamento que nos assaltou quando, ao acaso, o nosso «jeep» ia passando pela estrada e vimos, no tôpo de uma elevação, a tabuleta do colégio. Lá surgimos inesperadamente. Fôrça é confessar, a impressão não podia ser melhor: grupos de crianças de ambos os sexos ouviam, com atenção, a prédica da professôra brasileira. Em cada mão, um exemplar do livro de Hildebrando de Lima — «Nosso Brasil»

cenação, em qualquer setor que fôssemos percorrer. E tudo, assim, de surprêsa, nos deu a mais grata impressão. Se em outro tempo Blumenau porventura acusou um índice negativo de brasilidade, não sabemos. O que é justo assinalar, é que a encontramos febril, com sua gente de ânimo voltado para a produção do seu trabalho, cuidando de obter o máximo de rendimento. E mais: com a preocupação de ser, acima de tudo, brasileira.

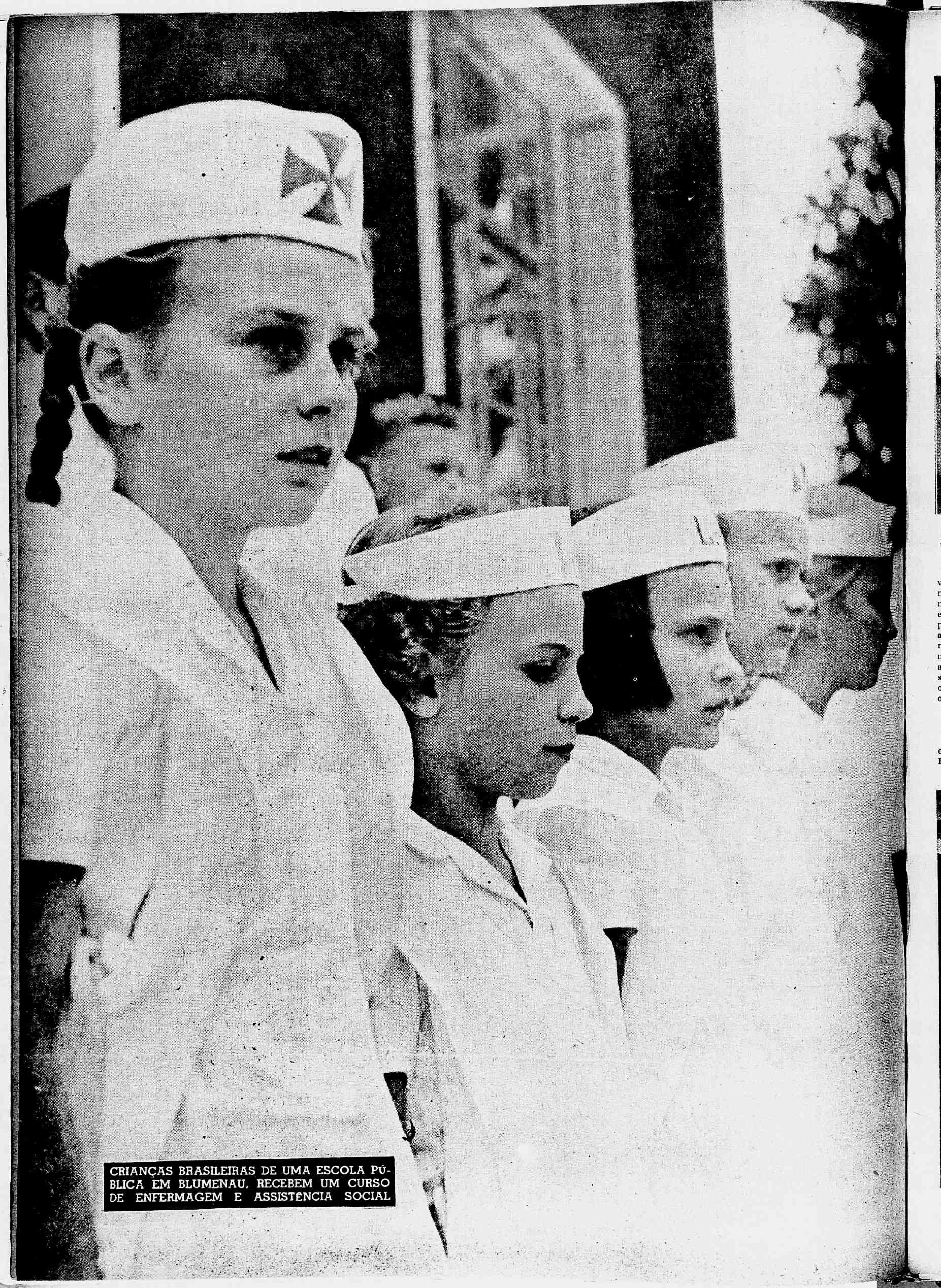
O "jeep" em que percorríamos arredores da cidade ia, veloz, numa curva de estrada quando nosso olhar foi atraído para um colégio municipal, situado em pequena elevação vizinha. Pedimos ao motorista que parasse. E galgando a encosta da ribanceira, fomos dar, lá em cima, na entrada do grupo escolar Anita Garibaldi. As aulas recomeçavam naquela manhã, depois das férias de julho. Sem nos fazermos anunciar, e porque a porta se abria à nossa frente, convidativa, por ela atravessamos. Lá dentro, uma sala ampla, arejada e limpa, era ocupada por duas ou três dezenas de alunos, meninos e meninas, a quem a professôra, uma simpática senhora brasileira, ministrava a primeira aula. Nas mãos de cada aluno, um exemplar do livro "Nosso Brasil", de capa verde-amarela, abria-se em determinada página, como se a nossa visita fôsse de esperar. E não era. Êsse flagrante auspicioso nos reconfortou: Em Blumenau, terra à qual sempre ouvimos atribuir foros de maléfica influência estrangeira, íamos surpreender aquela turma de crianças, pequenos patrícios, recebendo ensinamentos que desde a base nelas proporciona um sentimento de nacionalidade genuíno.



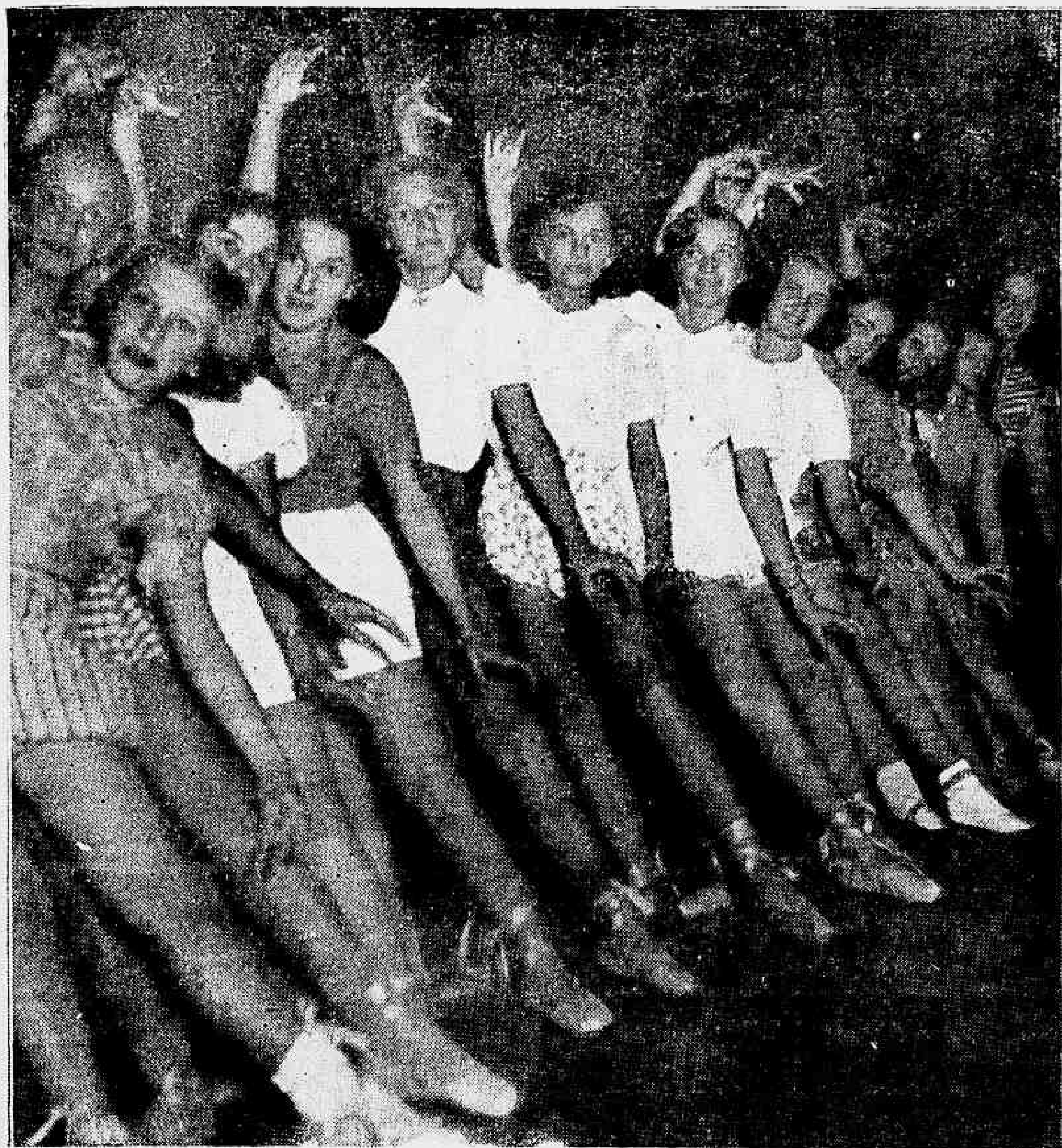
ÊLES FORAM tomados de surpresa, no colégio, quando inesperadamente o repórter apareceu. Uns espantaram-se outros apenas sorriram



A RUA 15 DE NOVEMBRO é a vitrine elegante da terra, ponto obrigatório de passagem das pequenas bonitas. Sim, elas sabem sorrir!



CRIANÇAS BRASILEIRAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM BLUMENAU, RECEBEM UM CURSO DE ENFERMAGEM E ASSISTÊNCIA SOCIAL



NO CORPO DE BAILE do Conservatório Curt Hering, instalado no Teatro Carlos Gomes, um grupo de jovens da melhor sociedade de Blumenau, ensaia para os grandes festejos do centenário da cidade



DECENTEMENTE VESTIDAS mas descalças, as crianças freqüentam as aulas da Escola Municipal Anita Garibaldi. Pés descalços, índice de saúde. Ao fundo, a professôra cuja aulas fomos surpreender

Embora filhos e netos de colonos germânicos, observamos que tôdas as crianças falavam correntemente o nosso idioma. E quando os convidamos a posar para a nossa objetiva, um sorriso de alegria maior se estampa em cada rosto claro, rosado e limpo. Todos estão irrepreensivelmente trajados, de roupas em que prevalecem as côres claras. Há, porém, uma particularidade curiosa: nenhum dêles está calçado. E no curso de nossa permanência em Blumenau, a mesma observação é recolhida a cada passo: andam as crianças, mesmo as de condição social melhor, de pés limpos, em contacto direto com o solo. Princípio de higiene ou hábito de tradição, seja o que fôr — mas respeitado por todos.

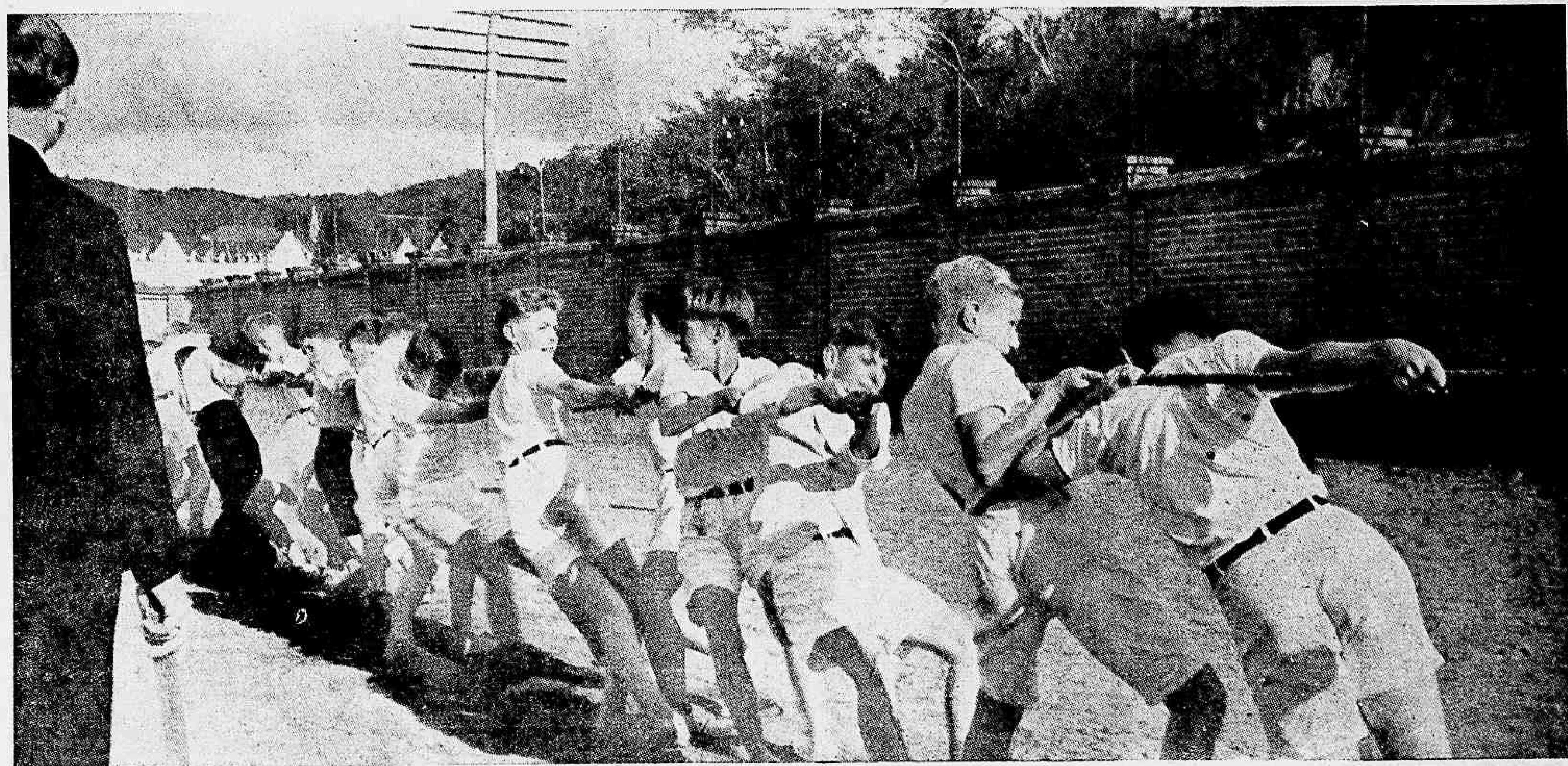
★

O tabalho do homem, da mulher e mesmo da criança, eis o que mais impressiona por êsses lados. E quando Blumenau se prepara para os festejos do centenário, vale encarecer o esfôrço da coletividade, sempre reconhecida ao cidadão abnegado que há cem anos atrás requeria ao govêrno as terras marginais do Itajaí, inteiramente abandonadas, para nelas instalar uma colônia.

Como se deu, em linhas gerais, essa ocorrência histórica?

Muito simples: Comissionado no pôsto de representante da Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães para o sul do país, aqui chegava em 1846, procedente de Hamburgo, o professor Hermann Bruno Otto Blumenau, no veleiro "Johannes". Mas desde antes, matriculado na Universidade de Erlangen, Alemanha, já o dr. Blumenau começava a se interessar pelos assuntos de imigração e colonização. Andou primeiro pelo Rio Grande do Sul, examinando a situação das colônias germânicas, estacionou na capital do Império, e só em 47, já dominando correntemente a língua do país, deixava o Rio com destino ao Destêrro, capital da província catarinense. Chegou, porém, doente. O mau tempo reinante, as caminhadas es-





A CULTURA FÍSICA é largamente praticada nos colégios públicos e particulares, bem como nas sociedades recreativas. Ela prepara a juventude para os dias trabalhosos que hão de vir. E o «cabo de guerra», esticado por um grupo de jovens, é o que nos mostra a gravura. Alguns dêsses garôtos estão calçados, mas a maioria dedica-se à prática de esportes, também descalços



MILHO PARA A CRIAÇÃO — Outro mister cotidiano da mulher do colono. Assim ela divide o dia, entre os afazeres de casa, do quintal e do campo. O tempo chega para tudo e ainda sobra para cuidar do asseio do lar. Tudo muito limpo, irrepreensivelmente limpo!



«FRAU» HELEN veio da Alemanha há mais de trinta anos e por aqui ficou. E' mãe de filhos brasileiros. Está prêsa à terra, portanto



AQUECENDO O FORNO para fazer o pão do dia seguinte. Pão feito em casa, do melhor milho da região, fresquinho e saboroso, é também fornecido para os restaurantes da cidade. A mulher do colono sabe como prepará-lo às maravilhas. Aprendeu dos pais e avós . . .



O FILHO FAZ o serviço mais pesado: parte lenha para fazer fogo. Ao fundo, sua velha mãe dá milho às galinhas. Ela é quem manda!



E A MULHER DO COLONO trabalha sempre. Agora prepara o jantar para o marido e os filhos, que mourejam no campo. Aqui os espera uma gostosa sopa e outros quitutes. Seus cuidados estão concentrados na família, para ela vive sem outras preocupações



SALVE O VELHINHO! — Quando o «jeep» com a reportagem, passou pela estrada, êle saudou-nos com alegria. Tipo do velhote simpático, não?



SEMPRE DESCALÇAS, mas decentemente vestidas, muito limpas, elas aprendem as primeiras letras. Só no ano próximo irão para o colégio



MULHERES DO CAMPO, sadias, da melhor constituição física, pegam na enxada e, com vontade, dão seu concurso à lavoura. Há verdadeiros tipos de beleza nesse mister. Terminado o labor, elas vestem suas melhores roupas e voltam à casa, para esperar o marido



PERFURANDO O POÇO que lhe facilitará o trabalho de regar as plantações. E do poço também há de sair a água límpida para beber



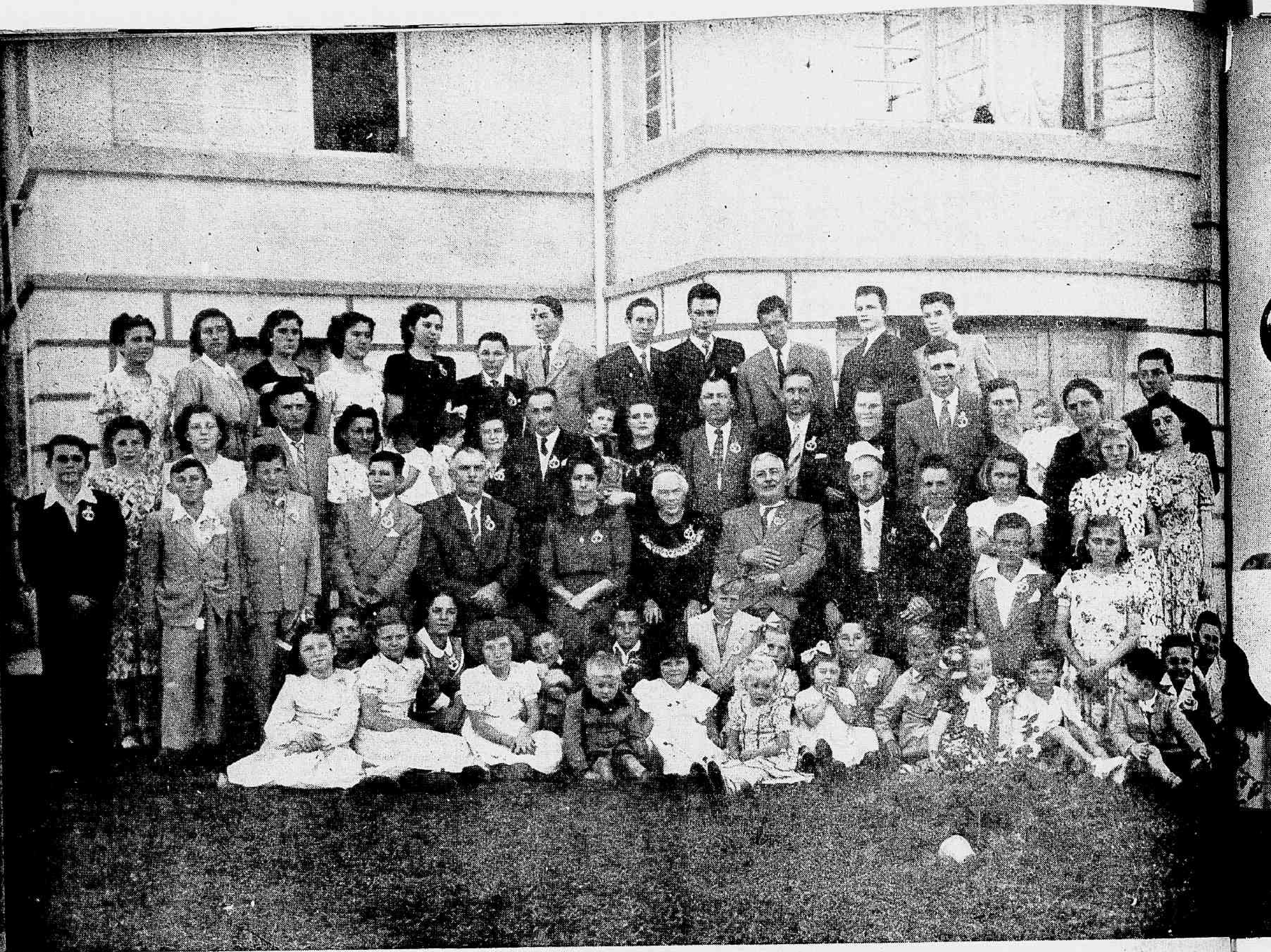
MOSTRANDO QUE PLANTANDO DÁ, essa gente cuida de intensificar a lavoura e o faz em larga escala. Aqui está uma família entregue à faina de capinar aipim. As crianças prestam seu auxílio, e o bom tempo ajuda a tarefa. Sol de inverno faz muito bem à saúde



TRÊS GERAÇÕES de colonos: o avô, dois filhos e três netos. Seis homens — de ontem, de hoje e de amanhã. Mas todos trabalham



A COLHEITA DE ARROZ, dedicam-se em grande parte os colonos dessa fértil região catarinense. Aqui estão dois homens da lavoura, entregues a êsse agradável mister. A produção do cereal vem aumentando consideràvelmente nestes últimos anos. Arroz do melhor



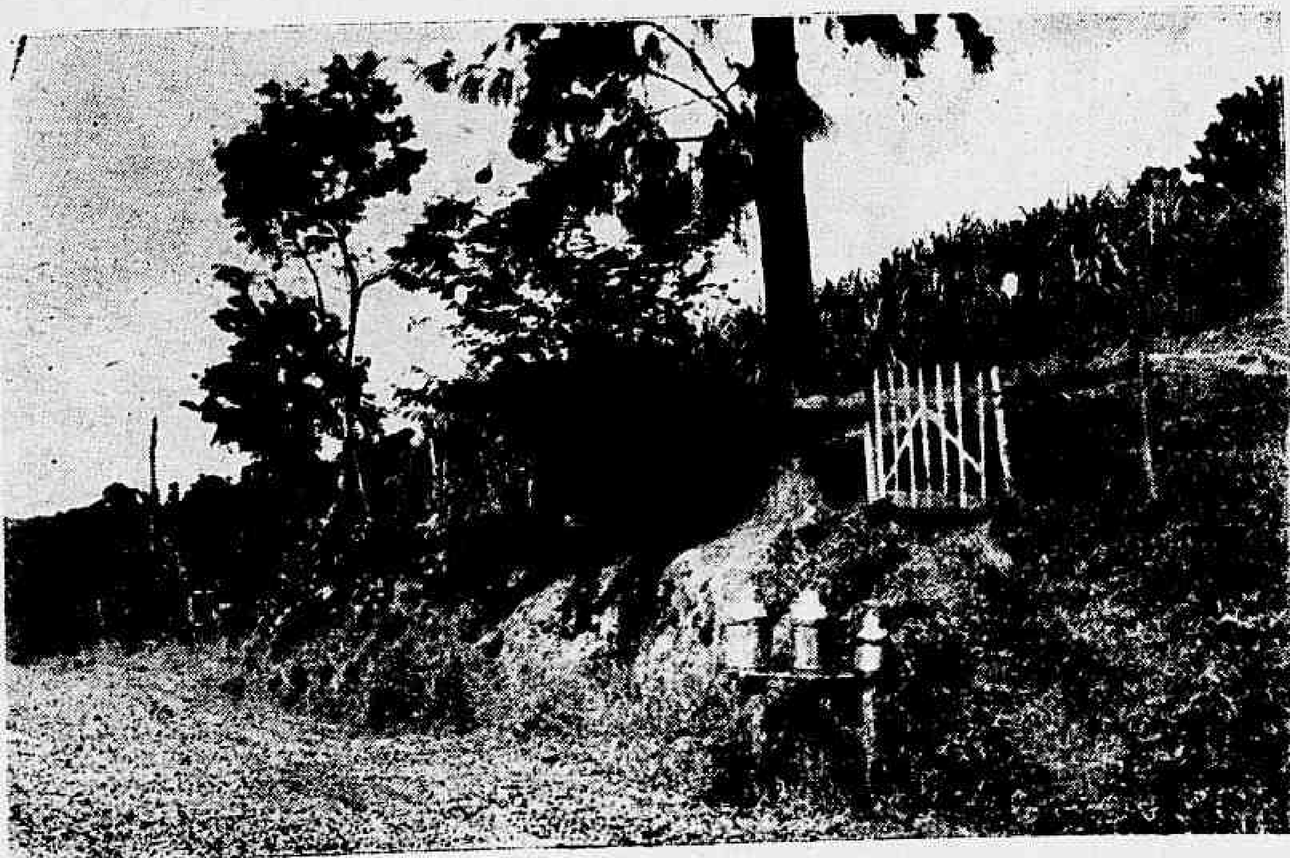
UMA FAMÍLIA ABENÇOADA, a do sr. Luís Pertoli, que se vê ao centro, de mão ao peito, tendo a seu lado a espôsa. Êste foi um flagrante obtido no dia em que o casal festejou as bodas de ouro, rodeado de filhos, genros, noras e netos. Mais de sessenta descendentes participaram da grata comemoração, que foi motivo de júbilo para o povo de Blumenau. Dezenas de brasileiros nasceram dessa abençoada união

tafantes, as necessidades sofridas na jornada por zonas de quase nenhum recurso, o prostraram no leito. E teve de regressar à côrte. Já então seus planos estavam assentados: requereria as terras marginais do Itajaí-Açu para nelas instalar uma colônia. Associou-se com um patrício, Fernando Hackradt, e, em princípios de 48, tripulando uma canoa, guiados pelo caboclo Ângelo Dias, subiram ambos o Itajaí, em viagem de exploração. Escolheram um local entre as confluências dos ribeirões da Velha e do Garcia, para as construções dos ranchos indispensáveis ao início dos trabalhos. Depois as coisas complicaram-se, porque o projeto encaminhado à Assembléia Legislativa, para fundação da colônia, encontrou quem o combatesse tenazmente, e, afinal, foi rejeitado. Ao mesmo tempo a sociedade que o dr. Blumenau representava e em nome da qual pretendia a concessão das terras do Itajaí, vinha de dissolver-se em Hamburgo.

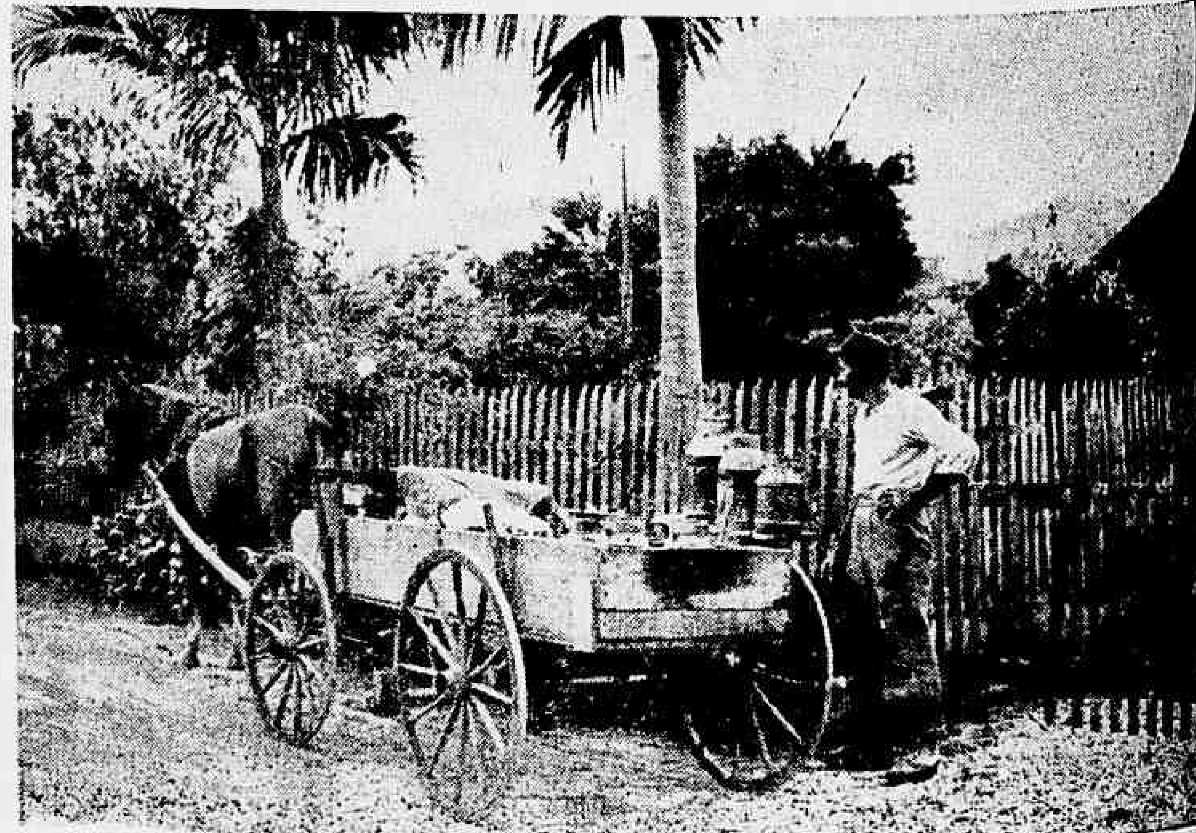
Mas o homem não desanimou. Era dêsses que fazem dos percalços, fatôres estimulantes, e obteve, afinal, licença do Presidente da Província para tentar, a título precário, a colonização das terras pretendidas. Elas ser-lhe-iam transferidas depois que se desse início aos serviços e chegassem os primeiros imigrantes.

Parte o dr. Blumenau para o Rio. Recorre ao Imperador, aos ministros, mas só recebe promessas. Fiado nas mesmas, volta à Alemanha, publica folhetos de propaganda, visita amigos influentes, vence inúmeras dificuldades que inimigos velados, no propósito de desviar correntes imigratórias alemãs para o Chile e Argentina, lhe punham no caminho, e consegue, afinal, dezessete compatriotas que se prontificam a vir para o Brasil e dar começo aos trabalhos da colonização.

Obteve, ainda, na Alemanha, refôrço de capital com empréstimo e a venda de alguns bens que possuía. Entrega a um sobrinho a tarefa de guiar os primeiros colonos desde a Alemanha à barra do Velha, e faz-se novamen



MANHÃ CEDO, o colono põe o vasilhame com o leite fresquinho, à beira da estrada, para fora da cancela e vai tratar de seus afazeres. Não tem tempo para ficar esperando a passagem do carro



DURANTE O DIA, as vasilhas são retiradas pelo carroceiro, que à tarde as repõ[e no] mesmo lugar, já vazias. Não há perigo de furto. Êsse hábito é tradicional na r[egião], sendo por todos respeitado



GUSTAVO HACKLANDER, durante 37 anos, subiu e desceu o rio, entre Itajaí e Blumenau, comandando as barcas «Progresso» e «Blumenau». Recentemente enviuvou. Na parede, uma alegoria das suas bodas de ouro



GERMANA NAZARI tem 120 anos de idade, é solteira, nasceu em Brusque e reside em Blumenau desde 1860. Está surda e muda, mas conserva inteira lucidez de sentidos. E' uma relíquia da cidade

de velas para o nosso país. Ainda outros transtornos e maiores decepções o aguardavam. O sócio que aqui deixara, com soma regular de dinheiro, não havia correspondido à confiança que nêle depositara. Construira apenas uns ranchos mal ajeitados e um engenho que mal serrava. Nada de plantações, de útil à obra de maior premência, para abrigar, ao menos, as dezessete pessoas que estavam prestes a chegar.

Blumenau desfaz a sociedade com êle e mete, sòzinho, mãos à obra, na tarefa ingratíssima de levar para a frente, quase sem recursos pecuniários, o estabelecimento que ideara, e que lhe daria ainda maiores dores de cabeça, muitos desgostos e aborrecimentos.

Enfim, depois de longa travessia, chegaram à capital da Província os dezessete primeiros imigrantes, fazendo a viagem a bordo do veleiro "Christian Mathias Schroeder". Em Destêrro permaneceram na Alfândega, por alguns dias, daí seguindo num iate para Itajaí.

★

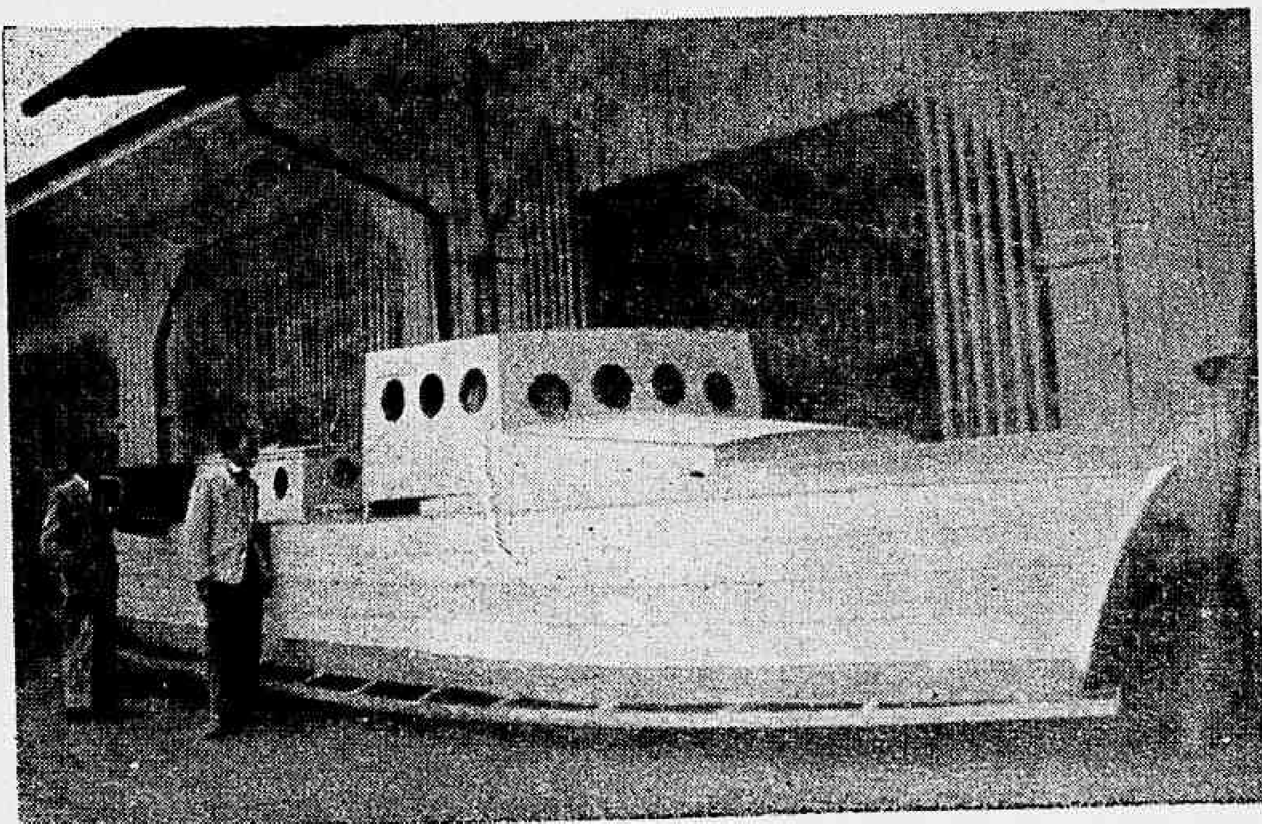
E' fácil de imaginar, como bem diz o relato histórico do sr. José Ferreira da Silva, o que foram os primeiros tempos dêsses dezessete bandeirantes, com Blumenau à frente, em plena mata-virgem, e em luta com uma natureza luxuriante e deslumbradora, mas, ao mesmo tempo, tão cheia de perigos. Ranchos foram construídos para vivendas provisórias, à embocadura do Velha, derrubadas eram feitas para as plantações, e em breve as clareiras que o machado ia abrindo na mata espêssa, cobriam-se de lavoura. Verdejava o milho entre os troncos queimados das velhas árvores sacrificadas: a cana, o aipim, a batata cresciam com rapidez, graças à fertilidade espantosa da terra, cujo seio a enxada rasgava pela vez primeira.

E no quintal do fundador, começavam já a florescer as roseiras trazidas da Europa, e salvas de mil peripécias na sua aventurosa viagem de regresso ao Brasil.

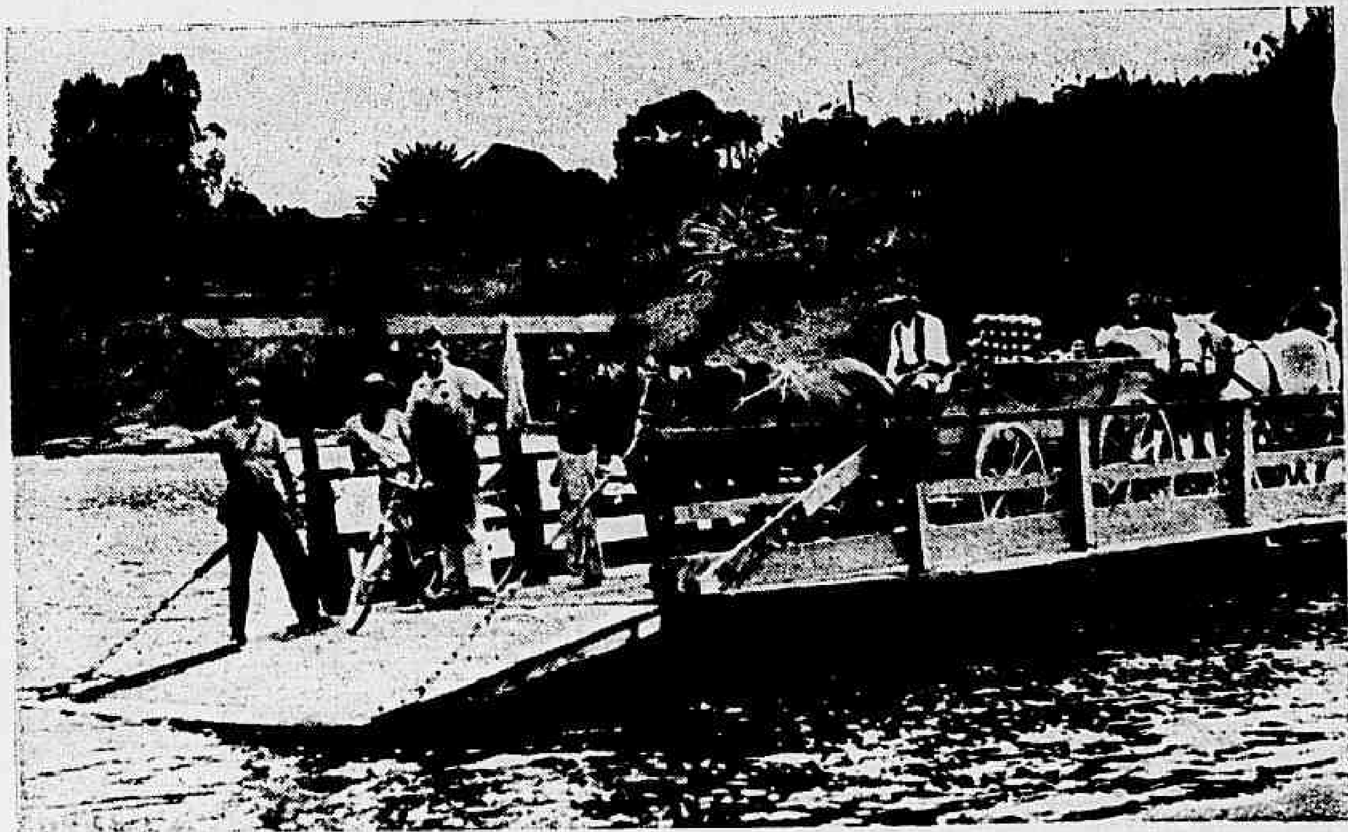
Estava, enfim, fundada Blumenau.

★

(No próximo número: Conclusão desta reportagem, com o 2º capítulo: BLUMENAU — A TERRA).



A LANCHA «PROGRESSO», reconstituída para desfilar no préstito do Centenário, em setembro. Nessa ocasião, seu antigo timoneiro, Gustavo Hacklander, voltará a comandá-la, como fêz desde 1895 a 1909



A TRAVESSIA do rio Itajaí-Açú, em plena Blumenau, faz-se ainda pelo arcáico processo da balsa, impelida a tração braçal por um homem forte. O povo espera, para algum dia, nesse lugar, uma ponte

A VIDA DE TEODORA

(508 — 548)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

A vida de Teodora começou tritissimamente. Seu pai, preparador das feras na arena de Constantinopla, fôra mortalmente abraçado por um urso. Sua mãe, ficando com três filhinhas aos seus cuidados, empregou-as a princípio nos trabalhos servis do circo. Depois quando elas se tornaram mais crescidas e mais bonitas, fê-las assumir os encargos mais lucrativos, mas nem por isso menos degradantes, do bordel. Teodora tinha apenas dez anos quando travou relações com a "infamante profissão" — não, todavia, como participante, mas como ajudante. Seguia sua irmã mais velha, Comito, de casa em casa, com um tamborete na cabeça, e ficava à espera de que sua irmã estivesse pronta para a próxima entrega.

Aos doze anos, Teodora foi considerada suficientemente desenvolvida e sabida para tomar a seu cargo tôdas as incumbências do ofício. Estava assim habilitada a passar do lupanar para o palco. Isso, porém, não significava elevação na sua posição social. Porque as atrizes, as cortesãs e os cavalos de corrida eram considerados da mesma categoria: instrumentos sub-humanos da diversão pública e privada.

Mas não tardou que Teodora se tornasse conhecida por seus extraordinários dotes para divertir os espectadores. Tinha um modo especial de inchar as bochechas, de transfigurar o rosto, de se contorcer com imaginárias dores sob o império de imaginarias aflições. Era capaz de propagar pelo circo inteiro estouros de riso. Um agradável pedaço de mulher para os cansados negociantes de Constantinopla.

E um saboroso manjar para os jovens estróinas aristocratas nos seus jantares íntimos. Num dêsses jantares — baseamo-nos em referências do historiador Procópio — entreteve um após outro dez convivas e trinta escravos. "E quando rompeu o dia, era a menos cansada do grupo".

Era o deleite de todos os moços e o escárnio de tôdas as velhas de Constantinopla. Sedutora, talentosa, sagaz, bela e cúpida, prontificava-se a vender seus encantos tanto a patrícios como a plebeus. Mostrava pouco interêsse pela cor do sangue dum homem. O que lhe importava era a cor da moeda dêle. Era tão desprovida de boas maneiras quanto cheia de atrativos. Uma mulher em condições de ser mimada, mas não de se inspirar confiança. Porque seus compromissos valiam tão pouco como suas palavras. Muitas vêzes vendia uma de suas "noites" a um pagador de alto prêço, e o expulsava de casa se se apresentasse outro oferecendo quantia maior.

Qualquer dia dêstes — advertia-a a mãe — levarás um tombo.

— Sim — concordou sua irmã Comito — ou então serás bafejada pela sorte.

— Estou pronta para as duas coisas — respondeu Teodora, sorridente.

Mas a êsse tempo ela absolutamente não percebia quão proféticamente tinha falado. Pois que todo o seu futuro ia ser uma dramática sucessão de venturas e desgraças.

II

Sua primeira grande ventura veio em formas de um nobre tírio de nome Hekebolus. Êsse homem acabava de ser nomeado governador da província africana de Pentapolis (Bengasi). Para celebrar sua boa sina, convidou diversos amigos para um banquete e contratou Teodora para entretê-los. O desempenho dela foi tão primoroso, que Hekebolus, num arroubo de inebriada inspiração, pediu-lhe que o acompanhasse à África.

— Como sua espôsa?

— Sinto muito, mas isso é impossível. Não sabe que há uma lei que impede o casamento de um patrício com uma atriz?

Para a filha do preparador de animais, era um passo à frente. Do circo ao palácio do governador. Ainda não era exatamente o que Teodora desejava. A África era uma região insípida cheia de "bárbaros". Ela sentiu falta da vida de noitadas de Constantinopla. Hekebolus, para falar verdade, estava plenamente satisfeito com ela. Mas ela não estava de modo algum contente com Hekebolus. O governador recolhera-a, para maior segurança, ao *gynaeceum* (o alojamento das mulheres no palácio). Não achando graça em ficar ali sòzinha, o único passatempo dela eram os mexericos alcoviteiros que mantinha de quando em quando com o eunuco encarregado de vigiá-la. Mas ajustou contas com Hekebolus. Subornou o eunuco e o fêz introduzir um jovem cavalheiro que não tinha o que fazer, enquanto o governador estava ocupado com os seus deveres administrativos.

Uma imprudência. E essa imprudência teve como resultado sua primeira grande desgraça. Um dia Hekebolus chegou inesperadamente aos aposentos dela, descobriu-lhe a infidelidade, e a mandou levar para o deserto.

Desolados areais diante dela. Dias cálidos, solitários e desesperados. Vagueou de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, mulambenta, mascateando amor. Coletividades paupérrimas, populações miseráveis. Apenas algumas migalhas de pão para conservar os ossos de pé. Uma túnica em trapos sôbre o corpo exausto, um par de sandálias rôtas nos pés inchados. Uma tempestade de areia redemoinhando por cima dela, um redemoinho de desespêro dentro dela.

Passo a passo se arrastou até Alexandria. Para conseguir atravessar a porta da cidade, acenou para o guarda com um gesto lascivo. Êle compreendeu qual a ocupação dela, e a deixou entrar. Numa cidade de cem mil cortesãs e quinhentos mil homens, Teodora acharia tolerância, se não encontrasse a felicidade.

Para encurtar o caso: depois de sua chegada à "Paris do mundo antigo", ela foi apesar de tudo prêsa — alguma arruaça ou outra coisa — e suas costas foram queimadas com ferro em brasa. Havia de conservar essa "linda mancha" até o fim de seus dias.

Uma sucessão de maus passos sem rumo, à procura de dinheiro, e a seguir um outro concubinato com um ricaço. E outro abandono. Êste último amante era um mercador de Antióquia. Quando seus negócios em Alexandria foram concluídos, êle a deixou sem cerimônia, não obstante ela estar em vésperas de ser mãe.

Tinha dezoito anos apenas, e já esgotara o cálice da amargura até as fezes. Não havia mais que duas saídas para sua difícil situação; o suicídio ou o convento. Escolheu a última.

Por algum tempo se entregou ao refúgio do convento; mas quando seu filho nasceu, a impaciência não a deixou parar. Viajou para Antióquia, com o único resultado de ficar sabendo que o pai da criança morrera. Deixando o menino na soleira da porta da avó, voltou a Constantinopla. "Talvez que voltando à minha terra eu volte à minha felicidade".

Nesta altura, os historiadores dão duas versões sôbre o período seguinte da vida de Teodora. Uma corrente afirma que ela se estabeleceu numa cabana retirada, trabalhando no tear e rogando aos santos, até que Justiniano, o "Príncipe Encantador", soube do piedoso comportamento dela e a fêz passar da sua pobreza de Gata Borralheira para o esplendor do palácio dele. A outra corrente, menos romântica e mais realista, declara que a incorrigível aventureira literalmente abriu caminho até o leito real, dançando:

Adotaremos aqui a segunda versão, já que se coaduna mais com o caráter de Teodora. De acôrdo com essa versão, uma velha atriz amiga de Teodora deu-lhe uma carta de apresentação a Justiniano.

— Eu o conheci nos tempos da mocidade — disse a atriz Macedônia. — Talvez que com a minha recomendação você consiga que êle a mande de novo para o circo. Mas isso — acrescentou — se chegar a vê-lo.

— Pelo menos vou tentar — replicou Teodora.

Tentou, e foi bem sucedida. Certa noite, quando Justiniano, sentado à sua mesa, esquadrinhava sua papelada administrativa e tomava um caldo de carneiro, seu prato predileto, os reposteiros da janela se agitaram e Teodora entrou na peça. Justiniano ergueu os olhos de sobrecenhos carregados.

— Estou ocupado — grunhiu êle — e não quero ser perturbado.

Ia soar a campanhia chamando um serviçal, quando algo no semblante dela o fêz deter-se. Um ar conhecido. Tinha-o visto nalguma parte... Oh, sim! no circo, anos atrás. Aquêle sorriso dela, meio cômico, meio patético. Era difícil resistir-lhe!

— Mas como conseguiu passar pelos guardas? — perguntou êle.

— Eu entrei pelos fundos, trepei nas parreiras, quase caí e quase quebrei meu pescoço, coitadinho... E aqui estou!

A fímbria de seu vestido estava rasgada, deixando ver um tornozelo delicadamente torneado. Justiniano até que gostou daquela criatura atrevida.

— E que deseja de mim? indagou.

— Sua amizade — respondeu ela simplesmente, estendendo-lhe a carta de Macedônia.

Êle a leu, e passou os dedos pelos cabelos encaracolados e grisalhos.

— Então quer mesmo voltar ao circo?

— Se fôr preciso, Excelência. Mas bem que eu queria que não fôsse.

Ela o olhou provocantemente, e o olhar dele sorriu para o dela com simpatia.

— Você não voltará para o circo.

III

Justiniano, herdeiro do Império do Oriente, era um camponês bulgaro, de nascença. Seu tio Justino, num rústico Hércules iletrado, começou como um soldado afortunado e pugnou para se apoderar do trono. Tendo sessenta e oito anos quando foi coroado imperador, adotou Justiniano como seu filho e herdeiro. Justiniano tinha o corpo de um vilão, o espírito de um sábio, e os gostos de um adventício. Embora dado ao estudo, taciturno e geralmente arredio, gostava de se cercar de faustosa pompa nos seus poucos aparecimentos em público. Sua ostentação tornou-se para êle como um diadema na cabeça de um touro. Era um selvagem civilizado. E viu em Teodora um garrido adôrno para o esplendor bizantino do seu palácio.

Um adôrno, todavia, que mesmo os habitantes displicentes de Constantinopla relutaram em aceitar. Transformar um aldeão num rei estava bastante bem. Mas uma cortesã numa rainha? Isso era demais!

— Abaixo a meretriz! — bradavam. — O nome dela não é Teodora, a dádiva de Deus, mas Demonodora, a dádiva do Diabo!

Mais sério, no entanto, do que o desagrado da multidão era a desaprovação da imperatriz Lupicina, espôsa do imperador Justino. Mulher de hábitos rústicos e princípios morais rígidos, recusou-se a receber uma cortesã por sobrinha. Justiniano, porém, esperou pacientemente a morte de Lupicina, já muito velha a êsse tempo, e então persuadiu seu tio a tornar mais liberais as leis sôbre o casamento, de maneira a atingir várias classes sociais. "Abrem-se as portas de um magnífico arrependimento" — expunha o novo edito — "para as infortunadas mulheres que tem sido forçadas a aviltar suas pessoas no teatro. Doravante lhes é permitido contrair uma união legal com os mais ilustres cidadãos do Império".

E assim Justiniano casou-se com Teodora, e proibiu que o povo espalhasse quaisquer difamações a respeito dela. "Deixem-na familiarizar-se com a grandeza, que ela não será mais uma mulher inferior".

No comêço do reinado de ambos, Teodora era apenas a espôsa do rei. Dentro em pouco, porém, Justiniano passou a ser o marido da rainha. Porque a personalidade de Teodora subjugara completamente a personalidade de Justiniano. Nunca princesa de sangue real usara a coroa com mais arrogância do que essa filha do guarda de ursos do circo. Quando os nobres, após uma longa e cansativa espera na antecâmara, eram finalmente admitidos a beijar-lhe os pés, ela os despedia com um pontapé ou um sarcasmo. Muito sensível quanto ao seu passado, contratou uma legião de espiões para lhe informarem de qualquer referência desairosa que pudessem ouvir relativamente a ela. Uma simples palavra desavisada, mesmo por parte de um senador, significava a perda da cabeça, ou no mínimo da língua. E quando o carrasco era muito moroso no cumprimento do dever, ela o incentivava em nome de Cristo, mas com a mais anticristã das ameaças:

— Se falhares na execução das minhas ordens, juro por Deus, que vive por tôda a eternidade, que te farei esfolar vivo!

Era tão avarenta quanto viciada. Tirava o dinheiro dos mais ricos cidadãos; e então, "sem nenhuma piedade para com a amarga privação deles", tirava-lhes as vidas.

Atriz inata que era, sabia como dramatizar a morte de suas vítimas. Certo dia Justiniano foi avisado de que o chefe gôdo Vitaliano cobiçava-lhe o reino. A conselho de Teodora, convidou Vitaliano a vir visitá-lo em Constantinopla junto com sua comitiva. "Desejo discutir acêrca de uma aliança militar entre nós". Se Vitaliano estivesse prevendo, teria tratado a carta de Justiniano da maneira do costume. Isto é, teria cortado fora a orelha do mensageiro, mandando-o de volta como sinal de que não dera atenção à sua mensagem. Nada suspeitando, entretanto, ou receando talvez revelar-se abertamente rebelde, aceitou o convite de Justiniano e chegou a

(Cont. na pág. 44)



IMPERATRIZ TEODORA

BARBOSA LEITE

E O MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO ARTÍSTICA NO CEARÁ

Texto de ELIARDO FARIAS



BARBOSA LEITE ao lado de um de seus trabalhos

ANOS faz, dizíamos a Francisco Barbosa Leite — quando da inauguração do «IV Salão de Abril», em Fortaleza, se não nos falha a memória — que sua pintura precisava se libertar dos moldes quase clássicos a que se prendia e procurar rumos diferentes, soluções novas. Mas o pintor, artista de extraordinário senso de responsabilidade, não nos deu ouvido e continuou o seu trabalho de artesanato, cada vez mais preocupado em dominar definitivamente sua técnica.

Os anos passaram e um dia notamos a falta de Barbosa Leite em Fortaleza. Soubemos, depois, de uma exposição sua, coroada de êxitos, em Recife. Por último, eis que nos encontramos com o pintor no Rio, êle lecionando na Associação Brasileira de Desenho e disposto a tornar-se ilustrador de alguns suplementos literários cariocas conseguindo-o em parte apenas, visto como é bem difícil transpor as barreiras criadas por elementos enquistados — é bem o têrmo — nos meios culturais, alguns dêles mediocres e superados, dormindo que ficaram eternamente sôbre os frágeis louros conquistados.

A convite do pintor estivemos no hotel onde reside juntamente com Carmélio Cruz, outro pintor cearense, de inestimável merecimento, aliás. Falamos, os três, do Ceará e de sua vida artística. Remontamos às origens do movimento de renovação artística e cultural realizado pelos novos do Ceará, a despeito da falta de ajuda material para divulgação de seus trabalhos e da supina burrice circundante. — Oh! os implacáveis senhores de colarinho engomado! Lixo tão burguês, não é mestre Mário? — Relembramos, entre fumaças de cigarro e já noite alta, a fundação da Sociedade Cearense de Artes Plásticas e o lançamento do número zero da revista Clã, hoje conhecida em todo o Brasil e superiormente dirigida por Fran Martins. Finalmente, e como não podia deixar de ser o «Café do Comércio» veio à baila e não foram esquecidas as loucas conversas dessa extraordinária e irrequieta figura de escritor e de poeta que é Antônio Girão Barroso, nem muito menos as gostosíssimas risadas do sociólogo Joaquim Alves. Devemos esclarecer que o «Café do Comércio» é o local de reunião dos intelectuais cearenses. Escritores, professôres, pintores, ali se encontram todos os dias: Aluísio Medeiros (uma alta e poderosa poesia), José Maria Moreira Campos (um dos maiores contistas do Brasil), Artur Eduardo Benevides (uma nota lírica delicadamente sentida), Braga Montenegro (um escritor que leva a sério o seu trabalho), Eduardo Campos (teatrólogo), Álvaro Costa (prof. da F. de Direito), Mozar Soriano Aderaldo (ensaísta), Barrica (um sério pintor), Durval Aires (poeta) e Climaco Bezerra (romancista de forte conteúdo lírico).

Fazemos um parêntesis para registrar o nome de Lúcia Perales e o seu real talento para o teatro; único, aliás, no Ceará.

EXPOSIÇÃO DE 1º A 15 DE JULHO DE 1950

No desenrolar da palestra, à certa altura, Barbosa nos mostra quadros que expôs no salão da Associação Brasileira de Desenho, de 1º a 15 de julho passado.

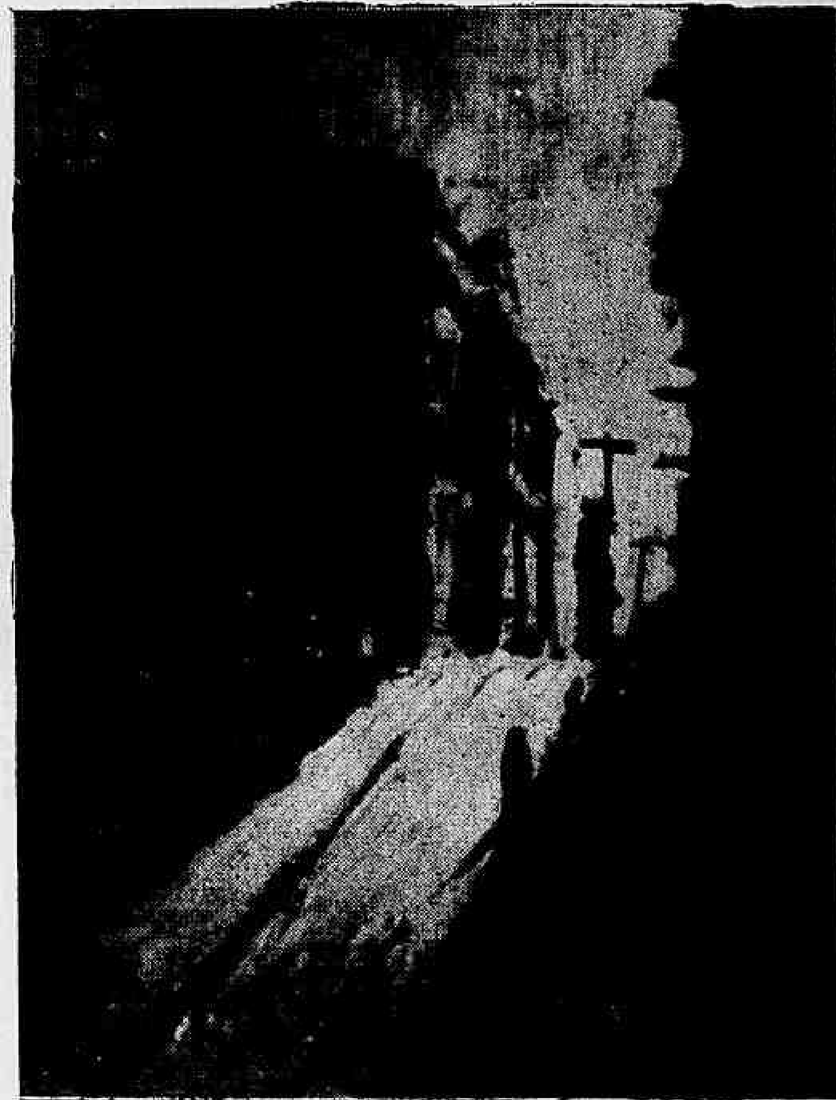
Um a um vão passando sob nossos olhos comovidos os quadros dêsse pintor que tem percorrido com uma hones-
(Cont. na pág. 48)



«USINA»



«CABEÇA DE JANGADEIRO»



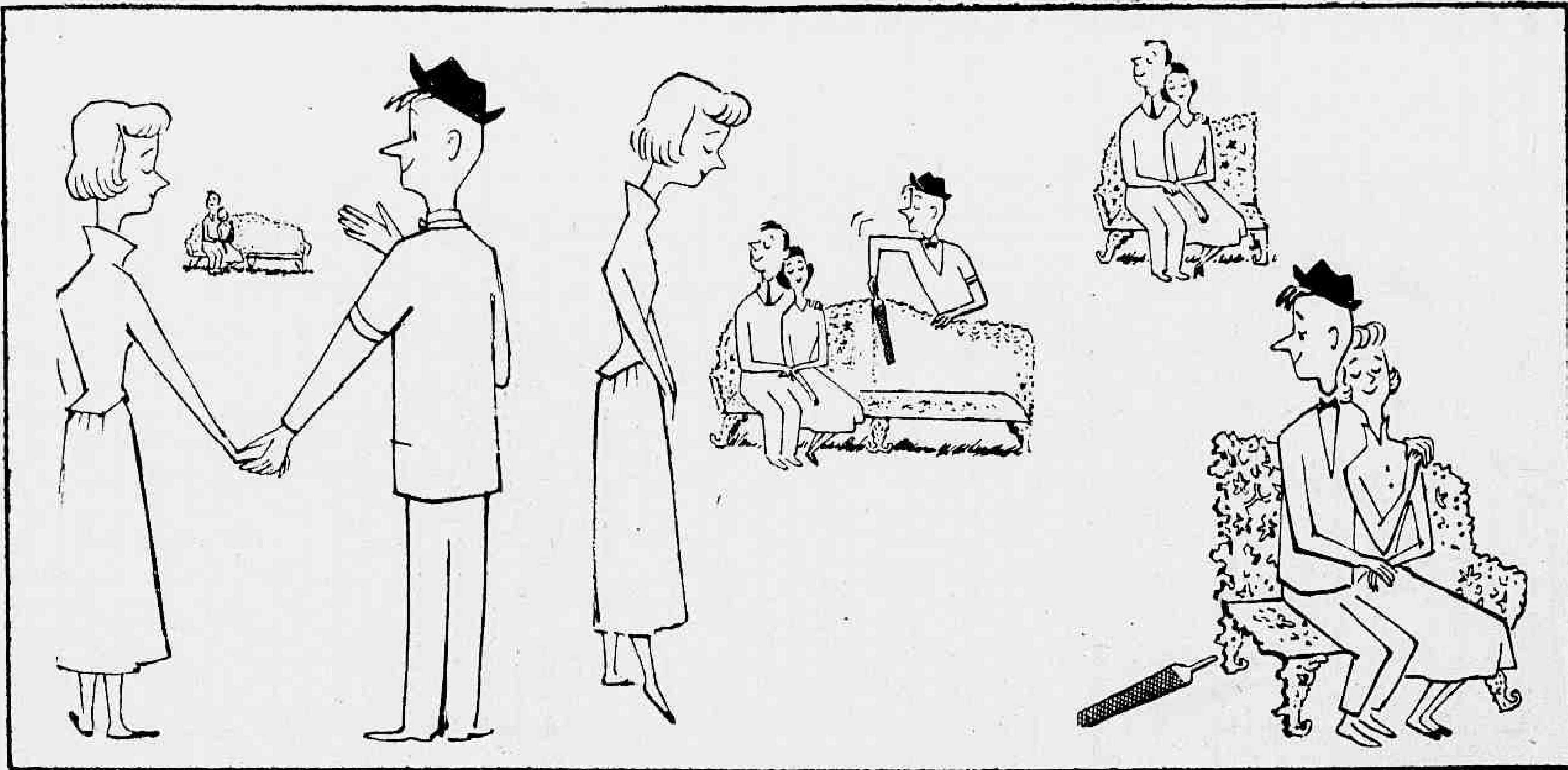
«RUA EM FORTALEZA»



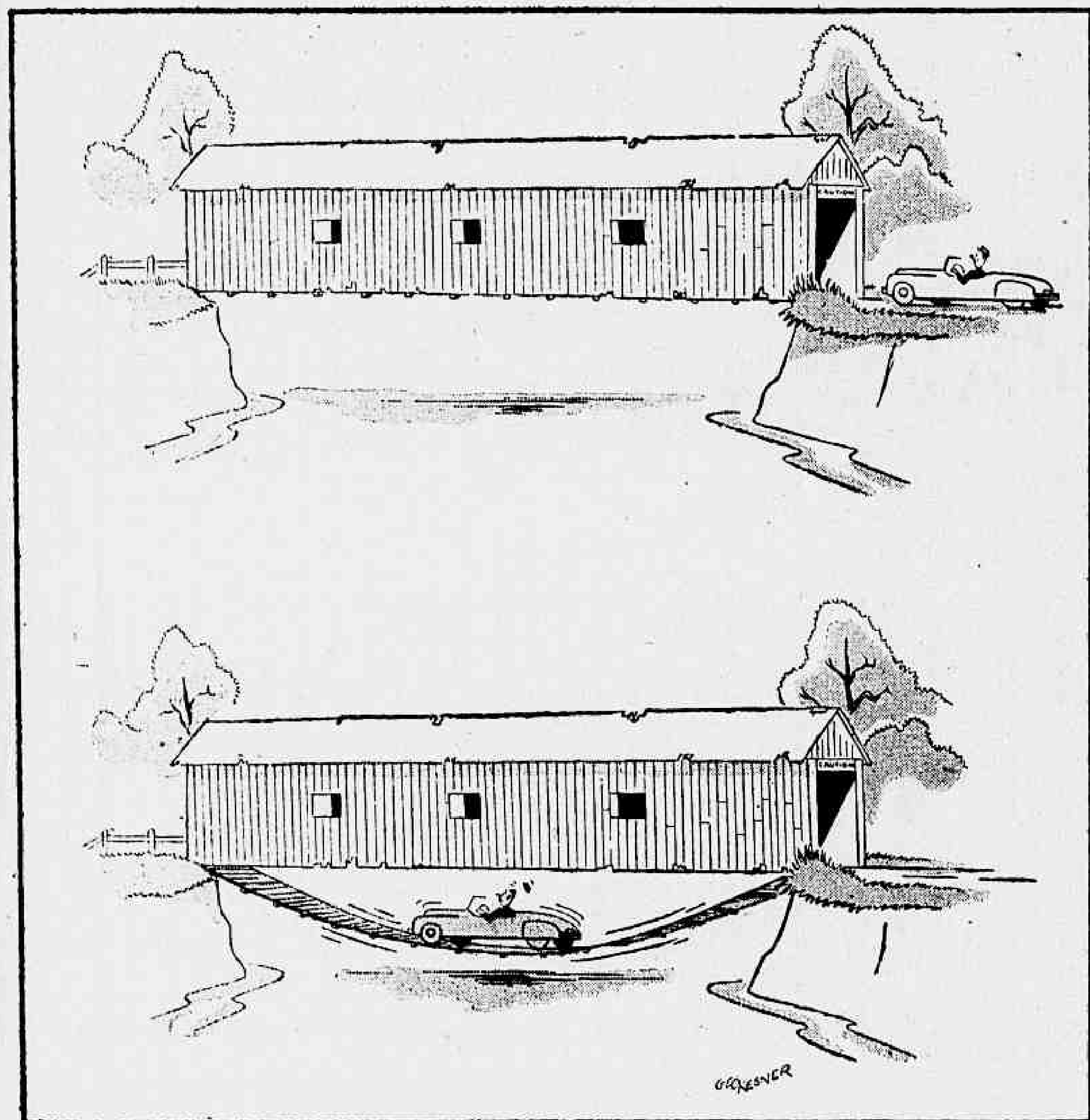


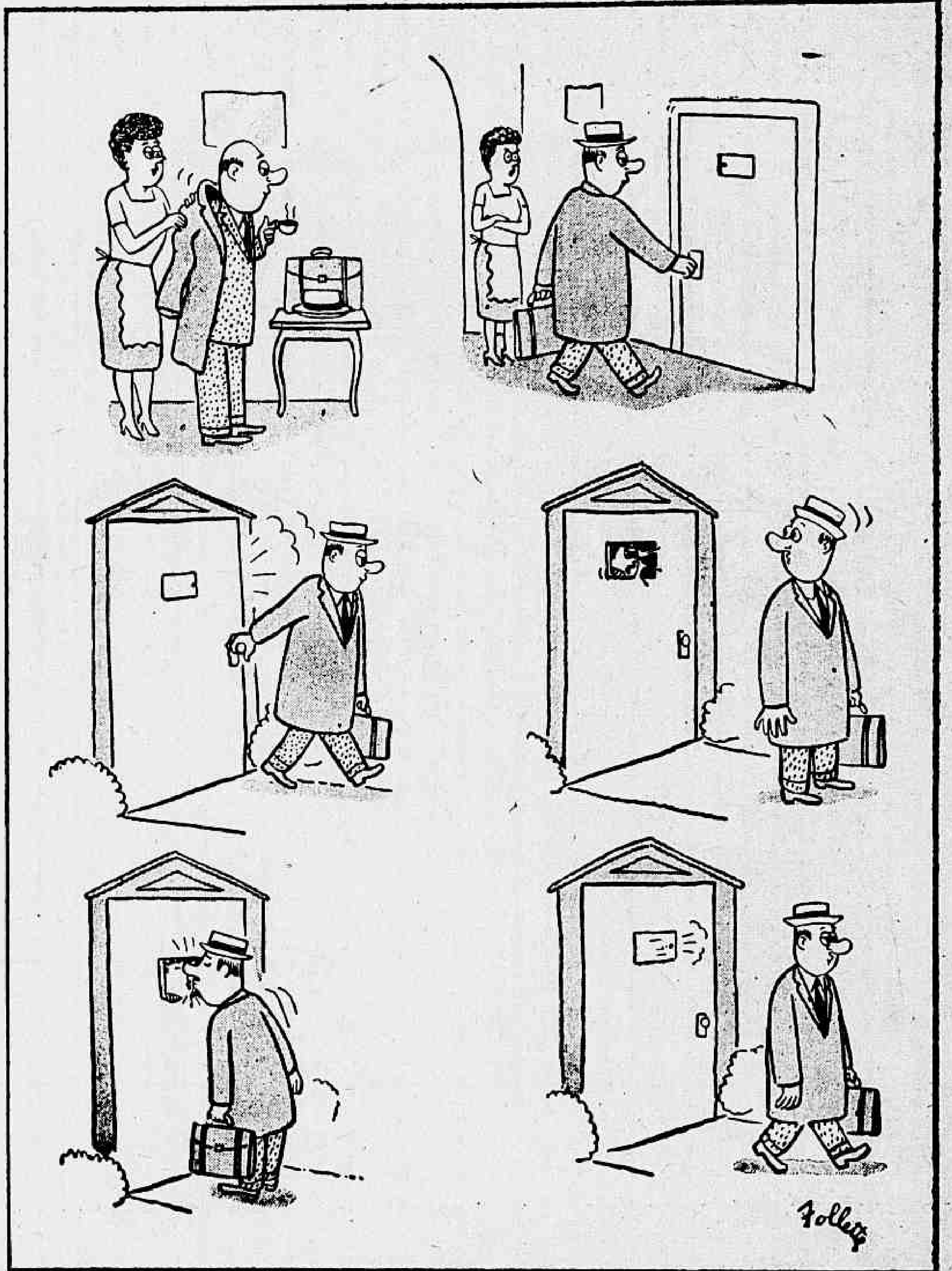
GEORGE BOULANGER

GEORGE Boulanger, considerado o maior violinista da atualidade no gênero cigano, vem atuando com pleno êxito ao microfone da PRH-9, Rádio Bandeirantes de São Paulo, em temporada sob os auspícios do Salão de Crá Astória e da Casa Scaff. Segundo informações que nos chegaram, aplausos frenéticos coroam sempre as magistrais interpretações do famoso artista, que apresenta belíssimas páginas de sua autoria. Assim, revela-nos êle mais uma facêta de seu gênio: a de compositor emérito. Além disso, Boulanger tem apresentado originais arranjos de músicas nossas, tais como "Aquarela do Brasil", "Casinha Pequenina", "Tico-Tico no Fubá" e outras. O estilo característico de Boulanger; sua técnica personalíssima; seu vigor de interpretação, tudo aliado ao sentimento que imprime ao seu "Stradivarius", levam à conclusão de que nos encontramos em face de uma das mais vigorosas expressões artísticas da época.

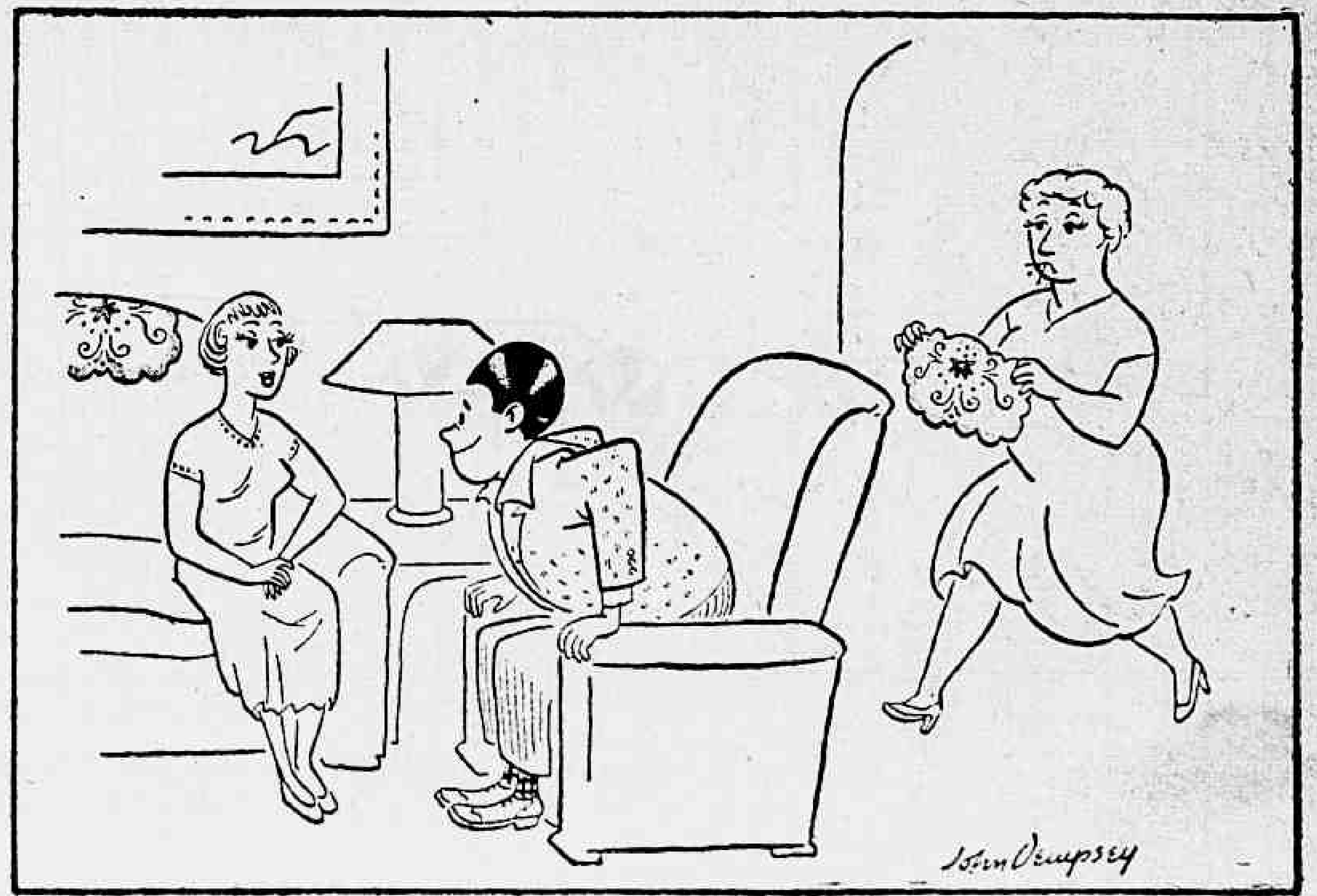


BOM HUMOR











Flagrante da conferência do prof. Joaquim Ribeiro, realizada na Biblioteca Nacional, primeira de uma série de palestras sôbre nutrição, do programa da Semana da Alimentação



Aspecto da inauguração da Cantina do Trabalhador, em Madureira, na Semana da Alimentação, vendo-se, entre outras pessoas, o diretor geral do SAPS e sra. Umberto Peregrino



A nutricionista Noêmia Perin de Góis falou sôbre «A nutricionista como agente do serviço social», na cerimônia de encerramento do Curso de Extensão para Nutricionistas, do SAPS



O ministro interino do Trabalho, sr. Marcial Dias Pequeno, fazendo a entrega do diploma a uma nutricionista formada êste ano pelo Serviço de Alimentação da Previdência Social

PRIMEIRA SEMANA DA ALIMENTAÇÃO

1ª SEMANA DA ALIMENTAÇÃO

PROMOVIDA PELO SAPS

24 a 29 de JULHO

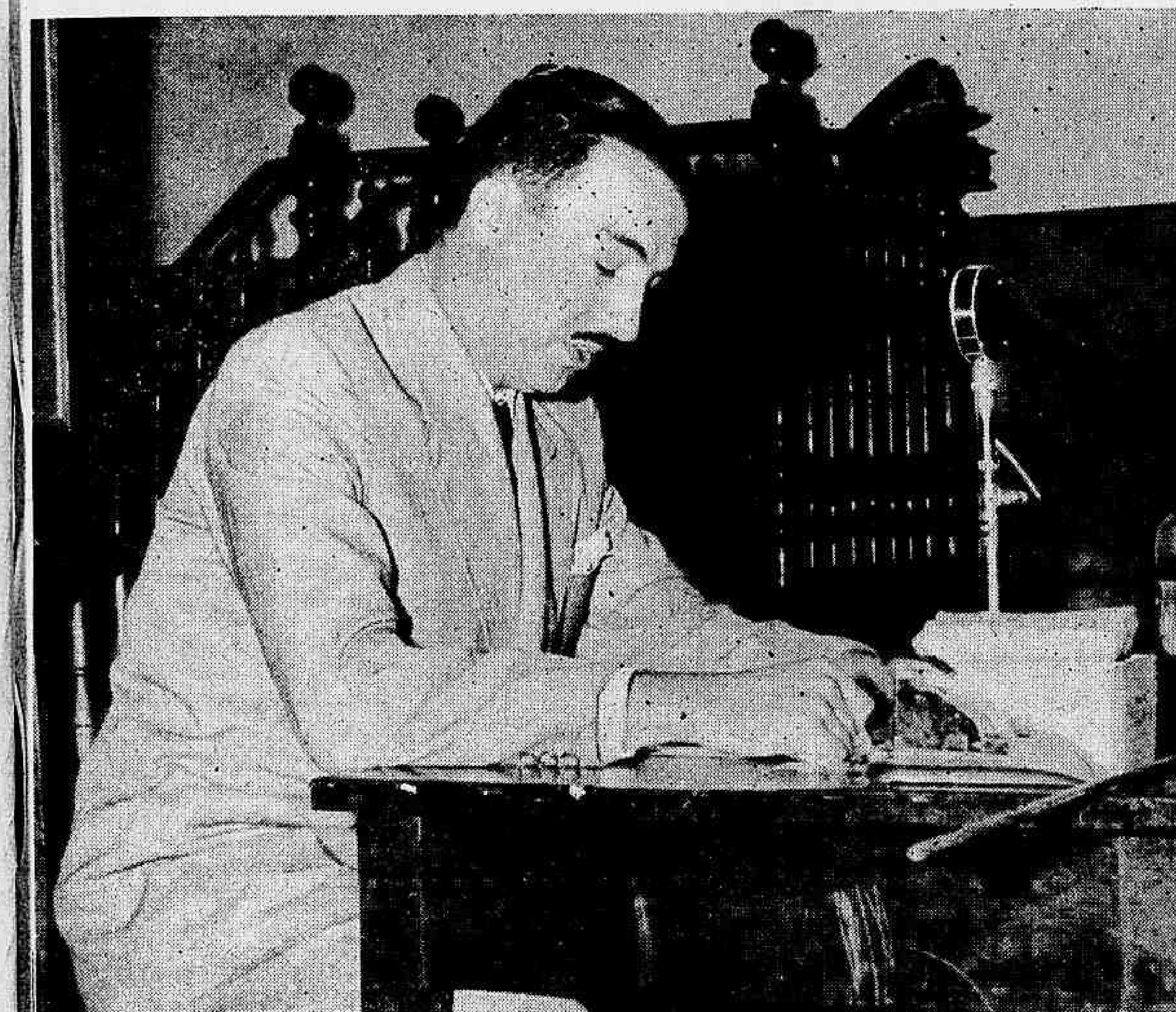


BEM ALIMENTADO VALE POR TRÊS

ORGANIZADA pelo Serviço de Alimentação da Previdência Social, realizou-se, no período de 23 a 29 de julho último, a Primeira Semana da Alimentação, iniciativa destinada a despertar a atenção dos estudiosos e observadores para um dos mais importantes ângulos do problema social entre nós. Era de prever, assim, que a «Semana» alcançasse enorme repercussão nos meios nutricionistas da Capital e mesmo entre os que, de algum modo, se interessam pelos assuntos que dizem respeito à alimentação do povo. E assim aconteceu, excedendo às mais otimistas previsões o sucesso verificado em todo o seu transcurso. Disto é prova o êxito surpreendente das conferências diárias programadas, cujos autores se viram, por vêzes interrogados, de outras feitas contrariados pelos assistentes, cada qual defendendo pontos de vista próprios, visando todos, entretanto, à elucidação e ao esclarecimento das questões ligadas ao momentoso problema.

Abriu a Primeira Semana da Alimentação uma exposição de pinturas sôbre motivos alimentares, alinhando nada menos de cinquenta naturezas mortas e composições de renomados mestres da arte de pintar e de alguns novos talentos. Telas de André Lhote, de Chirico, de Casoratti, de Tôrres Garcia, de Portinari e de Segall juntavam-se às de jovens artistas como Bianco, Ramiro Martins, .Tanaka, Maria Leontina e outros, mostrando que o SAPS não tinha por objetivo apenas uma auto-propaganda, como bem disse Flávio de Aquino em sua crônica sôbre essa mostra de arte. Sòmente o Museu de Arte Moderna de São Paulo enviou dezessete quadros dos maiores pintores modernistas. Esta foi, portanto, uma «ouverture» de gala da «Semana», cujos resultados iriam surpreender talvez até os próprios organizadores. Mas a parte de maior relêvo da «Semana» consistiu, sem dúvida, nas sete conferências lidas em locais diversos e versando os mais variados temas de alimentação, pronunciadas por verdadeiras autoridades em assuntos alimentares e afins, palestras essas que tiveram um brilhantíssimo desenrolar, despertando um inusitado interêsse e suscitando amplos e quentes debates entre os seus autores e ouvintes, como já referimos atrás. Mais três exposições sôbre motivos alimentares funcionaram na Central do Brasil, na Biblioteca Popular do SAPS, e na galeria interna do edifício central dessa autarquia. Foi inaugurada uma Cantina do Trabalhador, anexa ao Pôsto de Subsistência de Madureira. Em solenidade efetuada no Ministério do Trabalho, colaram grau as novas turmas de nutricionistas diplomadas êste ano pelo SAPS, fazendo-se ouvir as oradoras respectivas e os paraninfos. Presidiu a cerimônia o ministro interino do Trabalho, sr. Marcial Dias Pequeno. Numerosos cartazes foram espalhados pela cidade, e exibidos nas vitrinas das casas comerciais, não só no Distrito Federal como no Brasil inteiro. Dêsses, um tinha por título a frase que depois tornou-se em «slogan»: «Um homem bem alimentado vale por três». Filmes foram exibidos, tais como «Um dia de um trabalhador no SAPS» e «Estudo e pesquisa alimentar». Artigos, tópicos e pequenas frases de sentido educativo foram divulgados por intermédio dos jornais e emissoras e lidos através do serviço interno de alto-falantes do órgão central da Praça da Bandeira. Foi editado o folheto «Saúde e Alimentação», para distribuição, contendo conselhos alimentares, e lançados os dez primeiros folhetos da Coleção Estudo e Pesquisa Alimentar, que reune os resultados das atividades dos técnicos do SAPS. Outras providências foram ainda tomadas no sentido de dar o máximo de brilhantismo à Primeira Semana da Alimentação. E em Juiz de Fora, Recife, Fortaleza e Salvador eminentes especialistas em nutrição pronunciaram outras conferências alusivas ao magno problema.

Todo êsse esfôrço ingente, realizado pelo Serviço de Alimentação da Previdência Social, à frente do qual está o homem idealista e empreendedor que é Umberto Peregrino, resultou na bem sucedida Semana da Alimentação, cujas benéficas conseqüências deverão ser convenientemente amparadas pelos poderes públicos, aproveitando as numerosas soluções apontadas pelos estudiosos e fazendo prevalecerem os ensinamentos tão largamente espalhados, não deixando que êstes se desvaneçam no esquecimento e que aquelas mergulhem nas trevas das coisas esquecidas, de onde só emergem quando uma fôrça sobreumana agita a nossa descrença e a nossa preguiça.



O prof. Manuel Traverso, médico-nutrólogo do Serviço de Alimentação da Previdência Social falou sôbre «A alimentação nos quartéis», no Regimento de Cavalaria da Polícia Militar



Patrocinada pela Associação Brasileira de Nutricionistas, a conferência «O problema da formação das nutricionistas no Brasil», da nutricionista Firmina Santana, fêz grande sucesso



«A alimentação do escolar no Distrito Federal» foi o tema de uma interessante conferência pronunciada pelo dr. Jorge de Lima, que atraiu numerosa assistência à Câmara Municipal



Foi das mais interessantes a palestra do prof. Peregrino Júnior, lida na Faculdade de Filosofia, abordando o tema «A primeira cartilha de alimentação da língua portuguêsa»



No auditório da Associação Brasileira de Imprensa, o prof. Heitor Grilo discorreu sôbre «Produção e Abastecimento». Tôdas as conferências foram ouvidas com vivo interêsse



Durante as conferências realizadas na Semana da Alimentação, houve por vêzes animados debates. Na gravura vê-se um assistente defendendo seus pontos de vista, numa palestra

DILEMA

«CHEGOU o momento de confessar-lhe que você tinha razão. Pressinto que me vou excedendo no emprêgo das minhas fôrças, mas agora nada poderá deter-me. Essa fôrça misteriosa que remove mundos pode conduzir-me à meta desejada, e essa esperança realiza o milagre de preencher êste ermo das minhas horas de descanso. E' tenebroso isto aqui à noite! Mesmo assim, o meu veio poético se inflama e explode em rimas como estas que lhe mando... Tem visto Elza? Breve estarei aí de novo para ver como vão as coisas.»

Sentado na borda da cama, Artur suspendeu a leitura da carta e mirou-se instintivamente no espelho do guarda-roupa, com um sorriso contrafeito. Sentia-se de certo modo culpado pelo que estava para acontecer. Mal saído dos vinte anos, Gustavo era um jovem impulsivo e voluntarioso; bem iniciado em literatura, exercitava-se na poesia e já figurava como colaborador de algumas revistas da capital. Ninguém o diria capaz de embrenhar-se nas zonas inóspitas de um trabalho duro e incerto como aquêle, mas, inclinado a assuntos e a pesquisas de minérios, mal concluiu os estudos preparatórios entusiasmou-se com a oferta que lhe fêz uma emprêsa de indústria extrativa e acompanhou-a para o interior contra todos os protestos da família. Convenceu a namorada de que não obedecia apenas aos caprichos da sua inclinação profissional, mas que dela faria sobretudo o motor da felicidade de ambos: minério era uma indústria rendosa, era artigo de exportação largamente procurado, e em breve êle estaria de volta com recursos bastante para se casarem. Elza não viu como desencorajar o namorado, resistiu ao assédio da família dêle para que o fizesse desistir daquela idéia, e acabou como o seu único apoio. Gustavo partiu.

Ao fim de alguns meses, porém, as cartas do jovem aventureiro não denotavam o mesmo otimismo das primeiras. E um belo dia êle reapareceu na capital, aproveitando uma interrupção breve dos trabalhos, durante a qual a emprêsa captaria novos recursos financeiros para a continuação dos mesmos. Era questão de horas, de poucos dias talvez, nem podia demorar muito. Com êstes e outros argumentos tentou Gustavo anular a redobrada ofensiva de sua família contra a sua volta ao interior. Ninguém se conformava em vê-lo meter-se pelo mato atôa...

— Pelo mato atôa?! — explodiu êle. Vocês estão malucos?... Então não vêem que isto é uma mina, uma emprêsa de grandes possibilidades, uma simples questão de tempo, de persistência!...

Não, ninguém via isso. Maluco era êle, o único que se iludia com tais coisas. E quanto mais se prolongava a sua permanência na cidade mais se alastrava e se reforçava a oposição do pessoal: até a família de Elza havia-se contaminado, pois o pai e a mãe dela, outrora tão compreensivos e tão condescendentes com êle, já lhe atiravam certas indiretas pouco tranqüilizadoras, — a situação estava cada vez pior, não havia dinheiro, se não se pudesse ganhar a vida na capital muito menos no interior. E Elza escutando isto tudo na ausência do namorado e contraditando-se com as versões dêle. Filha única, inexperiente, sem iniciativa, sentia-se cada vez mais confusa entre êsses pensamentos cruzados. Todavia continuava prestigiando o rapaz e dava-lhe com isto esperança de modificar em breve a situação. Antes de regressar ao trabalho visitou o seu velho amigo e confidente.

— Seu Artur, isto não é de desesperar uma criatura? — queixou-se. Só porque a emprêsa sofreu o seu primeiro revés já acham que o mundo vai acabar, que eu estou dando com os burros nágua, que estou no mundo da lua, e mais isso e mais aquilo! Ora bolas!

Acendeu nervosamente um cigarro e prosseguiu:

— Já cansei de explicar que êsse negócio requer muito trabalho, muita paciência, muita fôrça de vontade... e muito dinheiro. As vêzes rende logo de saída, é questão de sorte. Outras vêzes demora a dar resultado, e aí é que se gasta, porque o serviço não pode parar. Compreende? Se fracassa, fracassa. Mas se dá resultado, é a riqueza em pouco tempo. E a gente está começando, que diabo! Que é que custa contemporizar, ajudar um pouquinho? Afinal quem está se aborrecendo sou eu, quem está se sacrificando sou eu, quem está se privando de tudo, de segurança, de tranqüilidade, de confôrto, sou eu...

— Espere, Gustavo, — interrompeu-o Artur. Aí é que você exagera um pouco.

O rapaz fixou o olhar no amigo e ficou à espera da sua explicação.

— O seu caso não poderá ser considerado assim unilateralmente.

— Você quer dizer que as minhas razões não convencem?

— Pelo contrário: convencem. Mas há outras que devem ser encaradas. Lembro-me de haver-lhe dito quando você me comunicou a sua idéia de ir tentar a exploração de minérios, que você era muito moço, que tinha saúde bastante como bastante inteligência e coragem para realizar a emprêsa. O que dela resultasse lhe traria pelo menos experiência, coisa com que muito lucraria a sua mocidade. Mesmo conhecendo o ponto de vista da sua família, fiquei com você, achei que, sendo idéia fixa sua, amparada por bons conhecimentos do assunto, não se lhe devia negar uma oportunidade de pô-la à prova. Ora, essa oportunidade você a tem. Acontece, porém, que enquanto ela lhe vai dando a experiência a que aludi, sua família colhe com os seus insucessos iniciais motivos ponderáveis para demovê-lo do seu propósito de persistir na emprêsa.

— Mas se não tenho nem um ano ainda de trabalho!

— Êles não quereriam vê-lo nem um dia nisso.

— Mas é uma intransigência inominável! E' até humilhação!

— Não chega a tanto, rapaz. O que os seus parentes não sabem é dizer-lhe que a sua profissão não lhes agrada e que gostariam de vê-lo cuidando de outra coisa.

— De que? Cuidando de que, por exemplo?

— Bem...

— Ora!

— Até eu, Gustavo, chego a perguntar a mim mesmo porque diabo foi você escolher logo êsse negócio de mineralogia...

Gustavo dardejou-lhe um olhar de censura. Artur riu e continuou:

— Mas isso não vem ao caso agora, o que interessa é conciliar a situação que aí está. Você me pede conselhos e eu vou indo de cambalhotas p'ro abismo com você...



— Como? — retrucou Gustavo. Afinal de contas eu tenho ou não tenho razões? Você me apoia por compaixão ou por justiça?

Artur riu com mais gôsto e disse:

— Ora, você sabe que estou do seu lado. O que acho é que você não deve considerar o caso sòmente pelo seu ponto de vista: admita, por exemplo, que a sua família não faz guerra à sua permanência fora do Rio por mera implicância, — ela teme realmente pela sua segurança, pela sua saúde, acha que você é muito moço p'ra se arriscar nessa vida quando podia muito bem arranjar-se por aqui. Por sua vez... a família de Elza terá também o seu pensamento próprio a respeito disso, e poderá considerar que ela não deva esperar indefinidamente por êsse casamento... Já pensou nisso?

Gustavo sobressaltou-se.

— Artur... que é que você quer dizer?

Artur encarou-o sèriamente.

— Quero dizer que se você está mesmo disposto a persistir em sua idéia de explorar minérios, precisa admitir que terá pela frente algumas conseqüências desagradáveis. Seja realista, Gustavo. Você agora não é poeta. Você agora é um cavoucador de chão, um homem que escolheu o seu destino e quer levá-lo avante. Compreende o que quero dizer?

— Sim, compreendo, mas êsse negócio da família de Elza...

— E' uma hipótese.

— Você desconfia de alguma coisa?

— Não. Mas repito que é uma hipótese que você deve considerar. E repito mais: pise a terra firme e deixe-se de devaneios.

Depois de uma breve pausa Artur acrescentou:

— Afinal de contas... Elza ainda aprova a sua ida?

Gustavo relutou em responder. Atirou fora o tôco de cigarro, acomodou-se melhor na cadeira e disse:

— Aprova... mas já noto uma certa indecisão na sua atitude. Também pudera! Com essa afinação em cima dela...

Ante a manifesta contrariedade das duas famílias, Gustavo recebeu o aviso da emprêsa e embarcou. Agora aquela carta que não agradou a Artur. Não pròpriamente pela suspeita de um novo insucesso que ela deixava transparecer, mas pela realidade de que esperava o seu autor. Nesses meses decorridos do seu segundo regresso ao interior, o ambiente em casa de Elza desfavoreceu progressivamente a causa de Gustavo, bastando citar, para exemplificá-lo, que entre o jovem poeta e mineralogista e um jovem estudante de medicina que visitava assiduamente a família, esta não distinguia merecimentos... e Elza?

Artur interrompeu o seu repasso de memória dos acontecimentos, dobrou a carta e meteu-a na gavêta da mesinha de cabeceira. Fechou o quarto e saiu, rumando a passos lentos para a Praça Floriano. Estava quente a noite. Ocupou uma das mesas extensas do «Amarelinho» e pediu um refresco. Leu dali os cabeçalhos escandalosos dos jornais pendurados na banca de jornaleiro à beira da calçada, e depois percorreu a vista pelo movimento da praça. Elza?... Bem, para resumir a sua posição final na história é só dizer que num dado momento ela descobriu que a ausência do namorado já não a mortificava e que lia as cartas dêle por hábito. Assustou-se com a descoberta e passou a viver também o seu drama. De tal forma se lhe embaralharam os pensamentos e a tal confusão se lançaram seus sentimentos que não tardou a revelar êsse estado de espírito à perspicácia dos pais, que então cuidaram de ajudá-la por todos os meios a romper os laços que a uniam ainda àquele amor desmoronado. Elza sentia que o não trocava por outro e com razão afirmava que o estudante em nada influia nessa perda brusca de sua afeição por Gustavo. Tudo aconteceu inesperadamente como obra da fatalidade — pensava — mesmo admitindo o trabalho psicológico de tôda a sua família contra o prolongamento daquele namôro. Finalmente dispensaram os preâmbulos... e Gustavo foi-lhe retratado como o desejavam fazer: não era marido para ela, que ela raciocinasse bem sôbre se um doidivanas daquele, um desarvorado, que nem sabia disfarçar êsse interêsse misterioso de permanecer meses e meses fora de casa, poderia um dia assumir um compromisso de tal natureza. Que ela visse se aquilo era próprio de alguém de juízo, meter-se numa vida obscura daquela por mero espírito de aventura, quando podia perfeitamente fazer como tôda gente sensata, como os seus próprios irmãos, instalar-se no Rio e cavar aqui mesmo a sua vida e cumprir os seus deveres. Até quando acharia êle que ela o poderia esperar? Há quanto tempo se

(Cont. na pág. 50)

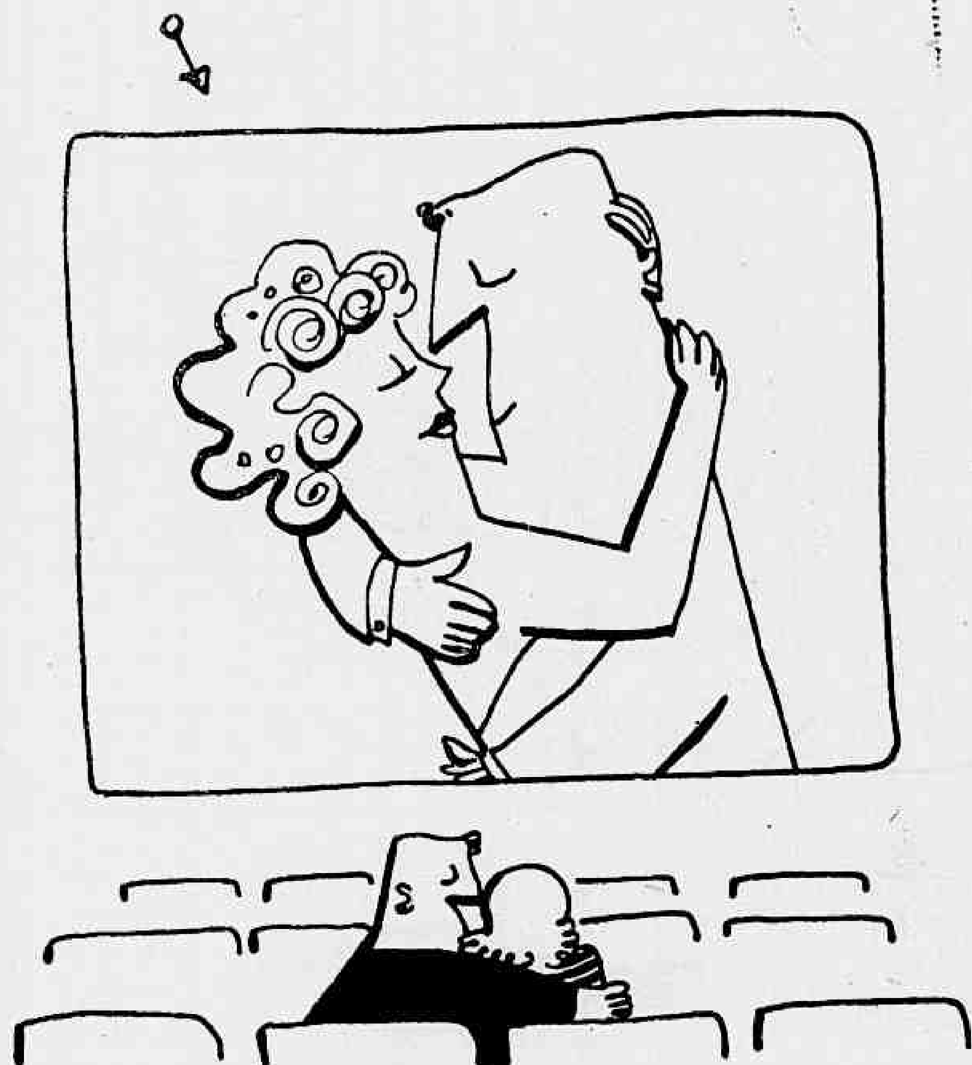
NOVELA DE EDSON KNEIPP

NICODEMUS

AOS INOCENTES DA VIDA APRESENTA

A MULHER

A MULHER E' A ARTISTA ...





A ENFER-MEIRA ...



... A DANÇA-RINA ...

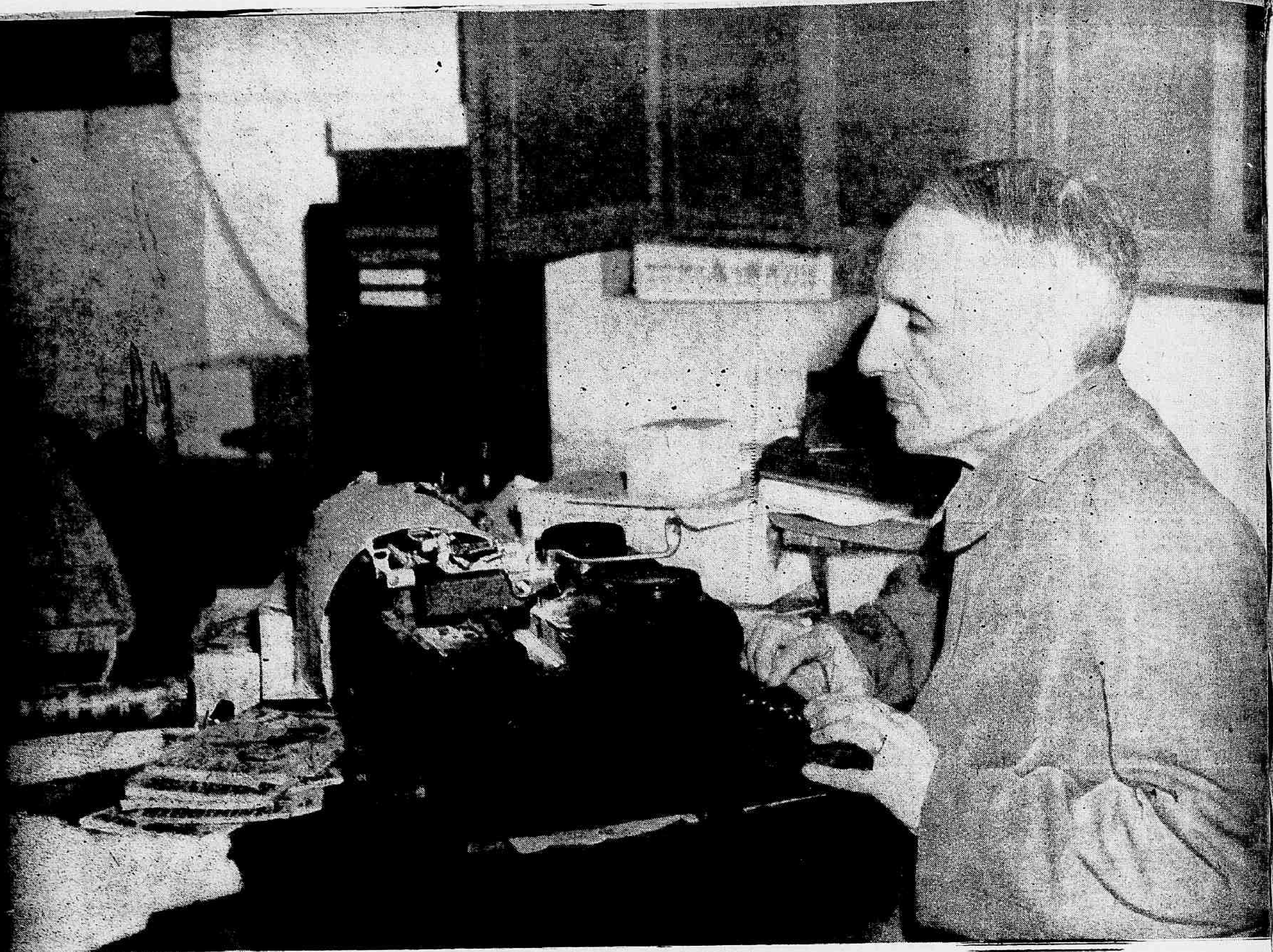
... O MODELO ...



A MULHER E' A CUNHADA
A ESPÔSA DO VISINHO
E' A CHEFE , A NAMORADA
E' A SOGRA , E' A SUA ...

A MULHER E' UMA DROGA ! BEM SOCADA, COMPRIMIDA , A MULHER E' UMA SÓ : NÃO PASSA DE UM TOCA - DISCOS EM CIMA DE DUAS PERNAS , UM ESTOMAGO NO MEIO E O PONTINHO DO UMBIGO ...

NO PICK - UP TEM DOIS OLHOS : UM NO RAPAZ DO LADO
OUTRO NA NOSSA CARTEIRA ...



A TARIMBA em que se fabricam suas obras de arte, assim é. U'a mesa de sala de jantar onde estão, em permanente desarrumação, num amontoado, demonstrando consultas sucessivas: livros e papéis anotados. A máquina onde Agripino Grieco escrevia, num papel emendado, em espaço um. E' de se crer pelos livros e papéis espalhados na mesa, que êle trabalha numa obra sôbre plágios

NÃO É PUBLICIDADE!

A HIPÓTESE DE PLÁGIO NA OBRA DE CHICO XAVIER REVIVE COM UM DOS ENTREVISTADOS ★ AGRIPINO GRIECO VIU A MENSAGEM DE HUMBERTO DE CAMPOS A SI DIRIGIDA, PERTURBOU-SE E CONTINUA A NÃO ACREDITAR ★ REPRODUÇÃO DE TRECHOS DAS MEMÓRIAS DE HUMBERTO DE CAMPOS ★ COMENTÁRIOS E ENTREVISTAS

Texto de CARLOS TENORIO ★ Fotos de NEWTON VIANA

SÔMENTE agora, rememorando o que já escrevemos e meditando no que redigimos é que notamos o caminho dúbio por que nos enfronhamos. Abordando um assunto delicado pela sua natureza, requerendo dotes diplomáticos, que nossa curteza espiritual não alcançou, poderia parecer ao leitor uma propaganda, embora velada, da companhia que edita as obras de Humberto de Campos. Nosso desejo, entretanto, foi outro.

Prendia-se a uma difusão mais rápida — através de um veiculo vertiginoso e renovador como seja uma revista — das Memórias, leitura sempre agradável, do grande estilista maranhense. Por essa razão paralisamos parcialmente as entrevistas e restringimo-nos a uma apreciação do livro em questão, principalmente, algumas outras obras do autor, abrindo-nos isso uma frincha de luz para uma insinuação ao espirito do escritor, seus anseios e pensares.

Atentando, talvez, no que se diz sôbre o mérito de um livro de memórias — que, como conteúdo literário, segundo críticos, pouco possui, mas, segundo cremos, de valor humano e reflexivo, é fecundo — foi que Humberto de Campos construiu seu prefácio chamando atenção para o que dizia Georges Brandès e ratificava com proveito Renan. Alertando os que, na vida, lastimam um casebre por berço mas que se podem alçar a coxins de brocados dizia:

"...e a demonstração de como pode um homem pela simples fôrça de sua vontade, desajudado de todos os atributos físicos e morais para a vitória, libertar-se da ignorância absoluta e de defeitos aparentemente incorrigíveis, desviando-se dos caminhos que o levariam ao crime e à prisão para outros que o poderão conduzir a uma poltrona de Academia e a uma cadeira de Parlamento".

Isso dizia êle de si, resumindo em poucas palavras o que foi sua vida, como um exemplo soberbo àqueles que a sorte um dia por descuido olhou, mas, aos primeiros vagidos, voltou as costas.

Logo após, atento para o problema da criança e a incompreensão e pais ensinadores que, numa confusão ridícula, identificam inteligência com educação no hábito de estudar.

Entre um talento e o "gagá" existe quilômetros de distância.

Por isso erram de modo costumeiro, pedagogos que engatinham, ou cavalheiros que de Psicologia Educacional só conhecem o nome de um título bordado em ouro na lombada de algum livro. Para tudo isso melhor dizia êle, deixemo-lo falar:

"Visa, sobretudo, êste livro, dizer aos pais que não desesperem dos seus filhos quando êles apresentarem na infância ou na adolescência inclinações para a ociosidade ou para o vicio. Até os vinte anos, há dentro de nós, adormecida, mas pronta a despertar, uma alma que não conhecemos. E' nessa altura da viagem que a estrada se bifurca, levando ao Paraíso ou ao Inferno. E' nessa estalagem do caminho que o homem se veste para a festa da Vida, tomando a indumentária definitiva.

A criança é um casulo, apenas. E não há entomologista que possa dizer, pelo aspecto exterior dêsse casulo, as côres do inseto que palpita lá dentro."

Passa depois a fazer um estudo rebuscado em seus maiores procurando a origem de seu nome.

Chega até êle. Transporta ao papel as recordações da sua infância, infância normal de menino brincalhão e pobre.

Conta, numa página de rara felicidade, o aprendizado do abecedário e da aritmética numa escola antiga e do interior.

Através essas páginas parece-nos ver a escola pequena e humilde da provincia, dois bancos paralelos e encostados a uma grande mesa de madeira áspera, dez meninos em cada um dêles que esguelam "com tôda a fôrça dos pulmões, ao mesmo tempo que balançava as pernas, num mesmo ritmo:

Um b com a, b-a — bá,
Um b com e, b-e — bé,
Um b com i, b-i — bi,
Um b com o, b-o — bó,
Um b com u, b-u — bu."

E assim, em cadência diferente, de acôrdo com os requisitos, a taboada.

E' no capitulo XIII da edição de 1923, que, confessamos, não sabemos se outra existe, que Humberto de Campos registraria a primeira presença de sexualidade em seu ser, ainda em tenra idade.

E' a fase das memórias que êle chamou Primeiro Capitulo para Freud.

Ao leitor que êste nome não desperta significação procuraremos fazê-lo um pouco conhecido através de breves linhas.

Sigismundo Freud foi um filósofo vienense, vivido no século passado. Grande médico e maior cientista.

De uns tempos para cá as correntes filosóficas rearmaram fôrças contra o materialismo que se assenhoreava do mundo, e, por isso, hoje em dia, o nome de Freud — materialista raramente é citado (veladamente sob pena de heresia) muito embora ridiculamente quando se fala em Psicologia diz-se que Freud não é aceito mas, aproveitam seus ensinamentos a cada passo.

Introduziu no mundo uma doutrina hoje se estendendo em largo campo na ciência — que se chamou Psicanalise. E a base dessa doutrina são os sonhos — que estudou sob uma forma nova — e o fator sexual preponderante em tôda humanidade.

Por êsse motivo é que Humberto ao rememorar o arremêdo de seu instinto adormecido, ou melhor diriamos, ainda não notado, dotou-o a Freud como contribuição e para estudo dos sectarios dêsse filósofo.

Entretanto, àquela epoca, ou por receio de serem mal compreendidos êsses capitulos — porque é mais de um — ou por achá-los demasiado chocantes não os publicou na integra. Do primeiro dêsses ca-

pítulos transcrevemos a parte onde paralisa a descrição:

"Eu devia ter, por êsse tempo, quatro ou cinco anos. Mas êsse quadro pagão ficou, para sempre, no fundo dos meus olhos. E de tal modo que, ao manusear, já adolescente o primeiro tratado de mitologia greco-romana, jamais ideei as driadas, as hamadriadas ou as naiadas, sem que me viessem ao pensamento aquela moça da fonte, linda, branca e nua, de pé, numa raiz d'árvore, e a sua fuga festiva e bulhenta, pouco depois, espadanando água, perseguida pela companheira...

Nessa impressão que me ficou, não descubro, todavia, o menor vestígio de sensualidade ou de sexualidade evidente. Esta não tardaria, porém, a chegar."

E nesse ponto pára, deixando algumas linhas em branco, após haver chamado atenção de que o restante seria publicado, em edição póstuma, que será no ano próximo. Só esperamos que não cortem isso, também.

No segundo capítulo dessa natureza, inicia do seguinte modo:

"Êste capítulo seria inconveniente e obceno se não fôsse necessário e verdadeiro". E daí prossegue até o ponto que deveria narrar o acontecido, onde procede de maneira idêntica ao capítulo anterior.

O terceiro capítulo para Freud está inteiramente em branco.

A segunda parte das Memórias em livro denominou-se Memórias Inacabadas, porque a morte surpreendeu Humberto de Campos e êle não pode coligir os fragmentos que possuía, pessoalmente. Os originais do diário que dariam conclusão a êsse livro encontravam-se lacrados nos cofres da Academia, com o dístico seguinte, em papel dactilografado:

"Diário de Humberto de Campos, para ser aberto e publicado em 1950".

Sôbre ambos os volumes a assinatura do autor por duas vêzes. Bem parece que tinha bastante apêgo a êsses documentos e em sua inviolabilidade.

Ao lado de uma das rubricas, um carimbo que nos parece ser da Academia, com o seu "Ad immortalitatem", e, mais abaixo, a data de 16 de março de 1934.

À guisa de prefácio surge uma nota do Editor, em que diz a certa altura:

"... pois o que saiu da pena do grande escritor não pode permanecer no esquecimento". Deve-se, entretanto, dizer que êsse desejo era da Editôra José Olympio...

Após haver sentido todo o valor e alcance das Memórias, fizemos aquêles primeiros contactos, descritos na primeira reportagem, colocando no papel tudo que nos haviam dito não emitindo sôbre êsse assunto nada de pessoal. O nosso conceito, já dissemos, fica guardado, e o que a reportagem colheu e publicou foi, sòmente, opinião de terceiros.

No entanto, isso repercutiu mal porque fomos incompreendidos. São os espinhos do ofício...

No mesmo dia em que nos movimentávamos à colheita de nossos primeiros informes, procuramos D. Catarina, viúva do autor, que reside nesta cidade perto do palácio presidencial.

Apertamos o botão da campainha, atendeu-nos pessoalmente. Apresentamo-nos, solicitamos ingresso na residência, dissemos da nossa missão. Entramos.

Era uma sala pequena, num apartamento de primeiro andar, mobilada a gôsto. Surgiu uma senhora já bem idosa, acenamos a cabeça em sinal de cumprimento. D. Catarina disse-nos ser uma de suas tias. Sentamo-nos numa cadeira de embalar e D. Paquita, que batia à máquina sôbre a mesa interrompeu sua tarefa. À nossa direita, e à de quem entra também, havia uma estante — da mesma côr e madeira do restante dos móveis — que ostentava sôbre si, uma fotografia do escritor, sua última pose, que estampamos na primeira reportagem. Nessa estante obras de dois autores: Humberto de Campos e Coelho Neto.

Em seus próprios livros Humberto tem comentários à margem, e os do autor de "Rei Negro" têm afetivas dedicatórias, algumas até ao "casal Humberto e Paquita". Mostra-nos isso. Sentamo-nos outra vez.



A BIBLIOTECA de Agripino Grieco situa-se num quarto separado da casa por uma pequena área. Escorrega pelas paredes do teto ao chão. Além de dois aposentos que ela compreende, os livros residem em cristaleiras, guarda-roupas, bufês e outras dependências, pela falta de moradia, digna de tão ilustres mestres. Na casa de Agripino a república dos livros também sofre dêsse mal

Fazia um pouco de calor, e D. Catarina abriu uma janela atrás de si.

— Estou um pouco sentida com a REVISTA DA SEMANA, porque naquele caso com o Chico Xavier os senhores se colocaram contra mim.

— Mas... acho isso um pouco difícil, não me encontrava por essa época na emprêsa, mas acompanhei quase todo o caso, e, sinceramente, nada notei de tendencioso.

A imparcialidade tem por vêzes êsse inconveniente; sempre desagrada a alguém.

— E', eu não achei isso não. Aquilo era uma verdadeira fraude, um plágio sem limites, o meu advogado no agravo da petição prova isso. Veja que depois dessa onda nunca mais o espírito de Humberto se manifestou.

E nos presenteia com o agravo, que tomou o número de 7.361, para têrmos conhecimento:

— Veja aqui, nessa página — diz-nos.

E vimos. Lá estava na página vinte-e-três: "Auferir resultado econômico, usando o nome de outrem — mesmo de um morto — afeta legítimos interêsses do titular dêsse nome ou de seus antecedentes."

E a gravidade da usurpação avulta e passa a impor imediata desafronta, quando é feita em detrimento da reputação, da glória e das convicções do morto."

— E' realmente estranhável que o espírito não mais tenha acusado presença.

— Pode ver. E o Chico Xavier não era um ignorante como diziam. Êle tinha em casa tôda a obra de Humberto, e mais a a de Guerra Junqueiro e até daquele francês, como é? Ora, meu Deus, eu sabia... Ah! de Montaigne.

Recuamos um pouco do assunto que fugia da nossa meta:

— D. Catarina, é sòmente Henrique de Campos o filho do casal?

— Não. Êle é o do meio. A mais velha é Lourdes, que é engenheira, e o mais novo o Humberto, que tem o nome do pai.

— E os originais seria possível que nós os víssemos?

— Infelizmente, não. Êles não estão em minha casa. Acham-se trancados numa caixa forte de uma casa bancária. Mas, espere. Isso é uma entrevista?

Sorrimos ante o espanto. Realmente, ao entrarmos não revestíramos antecipadamente nossa palestra com a chancela de "entrevista". Tentamos explicar-nos:

— Parece-me que sim. Estou em exercício de minha profissão, venho procurá-la, faço-lhe perguntas a senhora responde, demonstrando interêsse, creio, é entrevista...

Rimos ambos. Muito espírito realmente tem o rapaz. Um primor de jornalista...

A essa altura nossa particular admiração pelo escritor já ditava outros caminhos. Diante a mulher que lhe fizera companhia durante tantos anos desejávamos saber a conduta de Humberto de Campos na intimidade. E sôbre isso nos diz que era êle de grande lucidez e de uma palestra sempre agradável e proveitosa. Tôda vez que se conversava com êle alguma coisa de boa, ao cabo, se conseguia. Falando sem grandes rebuscados de linguagem, não possuía êsse comum cabotinismo de querer demonstrar o que sabia.

Falávamos de nossa estranheza ao notar em Humberto, já quase no fim de sua vida, uma inclinação, embora leve, para a fé em alguma coisa, pôsto que sentíamos em seus escritos anteriores uma dúvida constante sôbre a existência divina: veio, porém, rápido ao cérebro aquela frase dita numa das crônicas de um de seus últimos livros:

— *"Procurei no cérebro as palavras do Padre-Nosso. Achei-as tôdas. Mas, não as encontro, como quisera, no cofre do coração. E não rezei por que, como o Rei Cláudio, em Shakespeare, verifiquei que as palavras, sem o sentimento, não chegam ao céu..."*

E respondeu-nos D. Paquita, quase em acôrdo com que nos dissera seu filho na entrevista anterior:

— Humberto foi sempre um incrédulo até o fim da vida. Estudou sôfregamente tôdas religiões conhecidas, mas no fim, prosseguiria da mesma maneira, um incréu.

Encerrada como foi, aí, nossa parte, despedimo-nos esperançosos de completar o trabalho com o imprescindível e ilustrativo material fotográfico.

NUM TÚMULO singelo, sugestivo (uma tampa negra com sua assinatura), reside, para sempre, Humberto de Campos. Um ramo de flores, sempre ali colocado, é o único sintoma de coisa viva na morada dos mortos. A visita feita a êsse túmulo na mesma hora em que o corpo de outra personagem de renome, o sen. Salgado Filho, para ali se transportava, em nós produziu estranho sentimento

Infelizmente, não nos foi possível...

Foi por ocasião da primeira reportagem que se fêz, visando a figura literária de Humberto de Campos, e as entrevistas que se empreenderam sôbre a publicação de seu livro de memórias, que citamos Agripino Grieco. Não fôsse um especial carinho por êsse profissional de nossas letras e não o teríamos dado como exemplo do descaso não só das instituições literárias que entre nós vingam, como ainda de nossos governos. Agripino Grieco faz literatura pela literatura e para a literatura. Vive disso e para isso. Já velho, e o cansaço estampado em seu rosto, trabalha noite após noite, num esfôrço incompensado, materialmente. Isto, porque nunca trocou ramos de cravos ou panegíricos com intelectuais liliputianos, nem bajulou os prepotentes que distribuem, soberanamente, em troca de meia dúzia de elogios descabíveis, polpudos cargos.

Em tôda minha vida foi a primeira vez que senti inveja de um convite feito a outra pessoa que não a minha.

— Passe por aqui uma noite dessas para conversar. Venha mais a miúdo.

Foi essa a resposta a um cumprimento de um cavalheiro (Ilustre mestre, como vai?), que passava pelo portão em que Agripino Grieco nos recebia e já fazia entrar.

Sôbre a mesa da sala, tôda a sorte de papéis. Parecia uma banqueta de criança, cheia de papel cortado em tiras, à tesoura. Pequeninas fitas, escritas à máquina, humildes em seu aspecto, soberbas pelos conceitos de grandes mestres nelas inscritos.

O assunto, como se sabe, era Humberto de Campos. E êste, êle o apreciou em uma nova faceta; a crítica.

Como ressalva, entretanto, dizia-nos que nunca fôra dos melhores amigos de Humberto. Trilhavam o mesmo caminho — o da sátira — o que possibilitava ao autor de Memórias vê-lo sempre como um provável concorrente.

No entanto, contou-nos o que sabia. Episódios, sátiras, erudição, um amontoado de conceitos que procuraremos transcrever do que nos foi possível pegar.

— "Certa vez, conversávamos na porta da Garnier: Humberto, Viriato Corrêa e eu. Por essa época Viriato já vinha publicando alguns trabalhos de História. À certa altura falou-se de Fagundes Varela, autor do "Cântico do Calvário". Viriato disse então que êle havia sido deputado às côrtes de Lisboa. Humberto, sorrindo, corrigiu-o dizendo, se bem me lembro, que era um tio de Fagundes o parlamentar que fôra a Lisboa.

— Bem se vê que você entende mesmo de História.

Poucos instantes depois, Viriato comete outro êrro palmar de história. Dizia êle numa inocente confusão que aquêle presidente da província do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos (no plural) era o mesmo Júlio de Castilho, filho do grande escritor português Antônio Feliciano. Humberto, pela segunda vez, o emendou, com uma nova ironia, deixando Viriato extremamente zangado, naquela tarde."

A palestra volteia então, em tôrno do que representa a figura de Humberto em face da Literatura.

— "Humberto de Campos era um talento fecundo, formoso, de uma imaginação fertilíssima, mas sem grande originalidade. Aliás, no Brasil e em nossa época, não podemos ostentar grande dose de poder criativo. Não podemos criar quase nada, coisa que não nos deprime. O verso de Musset dá bem uma idéia do que seja isso: *Chegamos muito tarde num mundo muito velho.*

Antigamente, as navegações do espírito eram navegação a vela.

Hoje, vêm mais depressa, por transatlântico e até por avião.

No momento está em moda Rilke, mais um talento riquíssimo (dizia num trocadilho riquíssimo). Nós somos uma espécie de lua; recebemos o reflexo de outros centros mais ativos literàriamente. O brasileiro está muito atrasado. Pouco pode criar. Os temas já estão gastos.

Humberto possuía belas poesias, embora laboriosas. Era, porém, um delicioso poeta em prosa. Fêz da crítica um pretexto para demonstrar leitura, erudição, fazendo sòmente, nas linhas finais de seus estudos críticos pequenos comentários daquele que caracterizava."

— Mas o que me intriga até agora é essa originalidade inexistente à que o senhor se referiu.

— Veja, por exemplo, as anedotas de que seu espírito sempre brilhante fêz uso. São em grande parte aproveitadas do anedotário francês. Velho, bem velho, especialmente das coleções de Leon Treich, que você vê aqui (e nos mostra um dos livros dessa coleção, aberto numa página que ilustra o fato). Êle próprio não escondia isso. Como essa atribuída a Lauro Müller quando aconteceu realmente com Edson. O caso é o seguinte: Certa vez um grupo de amigos foi visitar Lauro Müller na casa onde morava. Lá chegados, pararam diante de um portão grande, de ferro, e, naturalmente, o impulsionaram, para abri-lo. Aquêle que o tentava fazer não o conseguia. Reuniram-se os amigos e, à uma só fôrça, com empenho, conseguiram abrir o grande portão de ferro.

Já lá dentro perguntaram a Lauro Müller a razão daquela resistência. Ao que êste

respondeu, dizendo que, enquanto faziam fôrça para abrir o portão, puxavam um balde cheio de água de um poço à pequena distância. Com alguma variação essa era a mesma história encontrada no anedotário francês de Leon Freich atribuida a Edson. Como acentuei antes, não há, nisso, nenhum desdouro para a personalidade de Humberto ou de qualquer outro escritor que dêsse estratagema se utilizou. A originalidade é um mito. Em um livro francês de plágios há comparações de grandes escritores, inclusive Zola, que, em determinado trecho, de uma sua obra, plagia um escritor que o antecedeu de trinta anos.

Lembramo-nos, então do que dizia Edgar Allan Põe em certa altura de seu Método de Composição quando explicava como lhe nascera o desejo de criar "O Corvo"... *não obstante, durante séculos, ainda ninguém fêz ou tentou fazer coisa alguma de original em versificação.*

— "Entretanto — prosseguia mestre Agripino — onde Humberto é original, pode-se dizer, sem contestação, é nos contos.

Era muito ferino, muito irônico, abusando de seu talento esplendoroso para, através da sátira, ferir, sem contemplações, de quem não gostava. Chegado ao Rio, ainda bem novo, desde cedo conheceu os prazeres da glória. Meteu-se em um grupo prestigioso, onde figuravam Goulart de Andrade, Emilio de Menezes, Mário Brant (que se assinava nas colunas criticas com o pseudônimo de R. Manso), Martins Fontes e Bilac, uma espécie de pagé distante da tribo.

— Não se lembra, no entanto, o sr. de outra ocasião em que presenciasse algum outro fato referente a Humberto?

— Lembro-me de sua posse na Academia, ainda numa sala do Silogeu, em cadeiras velhas e rangentes, quando fêz o elogio a Emilio de Menezes, a quem sucedia. Foi um belo discurso, pontilhado das passagens tão conhecidas do anedotário emiliano. Sempre naquela sua prosa bela e caracteristica. Sucedeu ai, então, um fato interessante: encarregado de recebê-lo, estava Luiz Murat, antigo boêmio da roda famosa da Pascoal, e, que um dia, abandonara.

— Recordo-me até dêsse fato por uns versos que conta a história anedótica do Rio, Bilac foi encarregado de fazer, para castigar o desertor. Murat, se bem me lembro, havia escrito no "Jornal do Comércio" que nunca fôra à ceias alegres e não bebia nem mesmo às refeições. Os versos de Bilac foram trabalhados glosando dêsse jeito:

Lulu nunca foste à ceias?
Nem bebes às refeições?
Quando as caixas estão cheias
E' que vasam os ladrões.

Agripino esboçou um sorriso nos lábios finos, da bôca sempre contraida em um rito de amargura, e, para nossa alegria, mostrou que gostara. Não da demonstração de um "erudito" conhecimento do anedotário do bom Rio que se foi, copiando o que fazia aquêle bucólico Zé Fernandes sempre nas reciprocas citações latinas que seu principe fazia, o sublime Jacinto de Eça, mas, positivamente, da gostosa quadrinha de Bilac.

— Como dizia, Murat fêz a recepção de Humberto, atacando, muito a seu jeito, a Emilio, de quem não gostava. Junto a mim, um advogado mineiro, dr. Astolfo Dutra, disse que, ali, ao contrário do que se faz no júri, falara primeiro o advogado de defesa, para depois assumir a palavra o promotor.

Uma palestra assim com um literato do quilate de Agripino Grieco não poderia deixar de fugir do âmbito restrito a que se prendia. Fugimos para Machado de Assis, para Alencar, Euclides da Cunha, Proust e Victor Hugo. Falou-nos da lacuna irremediável que se encontra representada na obra de Machado pela passagem, pela falta da pintura da árvore.

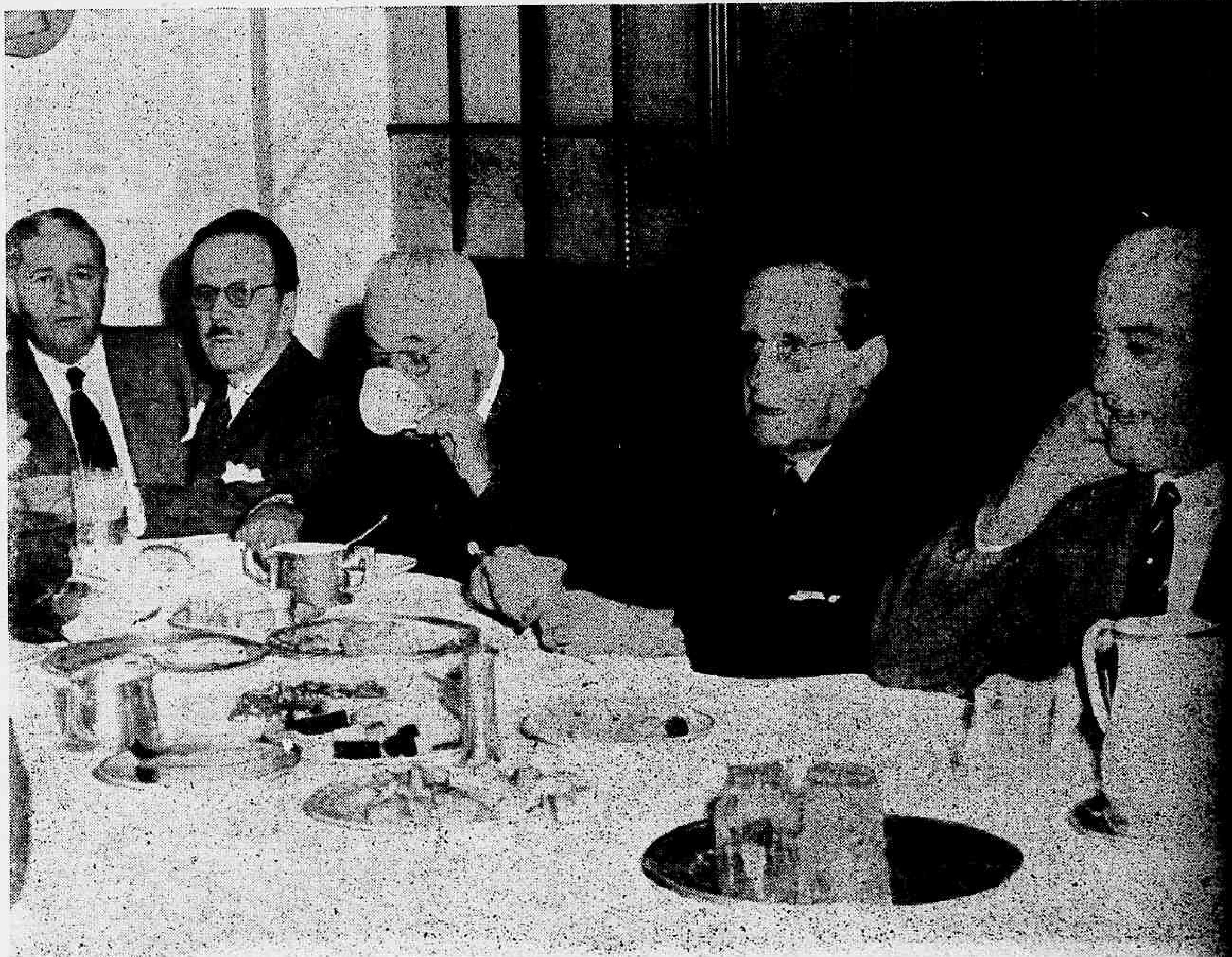
— O que precisamente caracteriza o estilo de Machado — dizia-nos quando dêste falamos — é a ausência de estilo, que talvez seja o melhor. E' como a água. Embora sem o sabor dos vinhos é a melhor bebida.

A propósito disso, lembrava-nos um amigo, há um prefácio de Stefan Zweig dizendo que a marca do caráter de Fouchet era, justamente, a ausência de caráter.

(*Cont. na pág.* 48)



ALOYSIO DE CASTRO e Ataulpho Napoles de Paiva. São dois cadêmicos, dois grandes amigos que a todo o custo se querem fotografar juntos. A.oysio de Castro é autor de partituras musi is. Ministro Ataulpho é autor de . . . De que mesmo? Não sabemos



NO REPASTO SEMANAL da Academia Brasileira, come o dr. Antônio Austregésilo que conferenciou **naquele dia sôbre Maupassant.** Neste «lunch» o ministro Ataulpho mastigou durante quarenta minutos e outra quantidade de segundos. **Ao fundo, Rodrigo Otávio e o ministro** palestravam. Mais ao lado, outros **dois acadêmicos**

Gente de raça

NÃO senhora! — falou o velho. E concluiu, sarcástico, contra a frase da filha: — Cego! Era só o que faltava. Amor é cego, mas vê no escuro. Portanto, não adianta teimar. Isso eu não admito.

— Mas papai... — objetou Almira, tentando formular argumentos conciliatórios. Êle interrompeu-a:

— Já disse e acabou-se.

A moça, humilhada, retirou-se da presença do pai. O olhar, amortecido pelo desânimo, contemplou o horizonte. Ao longe, nas quebradas, o sol começava a desaparecer. Um leve vento frio soprava das distâncias. Hora própria, em que, nos sentimentos aquebrados, se acentua mais a ternura amarga da desilusão. A intransigência do velho pai representava séria ameaça, cujas consequências poderiam ser trágicas, não pròpriamente para ela, o que daria no mesmo, embora não sendo direta.

O temperamento do "Coronel" Leôncio, vibrátil, refletia, entretanto, características singulares. E ela conhecia a fôrça da sua tenacidade. Se a mãe ainda fôsse viva talvez conseguisse conciliar as coisas direitinho. Ao mesmo tempo, essa lamentável idéia desanuviou-se-lhe do cérebro, transformada, de repente, em revolta, ao pensar na ineficácia dos desejos da finada.

No lugarejo não se tocava noutro assunto e, sim, no caso, no escândalo. Estavam até admiradíssimos, como o "Coronel" Leôncio' homem daquela fibra, consentia, pelo menos demonstrava consentir. Quando o sobrinho do ex-prefeito dum vilarejo próximo, rapaz de atributos, semiformado, viera servir de testemunha num casamento, e se portara mal, com olhares indiscretos para a noiva, êle, êsse mesmo "Coronel" Leôncio, tomou as dores pelo noivo: — "Canalha, ordinário!" — disse.

A palavra dêle tinha o efeito de um ordálio. E mandou dar uma surra tremenda no infeliz, amarrá-lo, em seguida, num cavalo em pêlo, e fazer fogo nas pernas do animal, que desembestou como o vento.

Agora era isso que estavam vendo! Que fenômeno se teria passado na alma do diabo do homem?!...

Almira conheceu Glicério numa festa. Coisa simples. O afeto começou com caráter positivo e belo. Ela se sentiu dobrada desde o início. Fatalidade ou Destino, o que fôsse. Nascido naquelas bandas, o ídolo fôra estudar numa dessas faculdades famosas do Nordeste. Mas, como não dera prá gente, apesar de que isso não o afastaria fàcilmente dos prazeres citadinos, com a indefectível mesada, se vira forçado a retornar à terra, lidar com cabeças de gado, na policultura de cereais também, em virtude da morte do pai, e assumir, assim, a sucessão dos negócios.

"Amor é cego". Esta frase tinha um sabor de originalidade, pois fôra o próprio Glicério quem lhe dissera. Ela já sabia, porém nunca nenhum homem, naquela redondeza, em tôda a sua vida, lhe havia dito, chamando-a de querida nos ouvidos. Ouvir isso, pela primeira vez, de quem a gente simpatiza... — pensava algo enternecida com arrependimento. Antes não o houvesse conhecido.

O tema vinha assumindo foros de gravidade, pelo falatório. Vissem ou não o Glicério com ela nos encontros furtivos, aliás cautelosos, os conchavos, sempre taciturnos, cresciam assustadoramente e chegariam, sem dúvida, aos tímpanos do pai.

As comadres eram de opinião que não há barreiras para o amor. Lembravam casos belíssimos, ocorridos há tempos, onde o sacrifício superava tudo. Os homens riam da ingenuidade, considerando tolice de mulher. Diante duma bala de rifle não há amor que resista. E entravam em pormenores sôbre a personalidade do herói em foco. "O homem é cabra bom mesmo. Outro já teria arrecuado. Não sei é cumo o Coroné Leonço tá aturando isso. Na certa vai armar arguma arpuca."

A intenção do "Coronel" Leôncio visava, exatamente, a um objetivo impreciso, dadas as perspectivas que estava assumindo a tal história, em tôrno da filha. Na essência êle não era um indivíduo perverso. Não fazia. Mandava e o resto acontecia. Assim mesmo só em último recurso lavava as mãos em sangue. E todos ali o respeitavam. O filho, já ao contrário, tinha má índole, com capacidade suficiente para matar uma môsca ou uma pessoa com idêntica naturalidade. Êle ainda não se havia envolvido nos interêsses da irmã. Mas não seria a sua coragem ou sangue-frio que faria atemorizar Glicério. Também não tinha havido a menor desavença entre ambos e nem sequer algum gesto recíproco de afronta, apesar de se desconhecerem pessoalmente.

Encontraram-se, Glicério e ela, naquela tarde. O dia estava sombrio, plúmbeo. Almira parecia trazer alguma mensagem promissora, para o namorado, revelando alegria no semblante, a despeito da tristeza diáfana do tempo:

— Papai quer que você vá até em casa — falou ela.

— Êle quer?... Está aí! Vou — respondeu Glicério. — Mas nós já poderíamos ter resolvido tudo por nossa própria conta, meu bem. Fugiríamos. Você ficaria em casa de dona Cota ou noutro lugar. Casaríamos então, e tudo estaria acabado. Não é?...

— Assim, contrariando papai, eu temo, Glicério. E' porque você não sabe quem é



êle. Papai, quando quer uma coisa, causa mêdo.

— Mas, meu bem, você parece temer mais a seu pai do que amar-me.

Ela replicou:

— Não. Não é por mim, Glicério...

— Então melhor — obtemperou êle. — Fugiremos e, em seguida, faz-se o casamento.

— Assim, não. Tenho receio que aconteça alguma coisa de ruim. Papai quer que você vá em casa.

— Pois bem, irei. Quando?...

— Qualquer dia que você achar conveniente — respondeu ela. — Amanhã ou depois.

Tinham os encontros nas proximidades da casa de dona Cola, onde se conheceram, que os encobria, saboreando um encanto naquele idílio. Dona Cola conhecia Almira desde criança, convivendo também na companhia de sua mãe, de quem fôra muito amiga. Acompanhara o desenvolvimento da menina, mas não concordava, no íntimo, com a atitude rebelde do compadre, o "Coronel" Leôncio. Aquilo era o cúmulo! Uma moça forte, bonita, mulher feita!... Precisava casar. Por isso, com a máxima cautela, dava guarida ao namôro. Achava muito natural, se o rapaz tinha boas intenções. Mas no diabo daquela terra se mexericava demais, envenenava-se o assunto, dando caráter imoral. Quem mais exultava, secretamente, com o desfecho da tragédia era o Honório, caboclo feio, antipático aos olhos da moça, por quem, aliás, estava perdido em silêncio, ruminando uma paixão devastadora, sem nada dizer a ninguém, sem declarar-se a ela, certo, ainda mais, de não alcançar a felicidade desejada. Êle propalava os fuxicos, antevendo, com incontida delícia, o resultado. A morte do outro viria trazer-lhe algum benefício?... Antes fôsse êle a vítima. E via-se morto, estatelado na rêde, Almira, compadecida dêle. Mas, num arranco, se rebelava contra êsse estado de torpor. O seu desespêro mudo aumentava, contradizia-o. Ela teria pena dêle, se morresse? Iria para debaixo da terra, pro inferno, e acabou-se. Por que não havia declarado a ela o seu afeto?... Almira, eu te amo. Não. Isso nunca. Ela não teria adivinhado nos seus olhos?... Aquilo tinha fôrça espontânea. Teve ímpeto de ir oferecer os seus préstimos ao "Coronel", mas recuou diante dessa idéia sinistra. Coisa singular: compadeceu-se do rival. Queria até preveni-lo do perigo. Seria que a patroazinha não o teria avisado?...

O "Coronel" Leôncio resolveu mudar de tática. Chamou, novamente, a filha e disse-lhe:

— Minha filha, você o atraia. Faça com que êle venha até aqui.

Almira ficou satisfeitíssima, contente, na absoluta boa-fé. E, justamente, depois de ter falado com o namorado, seguindo as instruções paternas, ouviu uma conversa suspeita do irmão, o Euzébio, com dois capangas na sala. Pasmou-se, estupidificada. Era aquela a intenção do pai!... Ah!, ela não deixaria Glicério vir.

Mas o "Coronel" Leôncio andava preocupado com o caso da filha, moça já de vinte-e-dois anos, pensando numa solução. Vivia num dilema horrível, colocando ora o egoísmo, ora o orgulho de tradição, acima da felicidade da filha, e isso o contrariava.

Meditava, cachimbando. As baforadas de fumo diluíam-se, vagarosas, no espaço. O sino do campanário bimbalhou. Euzébio aproximou-se do velho:

— O senhor quer, pai, liquido logo a questão. Hoje mesmo vi o tal rapaz. Não provoquei, porque não tinha ordens suas. O menino é homem de verdade! Afoito! Pegou o Chico das Pontas, no botequim do Zeca, tomou-lhe a faca e deu-lhe umas bofetadas.

O "Coronel" Leôncio mantinha-se calado. Nada respondeu. Por coragem, não. Nisso ninguém lhe faria afronta — pensava — lembrando-se também de tempos idos, quando moço, as proezas... Um rosário de reminiscências discorria-lhe pelo cérebro. A noite caía de cheio, sem lua, envolvendo tudo na escuridão. Euzébio afastou-se.

— Depois falaremos — disse-lhe o pai.

Euzébio encaminhou-se para o interior da casa. O "Coronel" continuava meditando, longe do homem presente naquele momento. Olhou para a varanda, tão costumeira aos seus olhos, mesmo nas trevas, mas — coisa estranha — parecia-lhe mais entristecida. A varanda comunicava a entrada principal da casa com os fundos, onde o terreiro se estendia. Um corredor comprido ligava, em sentido paralelo a ela, independente dos outros compartimentos, a parte detrás do prédio à sala de visitas. Nesse corredor um quarto só havia com porta para êle. Os outros tinham acesso apenas pela parte lateral oposta.

Uma luzinha tênue, naquele quarto isolado, dava idéia de alguém ainda acordado. Almira rezava. As horas passavam calmas, mas já era tarde. Qualquer manifestação esquisita, uma espécie de pressão, ou mêdo, vinha-lhe do âmago. Sentiu mover-se, levemente, a porta do quarto, que estava encostada. Quis dar um grito: — Glicério! — mas conteve-se.

Era êle vivo e com uma expressão desassombrada no rosto.

....

O Honório lhe havia falado tudo. Iria tirar uma desforra em condições! Aquilo não passava de criminosa cilada do velho em conluio com o filho, os capangas e a própria filha, para matá-lo. "Você o atraia, minha filha". E a ingênua, como serpente disfarçada, envolvendo-o. Cretina!... Era êsse o tal entendimento?... A baixeza, o assassínio frio, traiçoeiro. Tinha ouvido falarem muito das façanhas dêle, porém as suas conclusões eram outras, diferentes das propaladas, julgando-o leal para os próprios inimigos.

Mas o necessário esclarecimento não tardou da parte da moça. E as decepções se desvaneceram.

De vez em quando vinha de fora o ruído sêco de fôlhas machucadas. A noite consumia-se na madrugada. Agora, não tinha alternativa. Estava disposto a falar com o velho, desse no que desse.

— Não, meu bem — pediu Almira, insinuando com o olhar, a janela. — Êles te matam.

Lá fora dois homens rondavam a casa.

Glicério não deu resposta. Ajeitou o revólver na cinta, abriu a porta devagarinho, empunhou a arma, encaminhando-se, cautelosamente, rumo à sala. Dois vultos o defrontaram. Um era o "Coronel" Leôncio. E Euzébio apontou-lhe o revólver.

— Se atirar morre — gritou Glicério.

Positivamente, dois homens estavam mortos ali.

O "Coronel" Leôncio contemplou-os estático, já preocupado com a situação da filha. Glicério não deu a menor importância aos outros dois homens, os capangas, sem dúvida, que entravam. A qualquer tentativa dois tombariam.

Houve um segundo de vida.

Euzébio berrou:

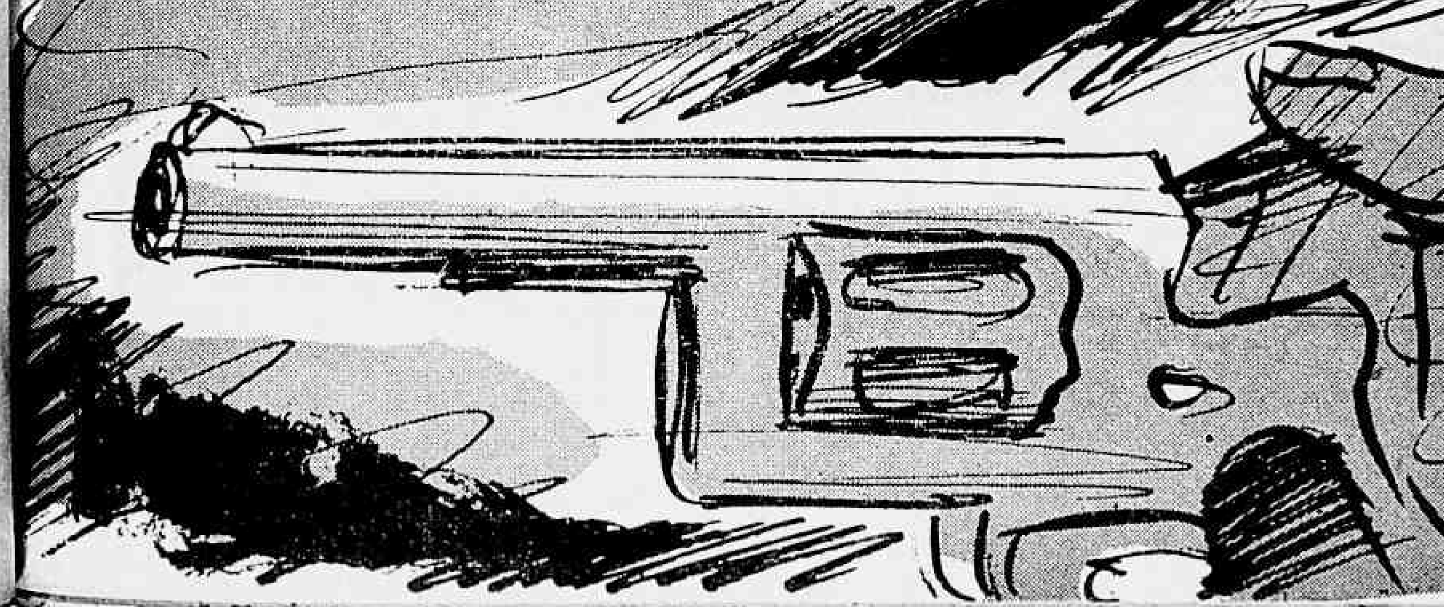
— Mato êste bandido, meu pai?...

A arma tremia-lhe na mão.

— Não, meu filho — falou o "Coronel" Leôncio.

— Um homem como êste não se mata. Fica na família para tirar raça.

CONTO DE CARLOS AUGUSTO DE GOES
ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS





ARREMATE DA MANOBRA: — APÓS UM TRABALHO IMPECÁVEL, O NAVIO ESTÁ PRESTES A ENCOSTAR NO CAIS. O REBOCADOR PUXA-O VAGAROSAMENTE, ENQUANTO UMA LANCHA ARRASTAR A ESPIA DE AÇO QUE IRÁ SUBJUGAR A PROA A UM CABEÇO DO CAIS...



NAVIO NA BARRA! — Da excelente posição do pôsto de observação no edifício de «A Noite», o prático nota a presença de um navio entrando na baía. Pelas bandeirinhas identifica-o e então comunica a observação às autoridades portuárias. De noite e em dias de névoa, a identificação é feita através da estação PPR do Arpoador

PRATICO - ANJO DA GUARDA DOS NAVIOS

INESTIMÁVEIS OS SERVIÇOS PRESTADOS À COMUNIDADE PELOS DESCONHECIDOS ESPECIALISTAS DA MARINHA MERCANTE ★ CALMA, GOLPE DE VISTA, CONHECIMENTOS NÁUTICOS PROFUNDOS E PESADA RESPONSABILIDADE ★ PRATICAGEM NA BAÍA DA GUANABARA ACOMPANHADA PELA REPORTAGEM DA "REVISTA DA SEMANA" ★ APESAR DOS PERIGOS E DA FADIGA, ATRAENTE É A VIDA DÊSSES HOMENS DO MAR

Texto e Fotos de SABINO CANALINI

PARA quem nunca viu o mar, e neste Brasil de território continental muito distante das costas é coisa comum, assim para quem nunca teve a ventura de viajar de navio, o que vamos relatar é novidade. Não o será porém para os que estão acostumados a fazer viagens fluviais, marítimas ou mesmo para os que, apesar de não as haverem realizado ainda, gostam todavia de se inteirar, através das descrições, como vivem e trabalham os homens em profissões inacessíveis a êles. Mais ou menos novidade será também para os que, pisando embora frequentemente os tombadilhos para felizes viagens permitidas por situação econômica abastada, desconhecem na quase totalidade o "modus vivendi" dos que facilitam a locomoção com segurança por êsse mundo afora. Quando chega um navio e vem se aproximando do cais, o passageiro que além de estar aflito para reabraçar os parentes, rever a terra natal ou mesmo visitar lugar estranho, gosta de observar o movimento e a azáfama pro-



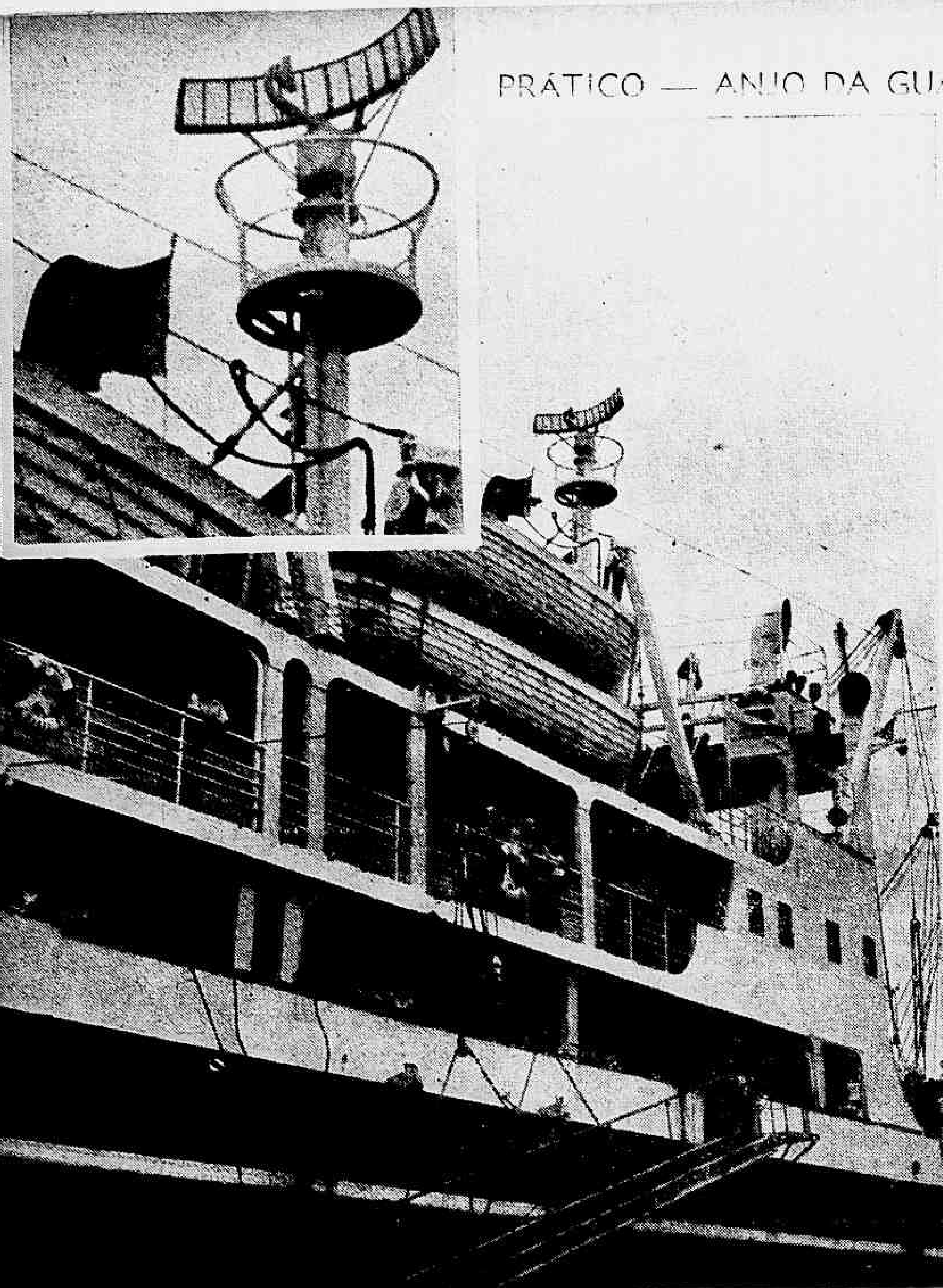
EMBARQUE NA LANCHA — Após o pedido de bordo do navio, o prático dirige-se ao cais onde embarca na lancha que o levará ao trabalho



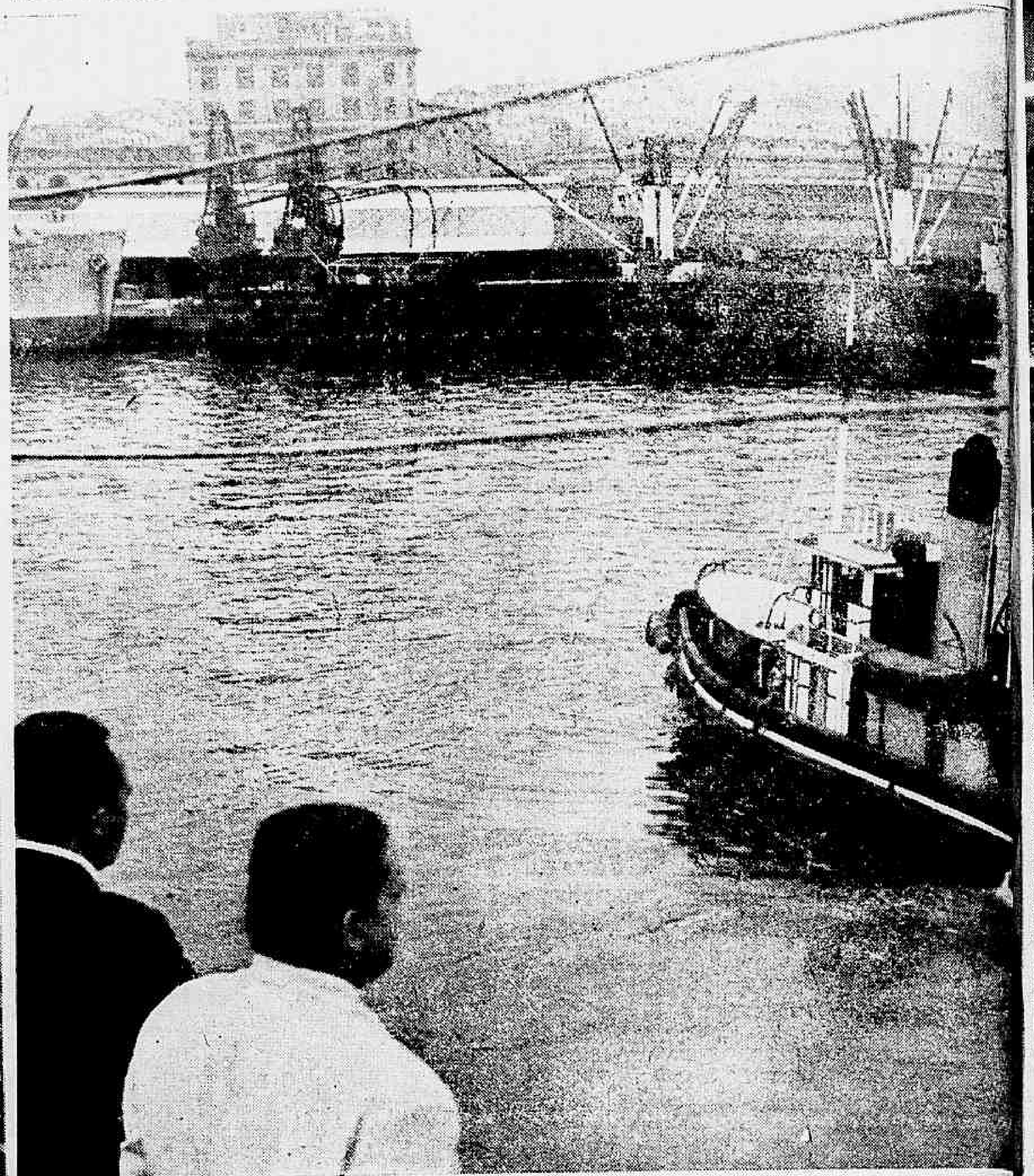
NO PORTALÓ — As vêzes o giro de navio em navio demora-se, é o «chá de lancha», mas enfim o pilôto põe o pé no portaló do paquete



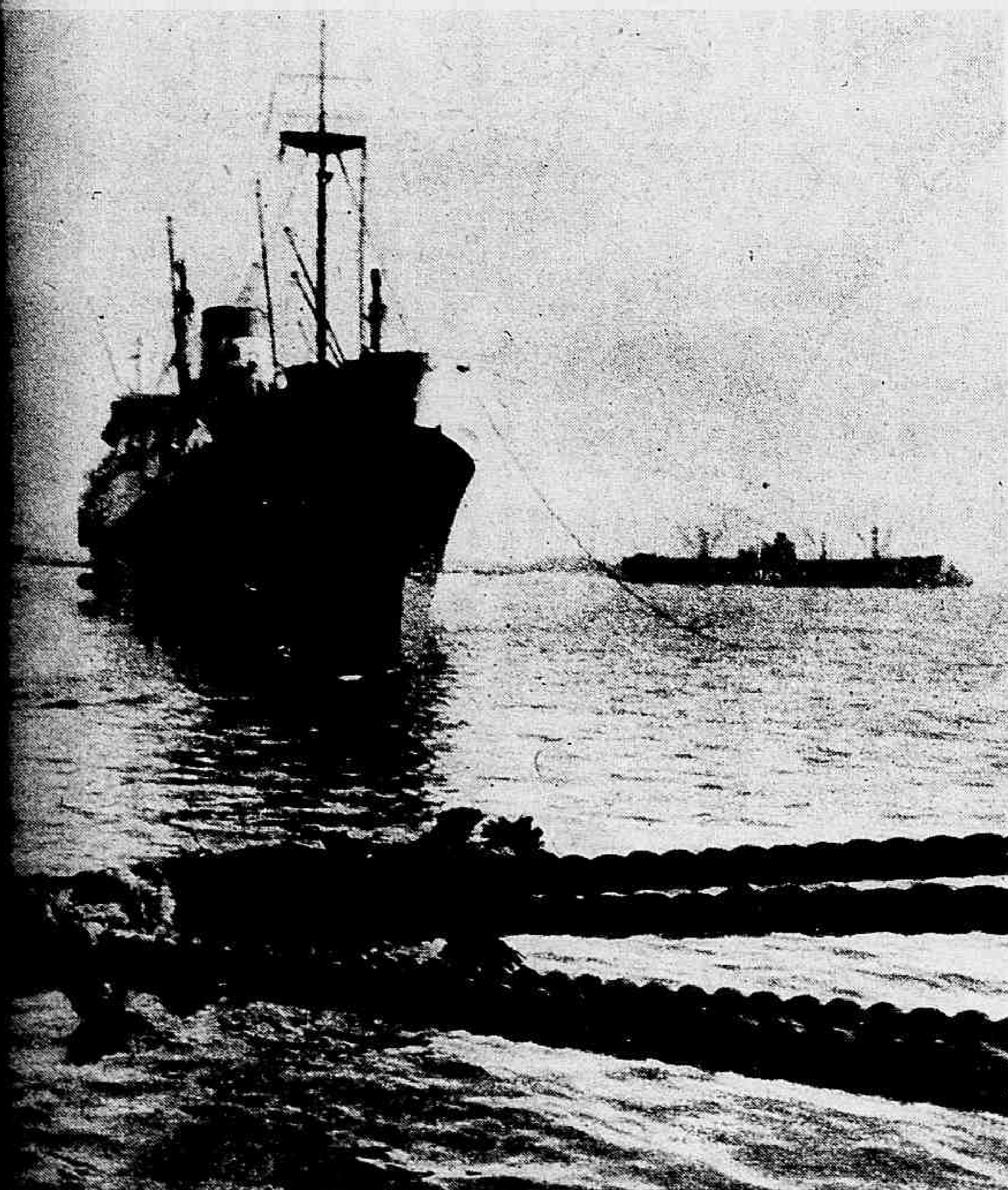
NO PETROLEIRO — Tôda atenção é pouca a bordo dêsses navios, qualquer descuido pode ocasionar um desastre de tristes conseqüências



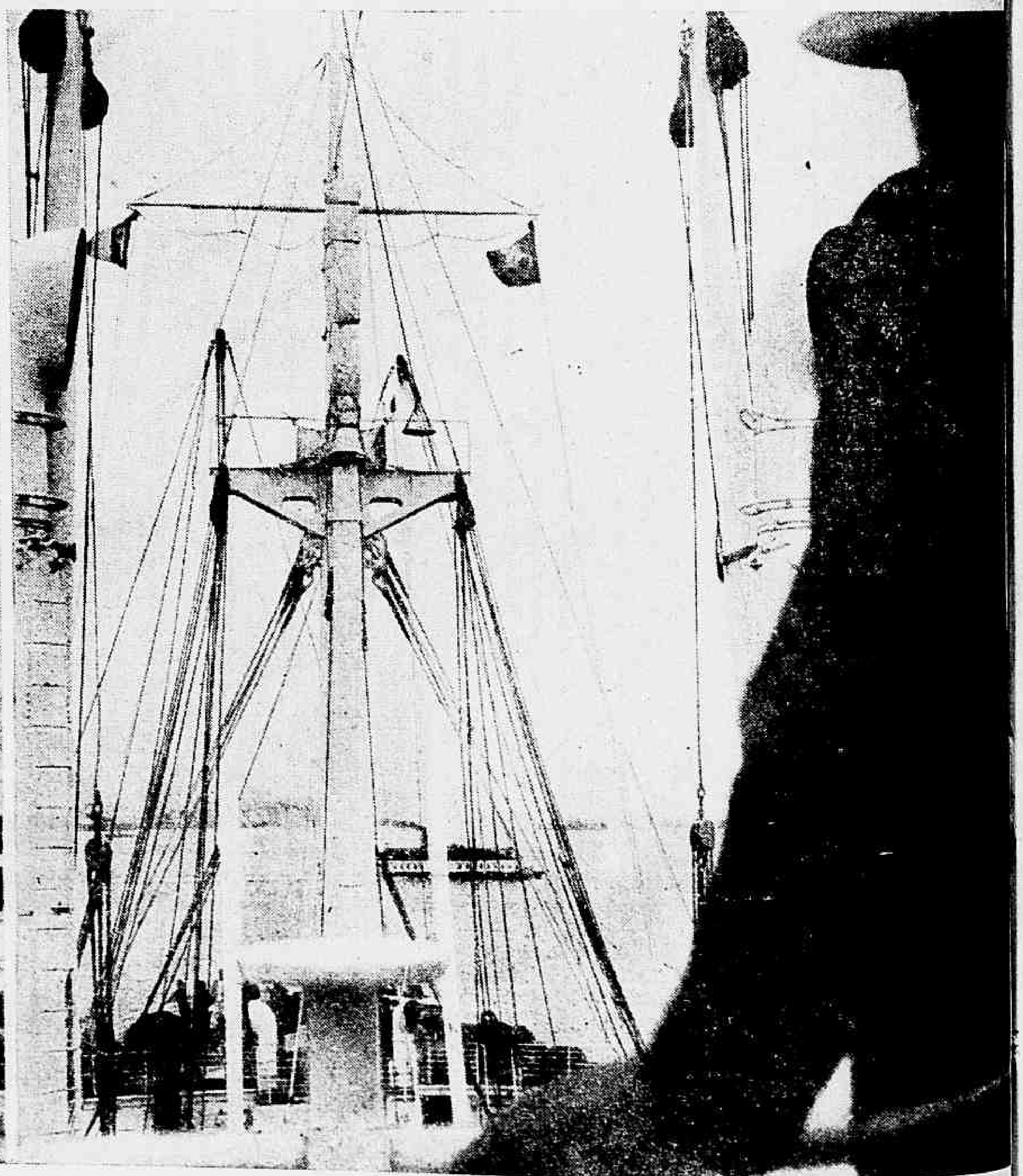
PEDINDO PRATICO — Chegado ao ancoradouro de visita, o navio espera as autoridades sanitárias e a polícia. Em seguida é içada a bandeirinha listrada, vista no detalhe perto do aparelho de radar



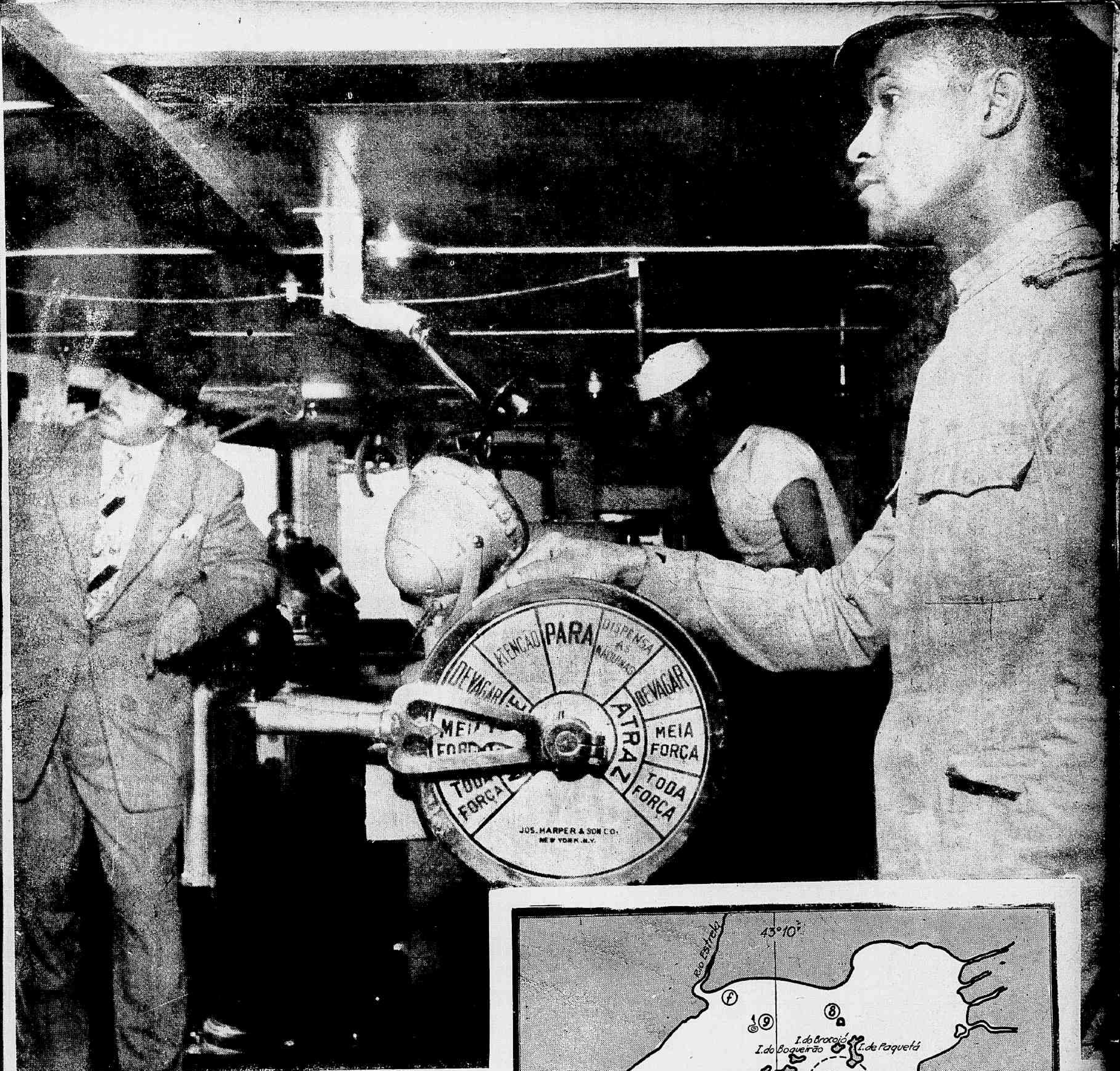
OBEDECE O REBOCADOR — Aproximando-se do cais, o prático Viriato Barreiros, de branco, junto ao comandante do navio «Sestriere», Delli Ponti, dá uma ordem ao rebocador, que confirma com a sirene



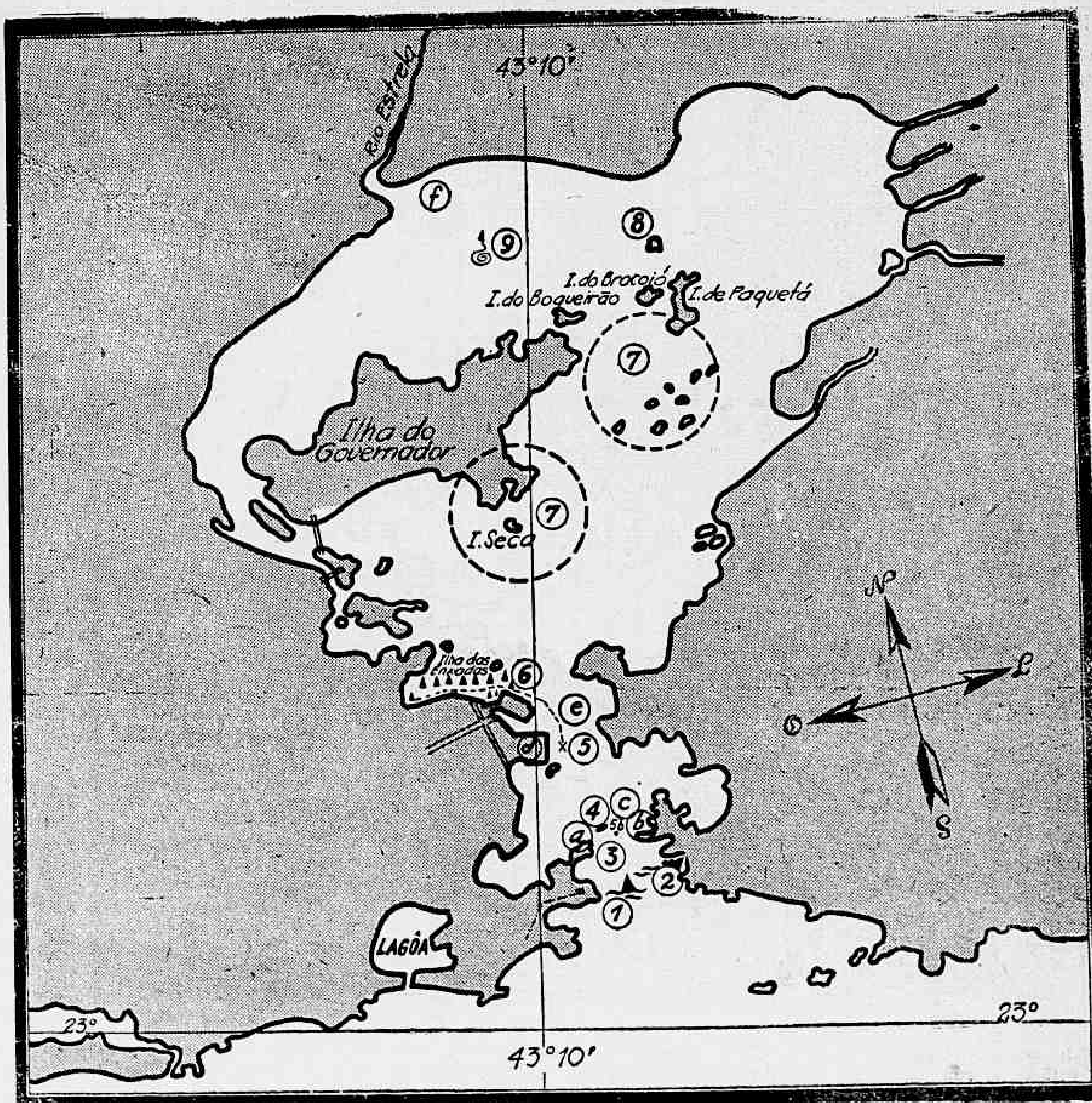
DEVAGAR E SEMPRE — Mansamente avança o barco puxado pelos pequenos e possantes rebocadores, a êle ligados por grossos cabos de corda. Os mestres dos rebocadores obedecem aos sinais do prático



IMPRUDÊNCIA — Desobedecendo às leis marítimas, apesar de advertida, a barca da Cantareira cruza a rota do navio, obrigando o prático a mandar parar as maquinas, para evitar uma colisão certa



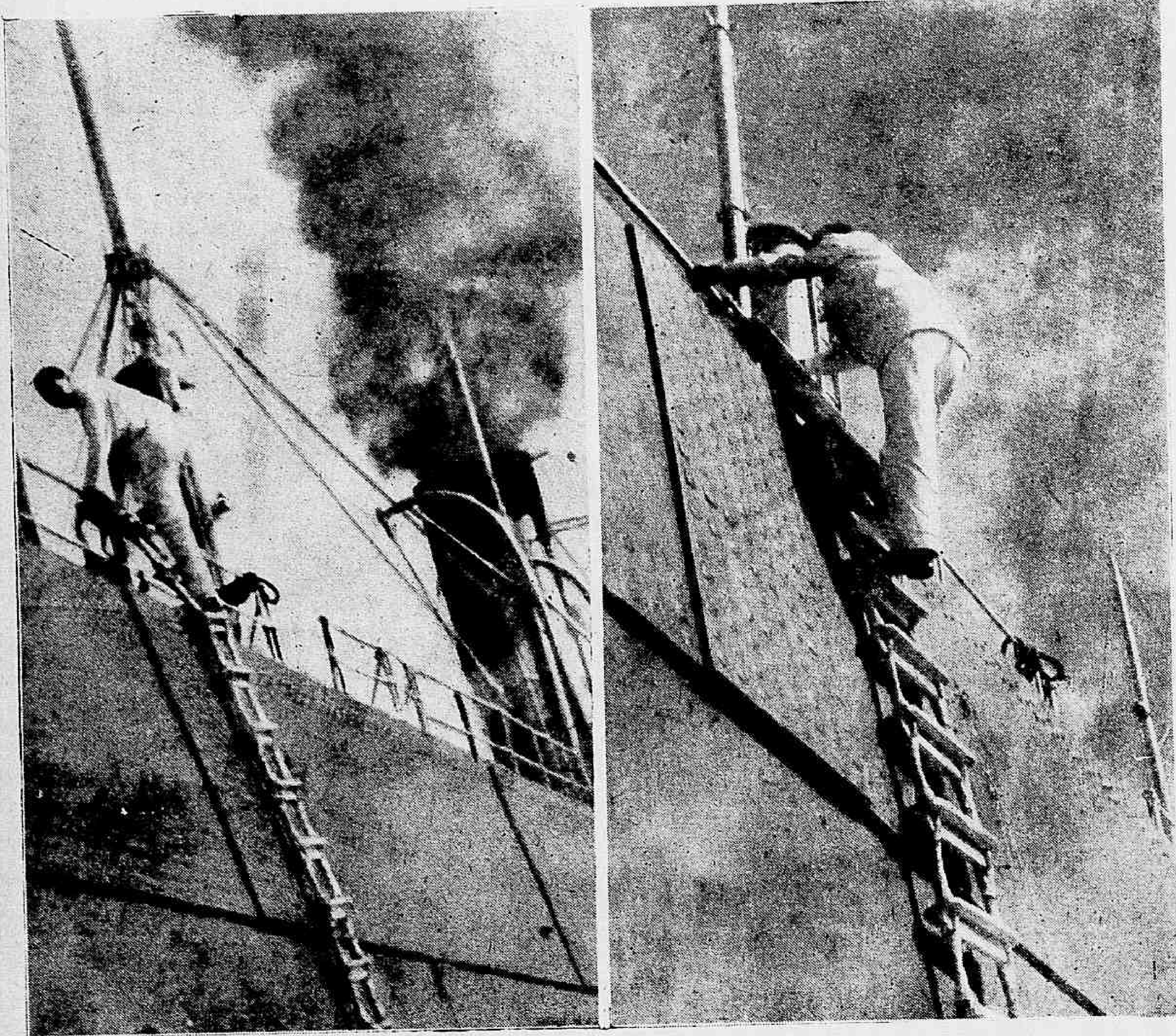
«MEIA FÔRÇA ADIANTE, LEME A BOMBORDO» — A essa voz, imediatamente correspondem o 2º pilôto do Lloyd Haiti, Hugo Irênio, no telégrafo automático para as máquinas, em primeiro plano, e o timoneiro, na roda do leme



LEGENDAS DO MAPA

Executado de acôrdo com o levantamento efetuado pelo Departamento Hidrográfico da Marinha:

(1) Proa do Madalena. (2) Pôpa do Madalena. (3) Entrada natural da barra, entre a Ponta de São João (a) e a Ponta de Santa Cruz (b). (4) Ilha e Fortaleza da Laje, tendo ao lado (c) a maior profundidade, 56 metros, dentro da baía. (5) Ponto de embarque e desembarque dos práticos e ancoradouro de visita, quase em frente ao Aeroporto Santos Dumont. (6) Canal de acesso ao cais, assinalado por bóias luminosas, vendo-se traçado em (e) o caminho seguido pelos navios sob orientação dos práticos. (7) Zonas escolhidas por diversas companhias para depósito de combustível. (8) Ilha de Parancaíba, depósito da Gulf, o mais distante da barra, 11 milhas, cêrca de 20 kms. (9) Depósito de cabos submarinos, no fundo do mar, assinalado por uma bóia, aproveitando-se a água dôce do Rio Estrêla (f).



BOA VIAGEM — Mostram as fotografias quatro fases da arriscada manobra que o prático executa para sair do petroleiro inglês «San Gaspar», após havê-lo pilotado até o ancoradouro de visita, de onde prosseguirá viagem sòzinho. O navio não pode parar, pois já desenvolve regular velocidade. Uma lancha segue junto e o prático pula a murada do petroleiro, experimenta a solidez da escada,



despede-se dos tripulantes e inicia a descida pelo «quebra-peito». Com o jôgo do navio, a escada oscila violentamente, obrigando o pilôto a um exercício de acrobata. Tudo termina com um pulo para dentro da lancha, mas que também pode terminar dentro dágua ... Audácia, golpe de vista, calma e nervos de aço não são demais

vocada pelo aparecimento do navio no pôrto, nota que enquanto está ancorado ao largo, dêle se aproximam três lanchas. Da primeira é informado que se trata das autoridades da Saúde Pública. Da segunda compreende que se trata do pessoal da Polícia Marítima. Quanto à terceira ouve falar em Prático do Pôrto. Mas não vê farda nenhuma, nem aparato para receber o modesto funcionário que sobe e desaparece na ponte de comando, de modo que não dá maior importância ao fato. Daí a pouco no entanto percebe que as máquinas do navio funcionam pelo trepidar do mesmo e lentamente vai-se encaminhando para o cais. Surgem os rebocadores, os cabos são lançados e enganchados e começa a fase final da viagem, a mais demorada para os impacientes viajantes. Encosta afinal o navio, desce a escada e por ela escôa a variada fauna humana que por diversos dias viveu em sociedade no espaço restrito do navio. Os afazeres, os amigos, as novidades, tudo é assunto para distrair a atenção de quem chega de modo que não sobra nem um pensamento agradecido para o personagem logo esquecido e que no entanto é o responsável pela atracação do navio. Responsável? Mas haverá mesmo responsabilidade no trabalho dêsse funcionário a bordo? Para que existe o comandante do navio? Êsse é o verdadeiro manda-chuva a bordo, tendo poderes para prender e até para casar durante a viagem. Provaremos no entanto que durante o trabalho de aproximação ao cais e consequente atracação, até o comandante divide a autoridade com o prático, que nesses momentos é o real responsável por tudo quanto possa acontecer ao navio. O comandante, quando está na ponte de comando, junto ao prático, limita-se a transmitir as ordens para o timoneiro e para as máquinas, o que nem sempre se dá, pois o prático em geral fala diversas línguas, entendendo-se diretamente, seja com o homem do leme como com o primeiro pilôto que, pelo telefone, está em contacto com as máquinas. Para que seja compreendida a finalidade e a razão de ser do trabalho do prático, estivemos na Corporação que os reúne, ouvimo-los no pôsto de observação que êles possuem no edifício "A Noite", fizemos-lhes uma infinidade de perguntas e acompanhamos em todos os detalhes o trabalho que executam desde que lhes é assinalado um "pedido de prático" a bordo de um navio qualquer, até o desembarque do mesmo, já em seguro ao lado do cais. Documentamos fotogràficamente as várias fases do serviço de praticagem.

A CORPORAÇÃO DOS PRÁTICOS

A origem da praticagem em nosso país perde-se nos tempos de nossos primeiros dias de história, isto é, na época da descoberta. Com tôda certeza foram os primitivos índios naturais da terra que indicaram aos portuguêses os lugares mais seguros onde ancorar suas naus, dentro da Guanabara. Êsses aborígenes devem tê-lo feito com tôda confiança, pois donos incontestes até então do lugar, deveriam conhecer muito bem tôda a baía, que percorriam audazmente em suas pirogas durante as estações de pesca e nas ubás atrevidas durante os vários episódios de guerra com as tribos limítrofes. O certo é que a instituição oficial da praticagem no Brasil data de 28 de dezembro de 1889, quando o chefe do govêrno provisório da república assinou o decreto n. 79, regulamentando os serviços de praticagem nos portos, barras, canais, costas, lagos e rios navegáveis em todo o país. Dêsse decreto, o dr. Filadelfo de Azevedo, atual representante do Brasil na Côrte Internacional de Haia, assim diz textualmente: "... e nêle se pode talvez vislumbrar o primeiro germe de assistência social no país". Desde então os serviços de praticagem mantêm-se a custa da renda auferida pelos trabalhos executados, exceto no caso de Ladário, em que a praticagem é efetuada e mantida por pessoal da Marinha de Guerra. Mas, por incrível que pareça, a baía da Guanabara foi talvez uma das últimas a enquadrar-se dentro do decreto 79 de 1889, pois só a 14 de abril de 1939 foi fundada a Corporação dos Práticos, obedecendo ao decreto 220-A de 1935. Resultado dessa medida oficial foi a nacionalização obrigatória dos comandos e dos práticos que estavam entregues a estrangeiros. Visava o decreto marginar as graves responsabilidades retidas em mãos de estrangeiros, uns no

(*Cont. na pág.* 44)

GAVETA: — ÀS VEZES O ESPAÇO NÃO DÁ, SENDO NECESSÁRIA GRANDE PERÍCIA PARA ENCAIXAR O NAVIO ENTRE DOIS QUE JÁ ESTEJAM ATRACADOS



«LARGA O FERRO!» — ordena o prático

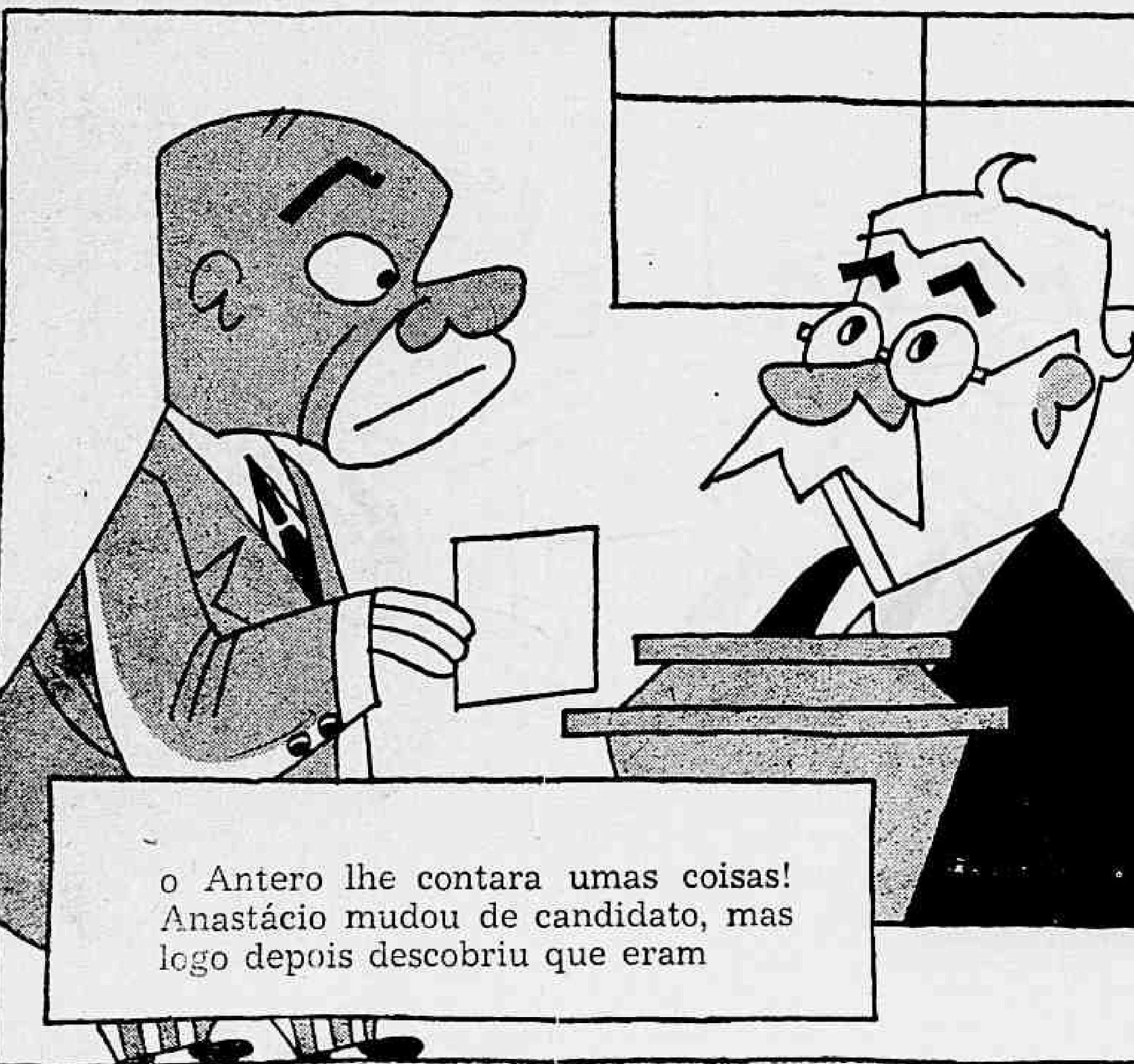
TURF e POLITICA















CASACOS AMPLOS

OS costureiros de Paris para êste inverno reviveram a moda dos casacos compridos e amplos, não sendo quase usados os modelos cintados. Alguns são bem largos nos ombros e nas cadeiras e afunilados para baixo. E' interessante notar que não só a lã é empregada na confecção de casacos, usa-se muito também o tafetá, sêdas pesadas e a gabardine.





ROMANCE

ELA estava indignada: falhara nas suas funções de "femme fatale". Andara brincando com o amor e o amor, afinal, pregava-lhe aquela peça... Estraçalhava nos dentes o pequenino lenço de rendas em que mal caberia a lágrima que talvez fôsse chorar... E estendia-me, na ponta dos dedos trêmulos, o gesto quase convulso, o papelucho execrável, causa daquela crise que lhe estragava completamente a tarde e o "make-up"... Tomei o pedaço da carta que ela dilacerava com as unhas "red-red", como se dilacerasse uma alma... E li as terríveis palavras. Nessa carta, um homem qualquer, sentimental como todos os homens de que as mulheres abusam, dizia assim:



"Não, não me importo mais com o seu abandono, essa distância cada vez maior que você vai fazendo entre nós dois. Acabo também ficando indiferente. Indiferente a meu modo, é certo, porém esquecido de você, na "rêverie" deliciosa em que me embalo, pensando, construindo o romance que podíamos ter vivido com encanto, com exaltação. No fundo, consolo-me com a vingança pequenina, com a desforra que a vida me dá. Afinal, você irá para a velhice, inútil, as mãos vazias, os olhos desertos, a alma sem uma saudade grande... Terá falhado ao seu destino de mulher, porque não terá conhecido o seu grande amor — o amor que só eu saberia pôr ao alcance do seu gesto, como um flor, para você despetalar entre os lábios, numa tarde de tédio... Não, não procure... Nenhum outro poderá — ou poderia — criar a linda aventura do seu destino frustrado... Esta a verdade que você não removerá nunca, porque ninguém quís você com o bem com que a quero...". Olhei-a com certa piedade, com pena de que ela não pudesse, naquela tarde, oferecer a uma casa de chá o espetáculo de sua elegância... Ela tirava as pestanas postiças e ia chorar... Suspirou: — 'Oh! a terrível incompreensão dos homens! — **LYSE.**



Copas de feltro e "tulle"

PARA amenizar o rigor do feltro nos chapéus de inverno, os chapeleiros de Paris sugerem adorná-los com flores e «tulle», dando-lhes assim um toque de graça. Vemos aqui Jean Barthet aplica sôbre um chapéu de feltro, estas pétalas feitas em organza, dando o conjunto a idéia de uma grande margarida. Para vestidos de noite Le Monnier sugere êste elegante chapéu em «tulle» liso e bordado. Chapéu [illegible] de Maud Roser que combina a crina recortada com véu de «tulle».





CADA estação apresenta nos seus trajes novos detalhes, uns simples e outros verdadeiramente curiosos. Esta coleção de modelos faz-nos notar várias destas particularidades interessantes. Em cima: a originalidade dêste vestido consiste no corpo abotoando na parte vinda dos ombros e enfeitado de branco e nos panos soltos que saem da saia, dando idéia de asas. A direita: êstes dois vestidos de noite em tafetá, são inteiramente franzidos na frente e atrás formam uns apanhados caindo como cauda. Exóticos sem dúvida, mas possuem um cunho original. Em baixo: êste casaco com decote bem baixo, é usado com uma echarpe de tafetá listrado, sendo utilizado o mesmo tecido para a confecção do chapéu. Os vestidos de noite sem alças, estão sendo usados com casaquinhos ou capas em fazendas transparentes, como mostra êste modêlo.





DETALHES ORIGINAIS









COCK-TAIL

PRA reuniões elegantes e cocktails, aqui está uma coleção de vestidos pretos, a côr que mais se adapta para as ocasiões em que deve predominar a elegância feminina. Dois modelos sóbrios. Vestido de Robert Piguet e "tailleur" de Pierre Balmain. Vestido de tafetá, de Germaine Lecomte, com belo trabalho de franzidos. Vestidos de Monguin em cloqué, de Nylon. Corpo de alças e ampla saia. Germaine Lecomte é o autor dêste outro modêlo em sêda natural, com saia plissada, tendo o corpo e a barra da saia adornados com babados de tafetá. Vestido de sêda com amplo decote, caindo para os ombros e saia justa. O outro modêlo tem a saia pregueada e o corpo e bolsos abotoados.







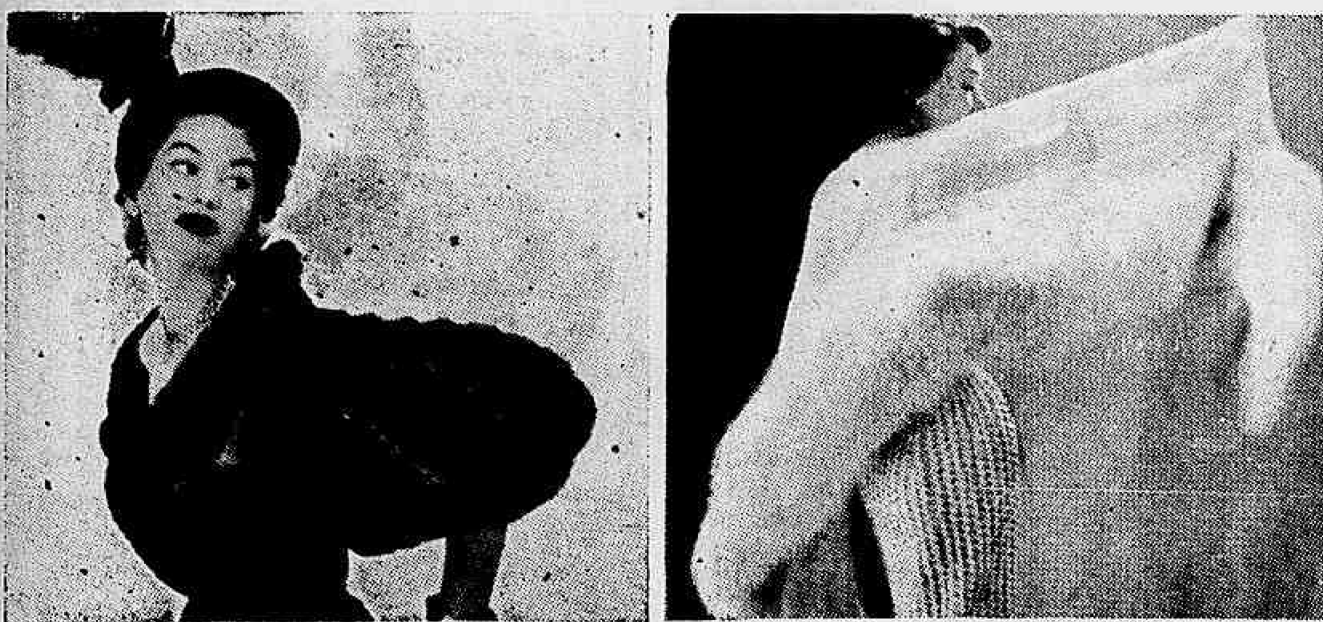
MODELOS EXTRAVAGANTES



EMBORA exagerados, êstes modelos não deixam de ter uma particular originalidade. Cada um apresenta uma particularidade extravagante, mas elegante. À esquerda: Casaco de Jeanne Lafaurie. Mangas três quartos com largos punhos e bolsos também amplos. À direita: Vestido de noite, em tafetá, criação de Molyneaux. A saia godê possui amplos gomos que ficam armados. Em cima: Vestido de sêda com saia bem justa adornada de franjas e casaco com a barra enfeitada de peles. Criação de Pierre Balmain. Dois modelos interessantes de casacos, criações de Grés e Pierre Balmain. O primeiro forma um capuz e o segundo tem na parte de trás dois panos soltos.



PELES COMO ADORNOS





NOS trajes de inverno as peles, de tôdas as qualidades, são muito empregadas, não só para a confecção de agasalhos inteiros mas também como adôrno de casacos, "tailleurs", etc. Aqui estão algumas sugestões apresentadas por famosos costureiros franceses: Casaco três quartos godê, com a barra e as mangas enfeitadas com renard. Pequeno bolero de vison, com decote baixo e mangas bem largas. Capa para traje de noite em gaza, com a barra enfeitada de renard prateada. Astrakan foi a pele escolhida para a confecção desta pequena boina e para a gola de grande ponta dêste casaco. Estola de vison prateada, com inúmeras pontas, próprias para ser usada com costumes.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

NÚPCIAS



Flagrante apanhado na cidade de Duque de Caxias, Estado do Rio, em 8 de julho p. findo, por ocasião do enlace matrimonial da srta. Elza Gonçalves Machado com o sr. Elisio **Paiva Ponce de Leon**, elementos distintos da nossa sociedade.

WEEK-EN[NA]



RODELAS DE TOUCINHO DEFUMADO

450 gr de farinha, 125 gr de manteiga fresca, 30 gr de fermento, 1 ôvo inteiro e 2 gemas, sal e leite morno. Aquece-se levemente a farinha, preparando-se uma massa com todos os ingredientes e o fermento dissolvido em um pouquinho de leite morno. Deve-se pôr esta massa em um lugar quente, onde se deixa crescer. Em seguida, estende-se com o rôlo, até a grossura de 1 cm e cortam-se com ela rodelas com o auxílio de 1 copo. Estas rodelas devem descansar por 15 minutos. Depois devem ser pinceladas com gemas de ôvo, cobertas com toucinho defumado bem picadinho e um pouco de cuminho. Levam-se ao forno para assar.



KNEDEL COM COMPOTA DE AMEIXAS

350 gr de farinha, 1 ôvo, um pouco de sal e água. Com êstes ingredientes se prepara uma massa mole que se estende com um rôlo e que se corta em quadradinhos de 6 cm. Sôbre cada quadradinho coloca-se uma colher de compota, dobrando-se a massa de modo que forme um triângulo. Apertam-se as beiradas da massa e colocam-se os knedels em água fervendo e sal e deixam-se cozinhar durante 5 minutos. Servem-se com manteiga quente e pulverizam-se com canela e açúcar.

TORRADINHAS TARTARAS

Passa-se na máquina um bom pedaço de carne de vaca juntamente com uma ½ cebola, temperando-se em seguida com sal e pimenta. Sôbre as torradinhas, arrumam-se montes desta carne, guarnecendo-se com alcaparras, cebolas e pepinos em conserva. Querendo, pode se colocar uma gema crua no centro de cada monte de carne. Em vez de servir esta carne como torradinhas de pão, pode-se serví-la como **beefs** tártaros, arrumando-se pequenos montes nos pratinhos que se guarnecem com tiras de tomates, rodelas de rabanete, tiras de pimentão vermelho, cebola picada, rolos de manteiga e pepinos em conserva. Êsses **beefs** são muito apreciados.

TOMATES SURPRÊSA

Tira-se uma tampinha dos tomates e com uma colherinha, retiram-se as sementes. Nas cavidades põe-se um pouco de sal e pimenta, enchendo-se em seguida com salada de legumes; sôbre a salada de legumes coloca-se um pedaço de atum, cobrindo-se tudo com a tampa do tomate. Arrumam-se êsses tomates recheiados, em forma de círculo, sôbre salada de alface, colocando-se no centro de uma vasilha de vidro ou uma fôlha grande e arredondada de alface cheia de maionese.

HORS-D'OEUVRE KOEPENICK

(Para 6 a 8 pessoas)

Recheiam-se 12 metades de ovos com paté, cobrem-se com geléia de carne e arrumam-se sôbre fôlhas de alface.

Arrumam-se 12 caranquejos, ou na falta dêstes, salmão sôbre maionese e guarnecem-se com tomates. Salada de tomates com 'vinaigrette" e enfeitada com raminhos de salsa. Arruma-se um feixe de 12 sardinhas com argolas de cebolas, regando-se por cima com alcaparras. Como guarnição põe-se um raminho de salsa. Cobre-se o salmão com maionese. Tomam-se 12 fatias de salame que se guarnecem com geléia de carne, pepinos em conserva e salsa. Arruma-se salada de aipo em forma de pirâmide, guarnecendo-se com rodelas de tomate. Completa-se êste **hors-d'oeuvre** com pãesinhos e torradinhas cobertas, azeitonas, rolos de manteiga e pickles.

PUDIM DE FARINHA DE ARROZ

200 gr de farinha de arroz, 50 gr de amêndoas descascadas e socadas, ½ litro de nata, ½ litro de leite, 200 gr de açúcar, ½ fava de baunilha ou um pacotinho de açúcar de baunilha e uma pitada de sal. Levam-se ao fogo o leite, a nata, o açúcar, a baunilha, sal e amêndoas. Quando levantar fervura, despeja-se tudo sôbre a farinha de arroz dissolvida em leite frio, levando-o novamente ao fogo até levantar fervura. Em seguida, despeja-se numa fôrma em que se passou água fria. Quando estiver gelada, vira-se sôbre um prato e serve-se com môlho de baunilha.

PÃO DE CHESTER

125 gr de farinha, 100 gr de manteiga, 125 gr de queijo Chester, sal e pimenta vermelha, um pouco de água, creme de queijo. Faz-se uma massa com a farinha, a manteiga, o queijo, os temperos, e um pouco de água, deixa-se descansar meia hora, estende-se na grossura de meio centímetro, cortam-se rodelas de 5 a 6 cm, pincelam-se levemente com água e enfeitam-se com o auxílio de um garfo. Assam-se em forno regular. Passa-se um pouco de creme de queijo e juntam-se duas a duas. Servem-se com chá ou para o lanche, com aipo e sal.

NA COZINHA

SOPA DE MAÇÃS

1 k de maçãs azêdas, 4 litros de água, um pedacinho de casca de canela, casca de meio limão e açúcar à vontade. Descascam-se as maçãs, cortam-se em quartos e cozinham-se com água, o açúcar e a canela. Retira-se então a casca de limão e a canela e passam-se as maçãs por uma peneira fina. Pode-se acrescentar mais um pouco de água, à calda das maçãs. Põe-se um pouquinho de açúcar de baunilha e junta-se a massa das maçãs. Deixa-se esfriar bem e serve-se com pedacinhos de pão torrado.

STRUDEL DE LAGOSTA

Massa de Strudel, lagostas, 1 colher de sopa de manteiga, 2 colheres de sopa bem cheias de farinha, 2/10 de litro de nata, 3 gemas, 1 pitada de sal. Fervem-se as lagostas, tiram-se as tesouras e o rabo e faz-se com a manteiga a manteiga de lagostas. Derrete-se a manteiga de lagosta, junta-se a farinha de trigo, bate-se tudo muito bem, junta-se a nata e ferve-se até obter um môlho grosso. Põe-se por último o sal, as gemas e as tesouras e nabos bem picadinhos. Espalha-se isso sôbre a massa de Strudel, bem estendida, põe-se em fôrma redonda e untada, em feitio de caracol, pincela-se por cima com um pouco de manteiga de lagosta e assa-se durante meia hora.

LEGUMES EM "BOUQUETS"

Cozinhe uma grande couve-flor (destaque os ramos), cenouras e nabos grandes tirando-lhes, com a colher própria, belas como avelãs. Cozinhe vagens, e parta-as, ou então abra 2 latas de 'petits-pois". Arrume ao redor do filet, como em 'bouquets" pequeninos montes de couve-flor, cenouras, nabos, vagens ou "petits-pois". Arrume ao redor do filet, como em "bouquets" pequeninos montes de couve-flor, derrame um pouco de qualquer môlho. Não se esqueça que tanto as cenouras como os nabos e vagens, devem ser cozidos em água fervendo, sal e 1 boa colher de açúcar em lugar de bicarbonato de sódio, porque, além de ficarem mais saborosos, ficam com colorido mais vivo.

PEIXE COM MÔLHO NORMANDO

Tome um bom peixe, limpe, deite numa panela, junte 1 cebola ralada, um pedacinho de louro, sal, salsa picada, uma pitada de pimenta do reino, 1 xícara de vinho branco e 1 colher de manteiga. Leve ao fogo e logo que estiver cozido, escorra o caldo. Cozinhe 12 batatas bem redondas e iguais. Arrume o peixe num prato, inteiro ou em lascas, cubra com môlho normando, enfeite com camarões cozidos e arrume as batatas, 6 em cada cabeceira do prato. Os camarões para enfeites divididos, em dois, rendem muito.

MÔLHO NORMANDO

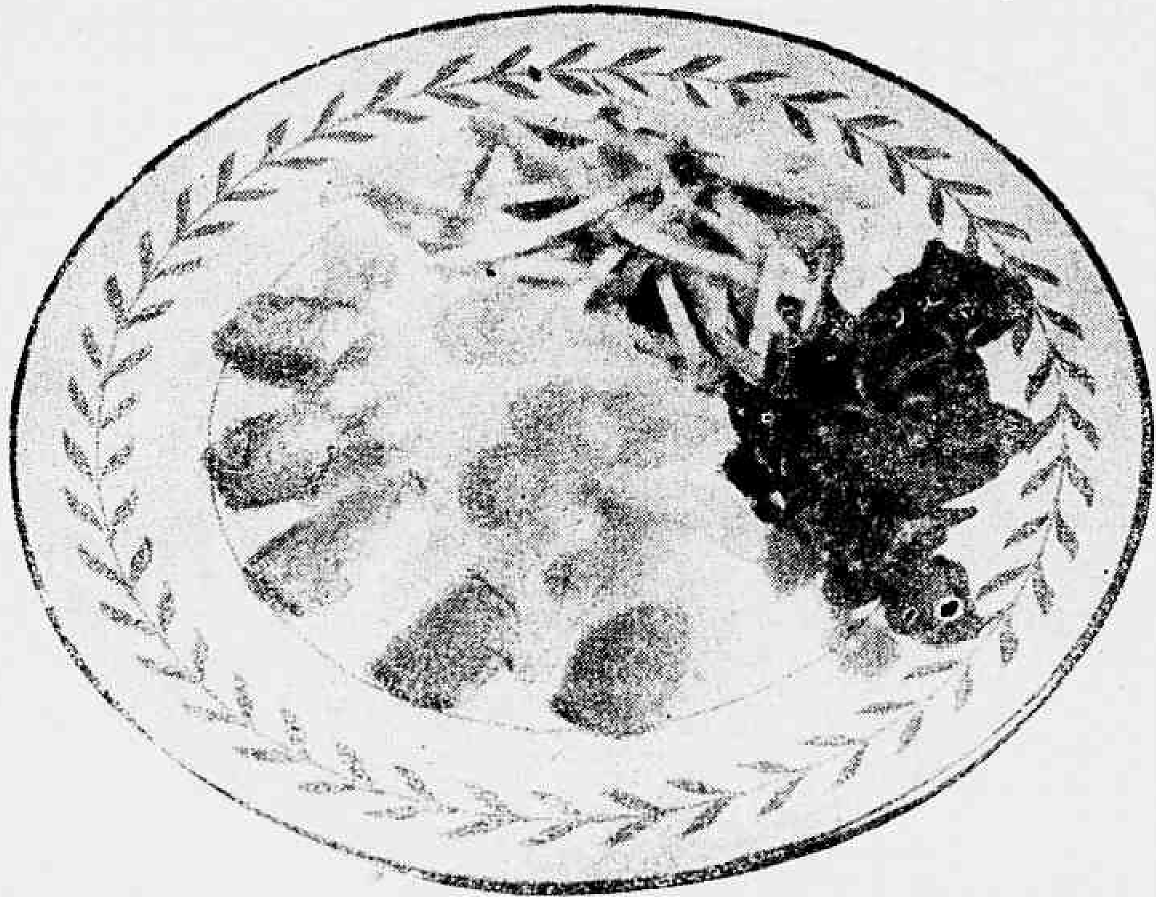
Toste ½ colher de sopa de manteiga com ½ de farinha de trigo, junte o môlho do peixe, 2 gemas, e gôtas de limão. Leve ao fogo, e sempre mexendo, vá juntando aos bocadinhos de manteiga, até ficar em boa consistência e bem aveludado. Passe tudo pela peneira e conserve em banho-maria; na hora de servir, despeje sôbre o peixe.

MAIONESE DE LAGOSTA

Empregue uma ou duas latas de lagostas, depois de escorrer o môlho. Ou então tome uma lagosta fresca grande, ou duas menores, lave, prepare e retire a tripinha escura que tem no meio, depois ferva água com sal, cheiro, cebola, tomates, deixe esfriar um pouco e deite aí a lagosta. Leve ao fogo forte durante 20 a 30 minutos e deixe esfriar no próprio caldo. Retire com cuidado a casca, parta a carne do peito em pedaços de 3 cm. Faça môlho maionese. Parta fininha alface crêspa de 3 pés, e com ela forre o prato. Abra 1 lata de aspargos e corte em pedaços de 3 cm. Cozinhe ½ k de batatas, descasque, corte em tiras, e regue com 3 colheres de leite quente e sal. Parta em tiras 3 cenouras e 2 chuchus cozidos, e 3 maçãs cruas. Misture tudo às batatas, e ligue com 1 colher de môlho e 2 de creme de leiteria. Junte 8 nozes picadas e despeje sôbre a alface, deixando 1 borda de 2 dedos. Espalhe a lagosta por cima, e deite os aspargos, ao redor, sôbre a alface. Deite o môlho no saco próprio, e partindo do centro, faça cordões canelados, dividindo o prato em gomos. Salpique sôbre os cordões meias uvas pretas, sem caroços.

MÔLHO BRANCO

1 colher de manteiga, 1 colher de farinha, 1 xícara de caldo de carne, sal e noz moscada. Leva-se a manteiga para derreter no fogo, juntando-se-lhe a farinha e o caldo de carne. Põe-se o sal e deixa-se cozinhar tudo em fogo brando durante 15 minutos. Acrescenta-se então um pouco de noz-moscada. Pode-se melhorar êste môlho, juntando-se-lhe um pouco de nata. Na falta de caldo de carne pode-se recorrer à água em que foram aferventados os legumes. O môlho branco, ao qual se podem acrescentar ainda sumo de limão, tomates, 'champignons", alcaparras, vinho branco, etc., se presta para ser servido com os mais variados pratos.





VESTIDOS BORDADOS

OS bordados dão às «toilettes» maior elegância e alegria; êstes modelos para várias horas, apresentam novas sugestões para aplicação dos bordados. Em cima vemos: um vestido para «cock-tail», criação de Maggy Rouff. O corpo e a gola alta são bordados com pedras de várias côres. saia lisa com originais bolsos laterais; em baixo: Maggy Rouff idealizou êste vestido de noite em cetim branco, adornado com pedras e plumas, grande capa em tule.



MEIO SÉCULO DE POLÍTICA EM REVISTA

A propósito do artigo que sob o título acima e de autoria de Renato de Alencar foi publicado em número anterior desta revista, recebemos do comandante Luiz Autran de Alencastro Graça, a seguinte carta:

"Rio, em 12 de julho de 1950.

Prezado sr. Redator:

Cordiais saudações.

Por nímia gentileza de um amigo, tenho em mão o n. 27 da REVISTA DA SEMANA, comemorativo do quinquagésimo aniversário de seu aparecimento nesta capital.

Na resenha dos acontecimentos marcantes dêsse longo e brilhante período, deparei na seção referente à política nacional, uma galeria de retratos dos próceres mais em evidência, onde figura o de um prêto velho exatamente ao lado de Ruy Barbosa e com a seguinte inscrição: 'O famoso João Cândido, Almirante Negro chefe da revolta da Armada no govêrno Hermes, em tôrno de quem se espalhou no Brasil uma lenda glorificadora de sua bravura contra a desumanidade."

Nada caberia opor, se não se tratasse de uma invencionice inqualificável, muitas vêzes propalada e por mim logo rebatida, pois aquêle marujo jamais chefiou, por si mesmo, o movimento em aprêço, enfeitando-se com penas de pavão, conforme carta que recebi de um de seus companheiros, ao procurar dispor as coisas nos verdadeiros lugares. Tão pouco, pode-se dar crédito à lenda chamada glorificadora de 'sua bravura contra a desumanidade", como já deixei exaustivamente demonstrado em várias ocasiões, segundo os depoimentos de pessoas idôneas, sendo a desumanidade atribuída aos rebeldes, que assassinaram com requintes de covardia, os oficiais, tripudiando sôbre seus corpos inanimados, depois de caídos no convés.

A própria REVISTA, de uma feita trouxe uma reportagem a respeito acompanhada de gravuras sugestivas e que se reproduziu através de outros órgãos, merecendo de minha parte contestação formal e imediata, sem que se procedesse à necessária retificação até agora, como seria curial em face da ética jornalística. Do silêncio que então se seguiu, julguei o incidente terminado, dada a confissão tácita do autor.

Se o papel da Imprensa é informar leal e honestamente os leitores e nunca deturpar os fatos a seu belprazer ou por ignorância, não se compreende que se deixe de aceitar de boa-vontade os documentos apresentados, no sentido de reparar o êrro cometido voluntária ou involuntàriamente.

O que é lamentável é que ocorrências remotas, e passadas em época de paixões políticas em franca efervescência, que nos atingiram por via suspeita ou malévola, ainda permaneçam em sua forma fantasiosa primitiva, à mercê da cabotinagem impenitente. Aliás, sempre me esforcei para clareá-las de todo, quando em revide sou obrigado a vir a público, em defesa dos brios da classe, o que me tem acarretado sérios aborrecimentos.

E se o ilustre redator houvesse assistido à Conferência, que realizei no Clube Naval em março de 1949, dedicada especialmente aos homens da Imprensa, e cuja cópia tomo a liberdade de juntar aqui, para que a leia num momento de folga, de certo não permitiria que a REVISTA sob sua digna direção, acolhesse em suas páginas artigos que importam em ataques gratuitos à nossa oficialidade, que se recomenda sem favor algum aos seus concidadãos, pelo muito que lhe deve a Pátria.

Esperando de seu cavalheirismo, a publicação da presente carta, aproveito o ensejo para reiterar-lhe os protestos de minha estima e elevada consideração.

Do patrício amigo e admirador obrigado — LUIZ AUTRAN DE ALENCASTRO GRAÇA."

Semana literária

EDMUNDO LYS

MODERNO LIBERALISMO

Em "Social Thought in America" (O Pensamento Social nos Estados Unidos), o autor, Morton White, analisa as idéias de cinco norte-americanos que muito contribuíram para o moderno liberalismo. Foram êles: Oliver Wendell Holmes, o grande jurista que demonstrou que a lei precisa ter como base algo mais do que simples teoria legal; John Dewey, que acreditava na necessidade da educação ser ligada à experiência; Thorsten Veblein, que trouxe nova visão para os problemas econômicos; James Harvey Robinson, o brilhante historiador que acentuou os fenômenos sociais mais do que os políticos; e Charles Beard, que revelou a importância dos motivos econômicos na história. Êsses cinco homens introduziram novas idéias que são parte da base do pensamento liberal moderno. Opuseram-se ao conservantismo e ao formalismo, e demonstraram que a verdade não é algo de estável, mas se modifica à medida que são adquiridos conhecimentos e que novas condições são criadas.

★

OBRAS COMPLETAS DE UM ACADÊMICO

Quase tôda eleição acadêmica provoca também na França comentários e críticas veementes. Assim a de Jean-Louis Vaudoyer, deu ensejo a uma caricatura do semanário "Le Canard Enchaîné", na qual, sob a legenda "Obras Completas de Jean-Louis Vaudoyer" se vêem apenas um terno muito bem cortado, uma cartola elegante, um par de luvas e umas gravatas vistosas.

Será que alguém no Brasil terá lido um livro de Vaudoyer?

★

UM DESENHO DE MAUPASSANT



Um curiosíssimo desenho de Guy de Maupassant, êste, em que ao canto esquerdo se vê o autor de «Bola de Sêbo», caricaturando seus confrades Daudet, Gustave Flaubert e Ivan Turguenev.

★

UM LIVRO PARA OS QUE SE ALIMENTAM

Editado pelo SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social), acaba de aparecer o livro "Problemas Brasileiros de Alimentação", do Professor F. A. de Moura Campos, que conquistou o Prêmio Nacional de Alimentação de 1948, instituído por aquela autarquia, no valor de Cr$ 25.000,00. O autor da obra, professor de fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, é considerado um dos grandes mestres da moderna nutrologia brasileira e há anos se vem dedicando, ao lado de seus colaboradores e assistentes especializados, às mais acuradas pesquisas no setor do conhecimento dos valores nutritivos dos alimentos brasileiros. Seu livro, particularmente no que se refere à vitaminologia, é de grande importância e oportunidade, mormente se levarmos em conta a nossa extensão territorial e as consequentes diferenciações regionais no que diz respeito à produção dos nossos alimentos básicos, tropicais ou não.

★

GALERIA DE CELEBRIDADES



PEARL BUCK é uma das grandes figuras literárias de nosso tempo. Nascida na China, filha de um pastor norte-americano, Pearl Buck recolheu na Ásia o material riquíssimo de seus livros, belos e humanos. Atualmente, está publicando na revista parisiense "Match", a comovente história de sua filha, que sofre de infantilismo. E' a biografia dolorosa de um coração de mãe, diante do infortúnio irremediável de sua filha e que nos enche de respeito ainda maior pela eminente escritora tão querida e admirada.

"O CÉU É MEU DESTINO"

Em "O Céu é Meu Destino", Wilder narra um breve mais intenso período da vida de um jovem caixeiro-viajante, Jorge Brush, que é tido pela maioria na conta de um simplório idiota. Brush é religioso, é infenso à violência, não fuma, não bebe, não joga, prega a tolerância e a pobreza voluntária. Como, porém, suas convicções assumem atitudes ostensivas, Brush, Dom Quixote moderno, irrita meio mundo.

Irrita e afronta o ambiente incréu e convencionalista em que vive. Todavia, também diverte e agrada. Tem boa e apreciada voz de tenor; sua ingenuidade é um espetáculo; suas pregações fazem rir aquêles cuja alma êle quer salvar. Seu esfôrço para amar todos os homens, sua ânsia de viver compreensiva e mansamente, granjeam-lhe às vêzes um pouco de indulgência. Suportam-no. Chega a ser estimado de alguns, por piedade.

Levado um dia a julgamento por ter indicado a um assaltante o lugar do dinheiro na loja assaltada — em virtude da sua teoria de que se corrigem os ladrões dando-se-lhes dinheiro — Brush é mesmo tomado por louco. Eis a sua réplica, que encerra o sentido desta obra: "Não estou louco. O mundo é que está louco! Todos estão loucos, menos eu. Essa é a questão. O mundo todo enlouqueceu!"

Envôlto afinal pela confusão do seu tempo, do nosso tempo, o quixotesco Jorge Brush perde a fé. E perdendo-a, descreve o autor, "agora ria e falava mais nos trens e hotéis. Passava as noites nos cinemas, rindo alto e longamente ao mínimo pretexto".

Mas não terminam aí a história e o destino dêsse homem. Thornton Wilder, com seu estilo teatral a fazer trepidar nervosamente as cenas, os episódios a um tempo grotescos e sublimes desta obra, remata nesse ponto apenas mais um ato do drama de Jorge Brush. Nova jornada então se inicia para êsse trágico e cômico ser humano empolgado por uma religião, "coisa de que a gente não pode entender enquanto não começa a vivê-la".

E' êsse o magistral romance que a Editôra Globo acaba de publicar em sua famosa "Coleção Nobel", numa esplêndida tradução do escritor Rolmes Barbosa.



FORA DO PRELO



PAISAGEM DOS LIVROS — (1.ª Série) — Abdias Lima — Editora Paulina — Fortaleza. Nesta época de escassez de crítica séria, chega-nos do Ceará esta excelente coletânea de artigos de crítica de Abdias Lima. E' uma obra de relevantes qualidades — inclusive o espírito polêmico que manifesta em tantas de suas páginas.

Abdias Lima cultiva, em Fortaleza, o gênero mais ingrato na atividade literária da província — a crítica. Todos sabemos as limitações impostas a um crítico provinciano, pelas ligações muito próximas com os escritores, no meio restrito, pelas dificuldades de publicação, uma vez que deseje ser honesto consigo mesmo e com os autores de que fala. Mas, vencendo tôdas essas adversidades, Abdias Lima consegue fazer, no Ceará, mantendo as tradições intelectuais de seu Estado e, particularmente, as nobres heranças de sua crítica — evocadas no prefácio de Abelardo F. Montenegro — obra significativa pela seriedade, pela independência, pela honestidade e pela capacidade.

Aliás, ferindo êste ponto, não podemos deixar de assinalar que êsse aspecto das limitações da crítica, hoje é também um caráter dos grandes centros, da metrópole. O Rio é um pequeno ajuntamento de **províncias** literárias, onde a missão de Tristão de Ataíde, de Álvaro Lins e de outros, continua a ser objeto de comovida admiração, pelo martirológio que representam. Temos os nossos **tabus**, os nossos **intocáveis**. O compadrio é o traço mais nítido da classe literária. O igrejismo nunca funcionou tanto, nem tão bem, como agora, no Rio. Mais do que no meio provinciano, estamos certos.

O livro de Abdias Lima vale assim como uma lição para o nosso ambiente, onde os críticos podem ser contados pelos dedos. Abdias Lima vem formar entre êsses críticos a que se devem reconhecer, entre outras, as qualidades do heroísmo. Aqui está sua primeira série de "Paisagem dos Livros", de tão grande e real interêsse, rompendo a linha monótona do deserto panorama da crítica.

E' certo que podemos discutir idéias, conceitos e opiniões do autor — prova de que existem — que acentua, alguns traços apaixonados de seu juizo a respeito de obras e autores. E' verdade também que êle é sempre honesto e por isso escreve, em um de seus artigos: "As nossas simpatias ou os nossos ódios são uma coisa. O noso julgamento literário é outra".

Há uma contingência difícil nesse passo da crítica: não podemos, nunca, atingir a essa isenção de seu propósito acima transcrito — e nossa crítica será, sempre, bastante, muito de nossas simpatias e de nossos ódios. E, isso, porque não podemos criticar senão obras e autores que estejam na nossa simpatia ou na nossa antipatia. Os nossos indiferentes são incriticáveis, uma vez que não nos conseguiram interessar. Mas seria longo discutir êsse ponto. A independência do crítico pode existir — e existe neste crítico — apesar ou por causa de nossas simpatias e de nossos ódios.

O que mais seduz no livro de Abdias Lima é a autonomia de sua apreciação, diante dos novos, como em presença dos medalhões. Um equilíbrio fascinante o que êle mantém, nos casos mais difíceis, mais espinhosos, como, por exemplo, no julgamento de Mário de Andrade, Marques Rebelo, Carlos Drumond de Andrade e outros. Mas, diríamos que êle leva, muitas vêzes, um pouco longe, generaliza demasiado suas impressões sôbre a poesia moderna: "Infelizmente e felizmente, a maioria dos versos modernos são fabricados para desopilar o fígado". Êste é o ponto polêmico mais frágil do crítico cearense. Essa "fabricação" pertence a uma fase já de tempos superada pelos modernos: a era do **poema-piada** do primitivo modernismo. E, no caso de Carlos Drumond de Andrade, visado especialmente pelo crítico, nunca vimos na sua poesia êsse **piadismo** que êle denuncia. E também seria difícil concordar com esta tese de Abdias Lima: "A originalidade da poesia moderna é artificial".

Na bela obra que o autor vem realizando no Ceará e tão brilhantemente documentada neste livro — essa sua atitude exagerada contra a poesia moderna é uma das mais graves falhas. Pedimos que êle leia melhor a poesia de Drumond, vare o que nela possa lhe parecer aparência leviana e note sua amargura, o "sense of humor" com que o poeta se arma, com pudor do excesso de emoção que há nele. Quem escreveu aquêle breve, lúcido e compreensivo estudo sôbre a poesia de Lúcio Cardoso, tem o dever de procurar a verdade do grande poeta de Itabira.

Outro mérito de "Paisagem dos Livros" é o de nos trazer tantos nomes atuais da província — quase desconhecidos entre nós: os poetas Silveira Filho, Artur Eduardo Benevides e Matos Pereira, o contista Braga Montenegro, etc.. Seus estudos sôbre críticos literários revelam uma grande fôrça de simpatia e de penetração, ao lado de seu grave conceito sôbre a missão da crítica. Os que nos dá sôbre literatura estrangeira são também muito apreciáveis. Se Abdias nos permite um ligeiro reparo sôbre o que nos informa a respeito da composição de "O Corvo", poderemos dizer-lhe que quem "contou a história" dêsse poema não foi Aurélio Buarque de Holanda, mas o próprio Poe, em uma página que se chama "A gênese de um poema".

Para finalizar êste registro, assinalemos que Abdias Lima consegue aquilo que é o principal objetivo da crítica e a sua qualidade mais rara: despertar nosso interêsse pelas obras que estuda.

SILÊNCIO DO MEU DESTINO — Paula Achilles — Rio. Há uma permanente discussão sôbre a forma poética. Entre os poetas — porque ao público e à crítica essa discussão não interessa. O público, como sempre, conserva por mais tempo sua fidelidade às tradições. E, quando essas tradições são as da poesia, o público se torna mais intransigente, não admitindo com facilidade a poesia moderna, de formas mais amplas, de sentido mais hermético, sem a melodia das rimas e o ritmo da velha métrica.

Não podemos, com isenção, eliminar as tradições da poesia, nem mesmo os poetas tradicionalistas que prolongam no tempo a forma, a temática e os conceitos antigos, repelidos pela poesia moderna. Um grande poeta pertence a todos os tempos.

Aí temos o caso do soneto. O fato de ter feito sonetos não exclui de nossa admiração nenhum poeta realmente grande. A guerra ao soneto foi muito útil no tempo do modernismo revolucionário. A geração post-modernista já compreendeu que essa era uma atitude de combate, necessária, mas superada. Hoje em dia, mesmo poetas novos e novíssimos não desprezam as formas tradicionais. Êsse preconceito da forma é uma atitude de anacrônico parnasianismo que os modernos desprezaram e fizeram muito bem. E' verdade que a forma em muitos poetas novos, como em um dos seus mestres — Valèry — é trabalhadíssima. Mas, trabalhado no sentido do rendimento poético e não no do efeito exterior, de versificação — o que é bem diferente.

Ocorreu-nos essa discussão sôbre técnica poética a propósito de "Silêncio do meu Destino", de Paula Achilles, um discípulo de Bilac, por todos os títulos, e, pois, um parnasiano, com quase todos os preconceitos da escola. Paula Achilles conserva-se fiel às nossas tradições poéticas, preferindo ser um poeta antigo, com o gôsto dos belos versos sonoros, de acôrdo com o conceito métrico, léxico e imaginístico que foi a herança maior do cantor de "Tarde". Até mesmo alguns temas de sua poesia lembram seu parentesco próximo com Bilac. E, embora êle fuja aqui e ali do poema curto, à síntese dos quatorze versos que foi o forte do "poeta das estrêlas", como seu ancestral ilustre, Paula Achilles nos traz aquêle mesmo lirismo mais sensual e volutuoso do que romântico, as inclinações panteistas e o gôsto de uma serena, resignada filosofia mas cética do que pessimista. Com isso, o lavor do verso, levado ao extremo da valorização de cada linha, como uma entidade autônoma do poema, apurado espírito de seleção, no vocabulário e nas imagens.

Mas, não era possível ao poeta de "Silêncio do Meu Destino" permanecer na angústia dos decassílabos e dos alexandrinos, nem na tortura das rimas ricas e das chaves-de-ouro. Assim, aqui e ali, através de seus poemas, êle tempera a severidade da forma com versos mais amplos e foge à rima quando ela não poderia acrescentar ao efeito da imagem.

Fiel a si mesmo — dentro do conceito shakespeareano da melhor sinceridade — Paula Achilles nos dá uma poesia que, nos seus graves acentos e na sua forma trabalhada, nos acorda os ecos da lira de ouro em que cantaram os parnasianos e que vale, assim, como uma profissão de fé, como um depoimento da alta emoção que pode acordar, em nossos dias, a tonicidade lírica que fêz a glória de Bilac.

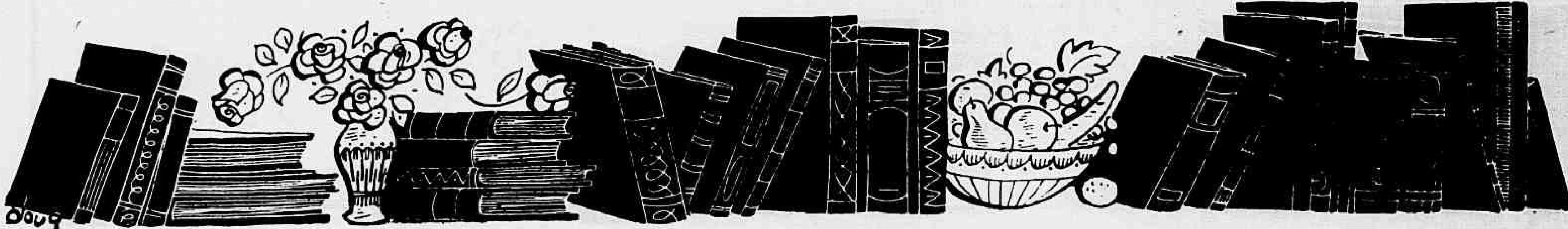
★

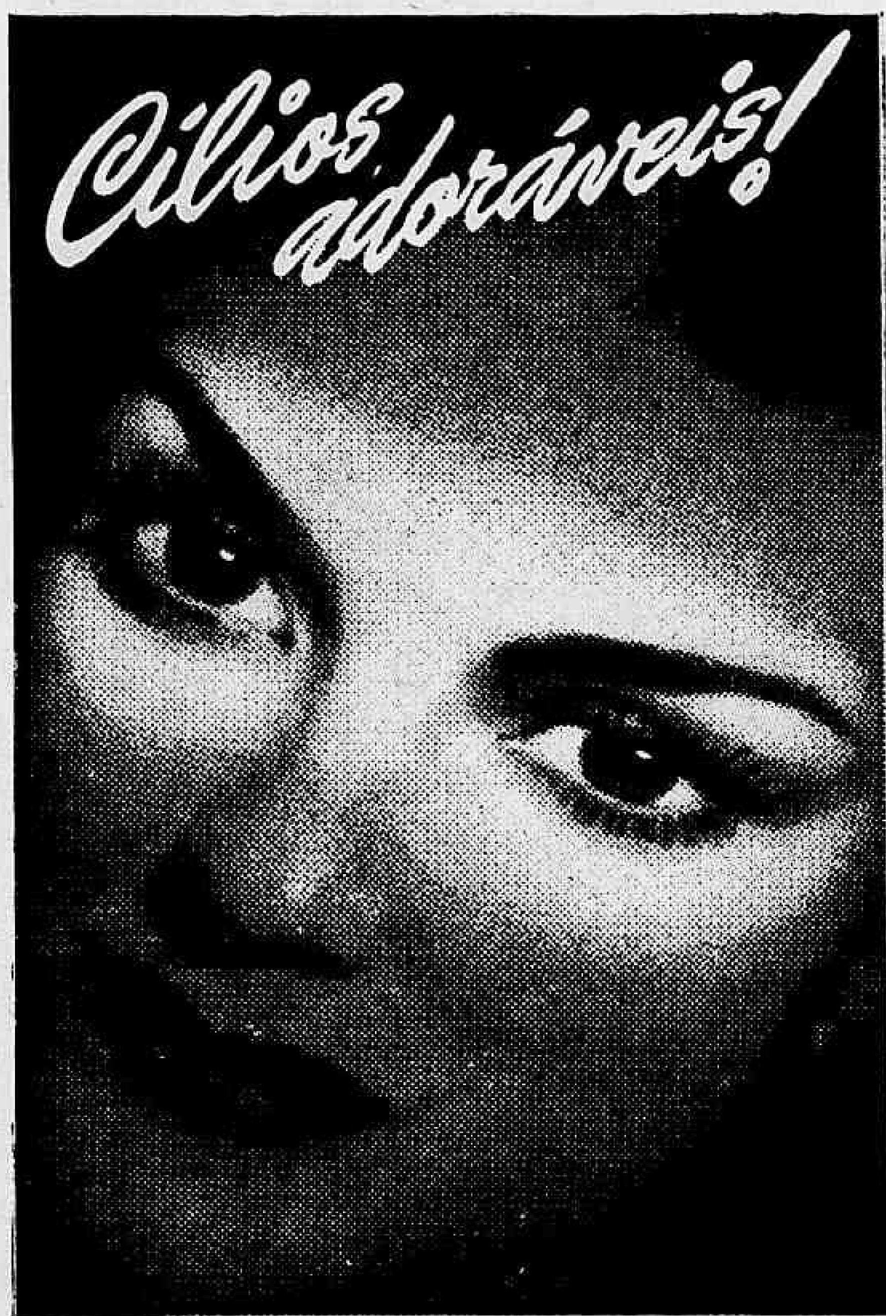
OUTROS LIVROS O caráter da moda é ser transitória. Entretanto, há uma espécie de moda que permanece: a das biografias. Na série de Grandes Músicos, as Edições Melhoramentos apresentam, em tão fascinante gênero, "Fraz Schubert e seus alegres amigos", "Ludwig van Beethoven e os sinos do Campanário" e "Mozart, o menino-prodígio", de Opel Wheeler e Sybil Deucher. Além de lhes contar a vida, os volumes reproduzem páginas musicais dos biografados. E' leitura que comove, impressiona e empolga, assim como agrada a beleza das ilustrações.

Para breve, a Melhoramentos promete Bach, Haendel e Haydn, outro esplêndido trio de geniais.

★

Audaciosas e surpreendentes aventuras no mundo da alma humana, as obras de Thornton Wilder focalizam essencialmente dramas do homem espiritual. O notável romancista e dramaturgo norte-americano retrata em profundidade o caráter de suas personagens, e na existência de cada uma procura sondar o próprio sentido da vida. Investindo contra uma sociedade formalista e burguesa, o autor de "A Ponte de San Luís Rey" tem, etretanto, suficiente sabedoria para rir dela e com ela. O fino humorismo com que encara as criaturas, impede, assim, que elas percam a sua irredutível condição humana.





Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

Passou a dôr?

-um SORRISO-



graças a

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA



A vida de Teodora

(Cont. da pág. 14)

Constantinopla em companhia dos seus mais fiéis sequazes.

— Seja bem-vindo ao nosso palácio!

O imperador e a imperatriz desmancharam-se em lisonjas e sorrisos. Levaram os visitantes às corridas de carros, aos teatros e às lutas de gladiadores. E por fim os homenagearam com uma diversão preparada especialmente em honra deles: a execução de uma centena de criminosos, que foram arrojados ao anfiteatro como joguêtes para vinte leões e trinta leopardos.

— Teremos muito que contar aos amigos quando voltar-mos — disse Vitaliano.

— Sim? redargiu Teodora, jovialmente. — Mas ainda não lhes mostramos o melhor dos festejos.

Aquela noite êles iam ser obsequiados com um banquete de despedida no palácio.

— Espero que seja um acontecimento memorável — disse ela.

— Certamente que será.

O festim foi dos mais faustosos mesmo para essa época, que foi uma das mais perdulárias. Celebrou-se na famosa Sala dos Dezenove Divãs: forros de ouro, tapeçarias com franças douradas, trezentas mesas em forma de crescente marchetadas de marfim e cravejadas de pedras preciosas. Os convidados compareceram com tôda a sua porpa de bárbaros. Os reais consortes receberam-nos com melíflua cordialidade.

— Ficaremos tão desolados quando fôrem embora!

E que suntuária variedade de apetitosos pratos! E flautistas, e dançarinas, e jograis, e bufões, e truões! Tarde da noite êles esvaziaram as taças e vociferaram seus grosseiros dichotes bàrbaramente espirituosos. Afinal Teodora e Justiniano pediram licença para se retirar.

— A imperatriz está cansada. Teve um dia atarefado... Mas fiquem à vontade... São bem-vindos todo o tempo que permanecerem aqui.

Um rei afável. Uma rainha generosa. Vitaliano e seu séqüito voltaram às suas taças de vinho, às suas flautistas e às suas chalaças. Ficaram ainda depois que as tochas se extinguiram. E o dilúculo da alvorada penetrou pelas janelas e patenteou uma espantosa cena. Um banquete de mortos. Debaixo de cada divã, um charco de vinho misturava-se a uma poça de sangue. Os reais consortes tinham ordenado aos escravos que apunhalassem os convidados quando êles estivessem suficientemente embriagados para não resistir.

(Cont. no próximo número)

Prático -- Anjo da

(Cont. da pág. 32)

comando e outros na direção das embarcações em locais de difícil acesso e de posição estratégica, constituindo por isso verdadeiros segredos militares. Devido ao imenso cabedal de experiência que traziam de suas pátrias e ao largo tirocínio através de vidas inteiras vividas no mar, eram os estrangeiros verdadeiros cicerones e guias em nosso principal pôrto. Isso os punha em contacto direto e permanente com os recantos de nossa baía em que se localizavam a Escola Naval, bases de defesa minada, fábricas e depósitos de munições, diques, bases de submarinos, estaleiros, depósitos de combustível, etc. Como a reforçar os argumentos visados pela medida, durante a última guerra, o episódio do combate havido no estuário do Rio da Prata, entre belonaves inglêsas e o couraçado de bôlso alemão "Graf Spee", devido à grande maneabilidade da nau germânica em águas escassas e ao perfeito contrôle dos canais junto à costa, foi posteriormente explicado pela presença a bordo de comandantes da marinha mercante alemã, que faziam a linha Sul-América em tempos de paz. Demonstraram, assim, o perfeito conhecimento das costas, barras e portos, de que haviam anteriormente feito à vontade o levantamento e a marcação. Justificadas, pois, eram as razões que determinaram a nacionalização dêsses serviços. A verdade, porém, manda que seja dito honestamente o muito que se deve aos abnegados estrangeiros, desbravadores, verdadeiros pioneiros de uma classe, onde a responsabilidade ombreia-se com a audácia, onde o golpe de vista não pode falhar e onde a indecisão ocasiona catástrofes. Para homenagear êsses bravos que trabalharam pela terra adotiva com tôda a lealdade e humildade, vamos lembrar os nomes dos que foram encontrados em serviço ativo quando da criação oficial da Corporação em 1939. São êles: Michael J. Robinson, australiano, Capitão de longo curso na Inglaterra e no Brasil, ex-comandante da Cia. Costeira, centralizou êle os serviços de praticagem civil em nosso pôrto. Ernest Cromack, inglês, Capitão de longo curso, com diploma revalidado em nosso país. Antônio de Lima, português, emérito navegante em veleiros que pilotou até 1918, mestre da atual geração de práticos. Juan Calixto Grova, espanhol de Vigo, grande conhecedor de todos os recantos da baía, onde empregou suas atividades desde 1890, como remador, patrão e finalmente Prático. Sua façanha consistia em atracar os grandes paquetes italianos como uma simples lancha. Antônio Joaquim Bordalo, português, pilôto efetivo do "Cap Arcona" e do "Cap Polônio". Suas manobras precisas e impecáveis causavam arrepios em quantos assistiam. Francisco Cardoso Guedes, português, pilôto da Cia. Comercial e Marítima e da Chargeurs Réunis. Manoel de Oliveira Ventura, português nacionalizado, o bravo pilôto dos fruteiros velozes, e Alfred Johansen, sueco.

Antes de começar a descrever o desenvolvimento da Corporação, vamos dar um passo atrás no tempo. Sabe-se que o cais do pôrto foi construido em 1908. Sendo assim, como era feito e onde o ancoramento dos navios, a descarga, a carga e o desembarque de passageiros? Perguntamo-lo ao Cte. Assis, Prático do Pôrto e nosso confrade da "Gazeta Marítima", com quem estivemos em contacto para realizar a reportagem, e êle assim explicou:

— Até o início do século, as embarcações que demandavam nosso pôrto, incluindo numerosos veleiros, fundeavam no ancoradouro de visita, no alinhamento ilha Fiscal-Armação. Era a quarentena. Desciam os passageiros, que se utilizavam de catraias de aluguel, movidas a remos para condução até a cidade. Se os navios eram de carga, após serem desembaraçados mudavam para o ancoradouro de descarga no poço a noroeste da ilha das Enxadas, onde funcionava a nossa Escola Naval. Construido o cais em 1908, facilitou-se o trabalho de desembarque, inclusive para os navios de maior calado, mas fêz-se necessária a presença a bordo de um prático do pôrto capaz de conduzir o navio a qualquer ponto acostável da baía. Foi aí que surgiram principalmente os estrangeiros até 1939 quando foram substituidos por nós.

— Qual é a organização da Corporação dos Práticos?

— E' uma instituição civil de caráter privado, tanto que nós executamos nossas atividades à paisana, como na Argentina e nos Estados Unidos. Sofre, porém, fiscalização direta do Ministério da Marinha. Consta de 17 práticos, 1 auxiliar e 3 praticantes. O pessoal foi escolhido e composto de Capitães de longo curso, oficiais náuticos da Marinha Mercante, antigos Práticos de longo tirocínio e alguns integrantes dos quadros efetivos da Armada. Atualmente, para ser integrado em nossa Corporação é preciso cursar a Escola de Marinha Mercante junto ao Lloyd Brasileiro, supervisionada pela Marinha de Guerra, familiarizar-se durante um ano com as manobras do pôrto, e seguir por mais dois anos o trabalho dos práticos em tôdas as fases para ser considerado prático auxiliar. Isto para aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos nas escolas e que constam, além das matérias básicas, das seguintes especializadas: relêvo submarino, balisamento (corresponde no mar ao que é feito em terra pelo serviço de trânsito), farolagem, enfiamento (técnica a ser observada em obediência aos sinais para conduzir os navios no caminho certo), regimes de marés e ventos, arte naval, marinharia, bússola e línguas. A praticagem é dividida em duas partes distintas: externa ou interna, conforme seja necessária uma ou outra para aproximação de um pôrto ou livre trânsito no interior do mesmo. Na baía de Guanabara só em casos muito especiais é aplicada a praticagem externa, pois quase na totalidade os navios penetram fàcilmente e com os próprios meios através da entrada natural da barra, entre Santa Cruz e São João, até o ancoradouro de visita, em frente ao aeroporto Santos Dumont. Deve-se isso à grande amplitude da baía e à sua perfeita sinalização. E' nesse ancoradouro que os práticos sobem a bordo e levam os navios ao destino. Adotamos o sistema de rodízio para o trabalho, que é executado a qualquer hora do dia e da noite durante o ano todo. Contamos com um pôsto de observação no Edifício "A

Noite", em ponto estratégico, de onde se divisa a maior parte da baia, e temos ligação direta com a estação PPR do Arpoador, pronta a captar e emitir qualquer mensagem de emergência.

A BORDO

Para poder descrever da maneira mais fiel o trabalho do prático, manifestamos o desejo de acompanhá-los a bordo e seguir de perto as manobras de atracação ao cais e de saida para novo destino. Fomos atendidos e tivemos oportunidade de subir várias vêzes a bordo de diferentes paquetes. Numa lancha, sobem vários dêles, pois num mesmo giro são distribuidos aos navios ancorados, á espera de vaga em frente aos armazéns. Enquanto o prático não está a bordo, no mastro do navio pode-se ver uma bandeira de listras verticais, azuis e amarelas, correspondendo à letra "G" do código internacional de sinais, "pedindo prático", que é mudada por outra de listras brancas e vermelhas, correspondendo à letra "H" do código, logo que o prático sobe. A lancha encosta à escada, sobe o prático pelo portaló e é imediatamente conduzido à presença do comandante, a quem avisa qual o armazém que servirá de referência para a manobra. Após isso vão ambos até a ponte de comando, na qual o capitão continuará como comandante do navio, tendo ao lado, porém, o prático, na qualidade de auxiliar-técnico, às ordens de quem põe o timoneiro e as máquinas. E' êsse auxiliar-técnico que se torna no momento o responsável pelo que possa acontecer ao navio, desde que manda levantar âncora e avançar a meia-fôrça. Desde o inicio verificamos que o trabalho do pilôto brasileiro caracteriza-se por uma certa monotonia aos olhos do leigo. Fica êle parado na parte externa da ponte de comando, ou atravessa-a até o outro lado, ou entra na cabine onde estão a roda do leme, bússola, telefones, telégrafos e demais aparelhagens. Seja como fôr, o espaço é restrito e o prático o percorre lentamente, braços cruzados atrás, quase não fala a não ser para transmitir ordens para dentro da cabine: "Leme a bombordo" — "A tôda fôrça" — "A meia-fôrça" — "Para trás a tôda fôrça" e assim sucessivamente. Porém, não desprega um instante os olhos do caminho, isto é da rota que o navio está seguindo. Do alto da ponte verificamos que o navio estava fazendo uma grande curva, mas a não ser isso, o resto para nós afigurava-se com uma certa confusão, pois eram tantos os navios ancorados e em movimento nas águas próximas, chatas, lanchas, rebocadores, veleiros, faróis, ilhotas, pedras e lá longe o cais e a cidade, numa mistura de guindastes, chaminés, tôrres, edificios altos e baixos, e mais o mar que parecia ser sempre o mesmo, seja por onde passava o navio como dez metros ao lado, ou vinte ou cinquenta. O prático veio tirar-nos daquela confusão.

— Está percebendo alguma coisa da manobra que está fazendo o meu colega? — perguntou, sim porque êle servia de cicerone, enquanto o outro calmamente dirigia a manobra, o que não poderia fazer se desse atenção à nossa presença com explicações e informações.

Francamente, confessamos a nossa incompreensão.

— No entanto eu — disse o prático — estou vendo a rota, com todos os seus empecilhos e perigos, como se estivesse guiando um carro em plena avenida. Tenho diante de mim todo o relêvo submarino dêste percurso e vejo claramente o canal que o navio está percorrendo.

Olhamos novamente para o mar e ficamos a cismar como era possivel distinguir um canal dentro do próprio mar. Procuramos olhar para as águas em sentido vertical do alto da ponte, pois pensamos com certeza as águas são tão baixas que deve-se ver o fundo. Nada, as águas eram escuras e inescrutáveis. Pedimos então explicações.

— Para o navio de grande porte que sai do ancoradouro de visita em frente ao aeroporto Santos Dumont e se dirige ao cais, só há um caminho a seguir, constituido por um canal de acesso de cêrca de 300 metros de largo, onde as águas são mais profundas permitindo a evolução de quilhas de muito calado. Êsse canal está assinalado nos seus minimos detalhes e em tôda a sua extensão, tanto que é possivel realizar a manobra seja de dia como de noite, com a maior segurança para o navio. Aos lados do canal foram colocadas bóias coloridas, pretas à esquerda e vermelhas à direita de quem entra ostentando luzes durante a noite.

E assim dizendo foi nos mostrando as bóias, pequenas e que sumiam no complexo do cenário aos nossos olhos não prevenidos.

— Tôda a baia de Guanabara, está assim balizada, para usar o têrmo técnico. Todo o relêvo submarino, além de estar assinalado nas plantas, também na superficie das águas leva sinais que alertam os pilotos, sempre que exista alguma coisa que represente perigo aos navios, bancos de areia, pedras invisiveis ou pouco visiveis, segundo a maré, pouca profundidade, etc. Só após muito estudo e prática de serviço é que nós chegamos a conhecer o fundo da baia como o traçado das ruas na cidade. Isso, porém, é quase impossivel para os comandantes estrangeiros, que percorrem os portos do mundo inteiro. Ai é que se torna necessária a nossa presença, pois estamos familiarizados com o nosso pôrto.

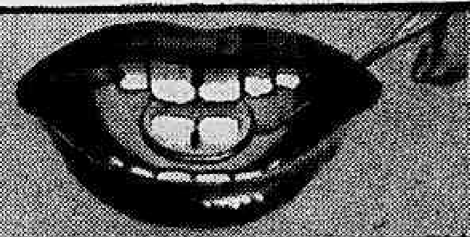
Aproximaram-se em seguida dois rebocadores que evoluiram para receber os cabos, sempre sob as ordens do prático. Tudo era realizado no momento oportuno e da maneira que convinha. Homens afeitos ao trabalho, executavam as manobras com perfeição, correndo o serviço de modo tão suave que chegam a dar a impressão de ser uma coisa por demais fácil e sem importância. Mas voltaram as explicações do prático a chamar-nos a atenção para fatos que de outro modo teriam passado despercebidos. Os cabos seguros pelos rebocadores são tendidos de uma forma que se por um acaso as máquinas dos mesmos e do navio não obedecerem ou se fôr dada uma ordem errada, isso poderá causar o viramento dos possantes barquinhos e consequente morte dos tripulantes. Mansamente vai o navio se aproximando do cais, na qual já divisamos o lugar que espera a atracação, o armazém n. 3. Após uma elegante curva, o navio é puxado e empurrado de lado paralelamente ao cais, cuidadosamente, sempre sofreado pelos cabos dos rebocadores. Surge mais uma lancha que apanhando uma espia de manilha de 12 polegadas vai levando-a para ser encapelada no cabeço do cais. Serve para subjugar a prôa. O navio é defendido por grossas madeiras ou rolos de corda que lhe impedem de bater nas pedras. Isso tudo requer a máxima atenção e golpe de vista do prático, que nessa altura movimenta-se com maior rapidez na ponte, indo de um extremo a outro, dando ordens com o apito ao rebocador que está puxando a prôa, ou àquele que está empurrando de nariz a popa, transmite ao timoneiro diferentes e sucessivas posições para o leme e as máquinas recebem continuas ordens através do telégrafo automático de bordo, que tilinta continuamente, sempre respondido pelo pessoal escondido no bôjo do navio, para o relativo "entendido". Uma vez desligados os rebocadores, os cabos presos nos cabeços do cais são retesados à vontade pelas máquinas de bordo, no final da manobra, para fixar definitivamente o navio ao cais. E a manobra está completa. Agradece o comandante e despede-se até a hora de sair, quando o prático voltará a bordo para fazer justamente o inverso de antes: terá que desencostar o navio e levá-lo até à altura do ancoradouro de visita, onde saltará, pois daí em diante o paquete pode se governar e dirigir com os próprios conhecimentos. Parece fácil, no entanto é na saida que se realiza a atividade mais arriscada do prático. Uma vez encaminhando o navio no caminho certo em direção da barra, os rebocadores desligam-se, pois o navio segue com as próprias máquinas, e o prático desce para a lancha que o espera. Mas não é pelo fato dêle ter que descer que o navio vai parar as máquinas e diminuir a velocidade que já está ganhando rumo ao mar alto. A lancha segue encostada ao navio, sacudida pelas ondas provocadas pelo mesmo e o prático desce pelo costado por uma escada de corda, chamada "quebra-peito", tantos são os safanões e as batidas de encontro ao navio, determinadas pelos movimentos e o jôgo do barco. Chegado a uma altura suficiente, o prático joga-se da escada na lancha, num pulo corajoso, que requer sangue-frio, cálculo e fôrça.

— Quantas e quantas vêzes o pulo termina dentro d'água — disse o prático. — Especialmente, quando o mar está revôlto

DENTES SADIOS E ATRAENTES,
SÃO CARACTERÍSTICOS DE TODO KOLYNOS-ISTA!



MAS, VEJA ESTE CONTRASTE... →
olhe os dentes de outra boca... cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diário de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as particulas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBEM:
Basta 1 cm. na escova seca.



Mc CANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-305

A SAÚDE DO BEBÊ

DIETA HÍDRICA

DR. SABOIA RIBEIRO

Diante da diarréa declarada da criança, quase sempre, a hipotese que todos admitem, logo, é da injecção intestinal, mesmo quando o leite é o próprio leite materno.

Se o leite é outro, atribuem, sumariàmente, à qualidade do leite, e daí mudança do alimento sem qualquer critério.

Muitas vêzes porém trata-se de uma infecção geral ou localizada fora do intestino. Quando acontece, e acontece com relativa freqüência, que a criancinha perde o apetite, durante um período mais ou menos extenso, não mama direito ou chora quando mama, as mais das vêzes trata-se de gripe.

A simples suspeita torna-se quase certeza quando se confirma a existência, na mesma casa, de pessoa atacada dêste mal ou que seja portadôra de uma afecção da garganta.

A criança gripada torna-se inapelente; o nariz tapado obsta-lhe o ato de mamar; quase sempre apresenta dor de ouvido, o que pode ser confirmado fazendo-se alguma pressão sôbre o conduto ou auditivo externo.

A inspecção da garganta e das amigdalas mostram-nos inflamadas e crivadas de pontos brancos.

Quando uma criança adoece com êsses sintomas, as repercussões, sôbre o aparêlho digestivo nunca faltam, daí a diarréa.

No regime ao leite de vaca, acontece, a miude, que a criança não está se desenvolvendo bem, com alternativas de funções intestinais, óra boas, óra más, até se tornarem as fézes envoltas em mucosidades, e porfim francamente diarreicas.

Nêste caso, pode-se supôr um distúrbio, a princípio, puramente alimentar, mais tarde, uma infecção intestinal.

Acontece também, por vêzes, que a diarréa irrompe brusca e violentamente, estando a criança gosando a melhor saúde, sendo o leite animal. As mais das vêzes isto ocorre principalmente nas mudanças do alimento, ou um preparo desta sem muito equilíbrio de seus componentes básicos.

Aqui as manifestações tóxicos do estado geral quase nunca faltam, completando o quadro.

Ora, em todos êstes casos, é preciso combater de tôdas as formas um dos sintomas mais perigosos que ameaçam a vida da criancinha atacada de diarréa, e é a deshidratação ocasionada pela mesma.

Também deve ser encarada seriamente a possibilidade de uma perturbação, inicialmente alimentar, transformar-se em uma infecção.

Com efeito esta possibilidade existe sempre, maxime se o disturbio não é assistido dêsde suas primeiras manifestações, pois a regra é alcançarem o intestino delgado, tornando-se virulentos, gérmes habitualmente vivendo no grosso intestino, e aí inofensivos.

Como diziamos um primeiro cuidado diante da diarréa da criancinha, capaz de evitar tais funestas consequências, consiste na adoção da *diéta hidrica.*

Sua duração depende principalmente já da idade da criança, já do carater da perturbação.

Menor a idade da criança menos resiste ela à perda liquida violenta da diarréa, e portanto mais longa deverá ser a diéta hidrica.

Maiores a virulencia da infecção e os agravos do próprio aparêlho digestivo da criança, mais prolangada observar-se-á a mesma.

Usa-se agua filtrada, chá, mate, geralmente adoçados com sacarina ou um açúcar não fermentescivel.

De um modo geral, nos disturbios leves, e principalmente quando o leite é o de peito, uma pausa alimentar de 6 horas é suficientemente para melhorar o estado de diarréa, dando-se então qualquer daqueles liquidos em intervalos regulares. (30 a 50 gramas por vez, totalizando 100 a 150 gramas por quilo de pêso).

Havendo necessidade de uma reidratação urgente, e quando os fenômenos tóxicos são minimos ou mesmo não manifestos podem-se usar as soluções deRinger ou Heim-John.

Eis suas fórmulas:

Ringer:

Cloreto de sódio	7,5
" de potásio	10 centig.
" de cálcio	20 centig.
Água destilada	1 litro.

Heim-John:

Cloreto de sódio	5 grs.
Bicarbonato de sódio	5 grs.
Água distilada	1 litro.

Havendo fenômenos tóxicos, a diéta hidrica rigoroso por 12 horas, poderá ser seguida de uma solução a 15 % de um açúcar nutritivo, dada a criancinha em porções de 30 a 50 gramas à colherinhas.

Na correção dos disturbios interessando o aparêlho digestivo a dieta hidrica é sempre o primeiro passo obrigado da cura.

Sòmente após essa pausa pela diéta hidrica é que se cuidará de voltar à alimentação da criança propriamente.

A diéta hidrica permite, muitas vêzes, normalizar a temperatura da criança, e observa-se que, tratando-se de uma perturbação apenas causada pelo alimento, a febre cede, e tratando-se de uma infecção, mantem-se a febre.

Feita a diéta hidrica, na criança da baixa idade, é o leitelbo, incontestavelmente, o alimento que deve ser utilizado pela criança, pelo menos uns 15 dias, ou menos mais, feitos certos modificações no seu preparo.

Porém no primeiro trimestre nada melhor do que o leite de peito, de maneira que deverá ser delingenciado de preferência a outro qualquer sempre que possível.

O Jôgo
da criança
não é o mesmo
do adulto...



- e também
o fortificante!

Para as crianças do Brasil



só o

Não é qualquer fortificante que serve para as crianças. Os delicados organismos infantis exigem um tônico completo em sua fórmula, com ingredientes cientificamente dosados: TÔNICO INFANTIL! As crianças de hoje tornam-se mais fortes, mais inteligentes e alegres com o uso do TÔNICO INFANTIL, um preparado moderno.

TÔNICO INFANTIL



PRÁTICO...

e tanto o navio quanto a lancha jogam que é uma beleza!

Das várias fases do serviço poderão os leitores encontrar as fotografias documentárias junto ao texto.

Os práticos não se limitam a pilotar navios de passageiros ou de carga, conduzem também petroleiros, até os depósitos que as várias companhias possuem, em diferentes pontos da baía, sendo que o mais longinquo é o da Gulf, na ilha Pancaraíba, distante 14 milhas da barra. A pilotagem dêsse tipo de navio é perigosissima, especialmente quando carregam gasolina de aviação. O menor descuido poderá ser fatal. Têm-se os mesmos cuidados que com uma caixa de dinamite. Os rebocadores que auxiliam a manobra usam tela especial na chaminé, para evitar as fagulhas, fósforos ou isqueiros são deixados em terra antes do embarque, nem sequer se sonha em fumar. Evita-se o menor atrito do navio seja no que fôr, pois a menor centelha causaria a explosão. Vapores acres circundam o navio, exalando-se dos respiradouros. Todos a bordo são cobertos por um seguro de vida e ganham de 30 a 50% extra. Só o prático do pôrto não tem regalia nenhuma. Serviços dessa espécie são feitos diàriamente, várias vêzes por dia. A noite, o sol ou a chuva nada os impede. Fazem-no rotineiramente, sem a menor emoção, calados, apáticos quase. Desafiam o perigo constantemente, e às vêzes a própria morte. São homens de nervos de aço, prontos sempre aos imprevistos e sabem como contorná-los. As estatisticas o dizem; pelo boletim do Lloyd Register verifica-se que o indice de acidentes na Guanabara é dos mais baixos. Os comandantes estrangeiros são os primeiros em declarar os serviços de pilotagem no porto do Rio de Janeiro como dos mais eficientes, seguros, rápidos e baratos. Sim, baratos, pois a taxa cobrada é em média de 300 cruzeiros

MÚSICA

TOSCA - TRAVIATA - BORIS

ROBERTO LYRA FILHO

DEPOIS de dois insucessos, a temporada lírica conseguiu, afinal, acertar, apresentando magnífica versão de Adriana Lecouvreur, na qual fêz sua rentrée o soprano Elizabeta Barbato.

Tendo conquistado, com êsse triunfo, a simpatia do público, a companhia resolveu dar mais um passo, garantindo, definitivamente, a boa vontade dos assinantes com um presente: a récita extraordinária.

Oferecida a título de brinde ou bonificação, a «Tosca», de Puccini, contou com um elenco de primeira classe. A própria Barbato, no principal, constituiu a atração máxima.

O ambiente cordial manifestou-se, logo, nas palmas com que os esforços dos cantores foram premiados. Tagliavini bisou o **E Luccevan le stelle.** Barbato também soube aproveitar a oportunidade para arrancar aplausos com o **Vissi d'Arte** e afinal repetiu a ária, em virtude dos insistentes pedidos de **bis**.

Quem não conseguiu atingir o mesmo nível foi o barítono Mascherini. O Scarpia de Sílvio Vieira deixou saudades no público, porque a personalidade do extraordinário artista patrício sabe transformar o papel numa criação inesquecível. A sóbria intensidade que êle transmite ao Scarpia teria garantido o equilíbrio dramático, no 2º ato, comprometido, na récita-presente, pela atuação vocal e cênicamente apagada de Mascherini.

TRAVIATA

O sr. Francesco Albanese foi apresentado ao público, não como um cantor da rádio, que também é, mas como tenor do Scala. Ora, se não nos foi poupada a exibição do título, a crítica ao cantor deve adotar o diapasão reservado para os elementos de maior destaque. Um tenor do Scala de Milão... Com franqueza, o sr. Albanese pode ter ido parar no elenco daquele tradicional teatro, mas isso não quer dizer, que, **ipso facto**, devamos aceitá-lo, como um grande artista, sem medir-lhe os méritos. Bem pesados e medidos êstes, verifica-se que, pelo menos nas condições reveladas na «Traviata», não impressionam. Dotado de uma voz robusta, Albanese prefere empregá-la em recursos de evidente vulgaridade. Ao lado da arte cheia de sutilezas e matizes da sra. Sá Earp, contrasta, desfavoràvelmente, o seu estilo rompe-rasga. O «jeu de scène» de Albanese, por outro lado, é primário; equivale, em seus exageros mímicos, aos sinceros e persistentes esforços do sr. Alfredo Colósimo. Mas, enquanto o sr. Colósimo nos vem do Teatro do Estudante e merece incentivo, o sr. Albanese vem do Scala de Milão (e não nos deixa esquecer tal fato), sendo, portanto, muito mais grave a imperfeição, dada a responsabilidade que lhe advém da «alta categoria».

Maria Sá Earp nos deu uma Violeta delicada e graciosa. Se bem que, no primeiro ato, os fogos de artifício vocais que Verdi exige da heroína só fôssem lançados com evidente esfôrço, desde o início do segundo ato, Sá Earp, em plena forma, dominou completamente, chegando a impressionar, no final, pela intensidade dramática do seu desempenho.

Paulo Fortes, conquanto o cansaço de duas récitas, em noites consecutivas, se refletisse em sua voz, desincumbiu-se, satisfatòriamente.

BORIS GODUNOFF

Pela interpretação de Rossi Lemeni, e sòmente por isso, o Boris Godunoff foi um grande sucesso. A fôrça expressiva do seu desempenho é impressionante. Da cena da coroação à da morte, Lemeni mantém o mesmo nível, desdobrando seu vigoroso temperamento e seus recursos vocais na construção de momentos de excepcional grandeza.

Os coros, porém, não corresponderam ao destaque conferido a êles pela partitura.

Os demais elementos do elenco também não satisfizeram plenamente. Até Guilherme Damiano que, no **Varlaam**, consegue uma inspirada criação cômica, decepciona, pela falta de uma voz que domine o brilho de trechos como Na Cidade de Kazan.

Tullio Serafim regeu com a habitual autoridade.

(Conclusão da pág. anterior)

por unidade, quando nos portos estrangeiros o mesmo serviço orça em vários milhares. Anônimos, servem constantemente para a segurança do próximo, civis, pertencem à Corporação que os agremia, mas que não corresponde aos anseios de seus componentes, pois, instituída e transformada no período ditatorial, dêle conserva vícios e erros que não se coadunam mais com o novo regime. Não podem realizar eleições para seus próprios dirigentes, devem aceitar os que lhes são impostos pelo Ministério da Marinha. Não podem reunir-se em sindicato classista, pois, apesar de civis, estão sujeitos à disciplina militar. Estão sujeitos ao Tribunal de Segurança. Não podem movimentar as receitas vindas de serviços a particulares e sem o menor ônus para o govêrno. Estão ansiosos por uma reestruturação de seus quadros e regimento. Para êles não existem domingos nem feriados, horários para refeição ou descanso, quando de serviço o trabalho pode durar horas e horas seguidas. Desconhecidos da maioria, são êles, entretanto, os responsáveis pela constante e cada vez maior circulação de passageiros e cargas pela maior artéria de intercâmbio internacional, que é o pôrto do Rio de Janeiro, a Capital da República. A êles, pois, o reconhecimento sincero dos brasileiros.

NÃO É PUBLICIDADE

(Cont. da pág. 25)

Muito embora ainda não saciasse a sêde de conhecimentos que bebíamos naquela fonte que traz como rubrica do proprietário o nome de Agripino Grieco, forçoso era o retôrno ao assunto que lá nos levara. Reencontramos.

— O que acho estranho é que, na Academia, meio em que Humberto viveu, nada nos soubessem contar. Alguma passagem sugestiva, interessante, pitoresca, enfim.

— Ah! Na Academia? Êles não gostam de falar a jornalista. Acautele-se dos homens que vivem de convenção de uma falsa estima recíproca. Com quem você falou?

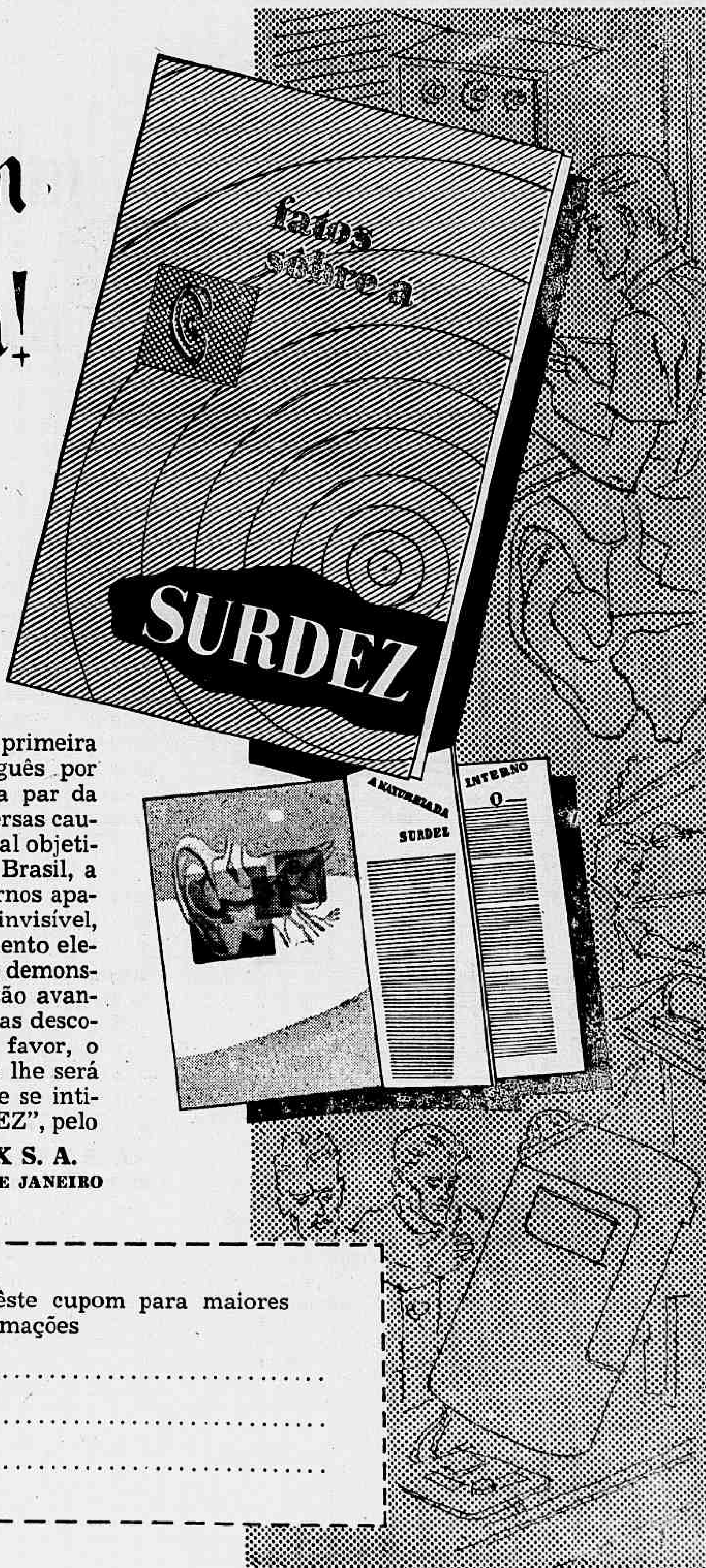
— Com os acadêmicos: Cláudio de Souza, Aloysio de Castro, Luiz Edmundo, Viriato Correia e alguns outros.

— Vou descrevê-los a você.

— Cuidado dr. Agripino, olhe que isto vai estourar para o meu lado. Já prevíamos o que sairia do espírito satírico de Agripino Grieco.

— Não, escreva. Eu assumo a responsabilidade.

— Cláudio de Souza é um grande pro-



Mensagem de Esperança!

Eis o que significa o folheto que acaba de ser impresso pelo CENTRO AUDITIVO TELEX S. A., exclusivamente dedicado aos que sentem a sua capacidade auditiva diminuida.

As informações relativas à surdez, contidas nesse prático folheto ilustrado foram, pela primeira vez, traduzidas para o português por aquêle Centro Auditivo que, a par da orientação precisa sôbre as diversas causas da surdez tem, como principal objetivo, demonstrar aos surdos do Brasil, a utilidade inigualável dos modernos aparelhos TELEX, de adaptação invisível, som puro e natural, de acabamento elegante e formato pequeno, numa demonstração eloqüente do quanto estão avançadas, no campo da eletrônica, as descobertas da ciência. Envie, por favor, o cupom anexo e, graciosamente lhe será enviado o folheto ilustrado que se intitula "FATOS SÔBRE A SURDEZ", pelo

CENTRO AUDITIVO TELEX S. A.
AV. RIO BRANCO 138-13º and. - RIO DE JANEIRO

Preencha e envie-nos êste cupom para maiores informações

Nome ....

Endereço ....

Cidade ....

não esqueça o bêbê...



atenda-o com

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



FREDERICO TROTTA
Antigo Vereador pelo Partido Autonomista
1935—1937
Ex-Governador dos Territórios de Iguaçu e de Guaporé

BRASILEIRO!

Dá teu voto em defesa da Democracia e dos interêsses do Povo e da Tua Cidade.

Manda novamente, com teu sufrágio para a CAMARA MUNICIPAL, aquêle que sempre esteve a teu lado:

FREDERICO TROTTA

Sua atuação no passado, garante sua ação no futuro.

★

P.S.T. P.S.T.

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL · DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida

BARBOSA LEITE E O...

(Cont. da pág. 15)

tidade a tôda prova os ásperos caminhos de uma autêntica carreira pictória. Porém a principal importância de sua obra vem, sobretudo, de uma circunstância: de ser êle sincero consigo mesmo, obediente apenas à sua verdade interior. Suas deformações correspondem a um movimento íntimo e a um processo de lenta transformação da sensibilidade. Já notamos uma certa audácia nos seus últimos quadros.

E' indubitável que os seus «óleos» ainda conservam os resquícios de antigas fases, um tanto prêsos à paisagem com côres vivas, fiel ao verde um tanto berrante das matas cearenses, — um verde cru — infenso à composição e sem muito arrôjo. Alguns dêles quase nos parecendo de indiscutível mal gôsto, tendo em consideração a seriedade do pintor. Verdade, porém, seja dita em abono do artista, que o seu colorido ganhou novas nuances e mais vigor o seu traço.

Podemos apontar entre os quadros que foram expostos — não são os melhores, pois, outros de mais valor, por falta de moldura ficaram à parte — «Rua em Fortaleza» e «Usina». No último o artista dá-nos uma visão aprofundada e vertical do que é qualidade em pintura, fazendo ressaltar o tema com um tratamento vigoroso através de jogos de côres, onde o prêto da chaminé tem fôrça de realidade, a despeito da sutil deformação artística, ou talvez devido a ela.

AQUARELAS — O SEU «CLIMAX» — DESENHOS E PASTÉIS

Um brocárdio popular nos ensina ser a arte a alma do artista. De fato, Barbosa já agora nos parece sofrido, nervoso, vibratil, como sua arte se apresenta atualmente. Nas aquarelas então essas qualidades atingem o seu «climax» e não temos dúvidas em afirmar ser êle um dos maiores aquarelistas que temos visto. Em «Ruas de Recife», por exemplo, um casario colonial, sentimos perfeitamente o estrago das paredes, o ambiente de coisa vivida e a presença do tempo, a ponto de concluirmos fàcilmente: por aqui passou a humanidade! Outras são de um lirismo e uma leveza surpreendentes.

Merecem, porém, destaques especiais «Visão Exuberante» e «Catedral de Fortaleza», onde é sensível a influência expressionista. Na primeira observa-se riqueza e variedades de côres. O marrom é empregado em gradações harmoniosas, em prastadas largas e frias, quase austeras, e no outro plano um céu másculo, extremamente viril dá equilíbrio ao quadro. A segunda, quando longe nos encontramos do solo cearense, falou-nos particularmente ao coração. Retrata a grande catedral de Fortaleza, em construção há vários anos, deixando-nos a impressão de coisa inacabada, forcejando por concluir-se, por realizar-se, tal como a viu a alma exaltada do artista numa legítima explosão interior.

Não devemos esquecer, de outra parte, que a presença da figura é um tanto rara na sua obra, só aparecendo mais acentuadamente nos últimos quadros e nos desenhos em cabeças de jangadeiros. Há caráter nos desenhos.

No pastel revela também raras qualidades. Lamentamos a ausência dêsse gênero em sua exposição.

Ao deixarmos o hotel onde reside Barbosa Leite pensamos, nos artistas cearenses, longe de sua gleba, muitos dêles lutando heròicamente, muitos dêles encontrando dificuldades e as vencendo. Pensamos em Bandeira em Paris, em Aldemir em São Paulo, em Carmélio e Barbosa no Rio, em Jairo Martins, quase menino, atravessando o Brasil de norte a sul, fazendo conferências em Recife e conquistando um lugar ao sol nos principais suplementos literários da capital paulistana...

E concluímos: de nada valerão os embargos e as dificuldades; os artistas cearenses responderão com um olhar decidido: de nada valerão os obstáculos que se lhe antolhem; os artistas cearenses responderão com a profunda necessidade de realizar-se.

---

prietário em São Paulo. Está com o físico de Piolim, velho e decadente, não podendo trabalhar no Circo Garcia, que dispõe de pessoal mais idôneo. Tem também receio do jornalista alterar o que disse, não é? Mas nesse caso seria melhorar a frase, o pensamento. Devia até ficar agradecido.

— Aloysio de Castro, que não é o grande da América do Sul, mas da Sul-América. Parece que êle tem um cargo lá, não é? Sem talento e até sem bigode...

— Ataulfo de Paiva, que nunca deu nem dará entrevista. Mas não pode mesmo dar. Já calculou? Parece que tem a vitalidade daquele conde de S. Germain (que se gabava de ter vivido séculos), e que aqui no Brasil já assistiu a mais de uma proclamação da República, pelo menos duas: a velha e nova. Concordo com João Ribeiro quando afirmava que a figura mais interessante da Academia ainda é o porteiro. Fidélis, expoente de elegância, superior ao próprio João do Norte. Quem anda por lá, pelo Petit-Trianon tem a impressão de mover-se entre espectros, de que está no dia de novembro, em visita aos túmulos.

Quanto a Luiz Edmundo já chegou a uma espécie de catalepsia intelectual. Contam que mandou levantar um busto de D. João VI em sua casa na Tijuca, porque tôda sua fortuna, material ou literária, lhe adveio dos desaforos que disse ao soberano luso. D. João VI teve dois grandes inimigos: Carlota Joaquina e Luiz Edmundo.

— Estranho que o Viriato lhe haja dito que não teve contacto com Humberto. Quantas vêzes os encontrei em palestra nas livrarias, sem esquecer a ocasião em que Humberto o corrigiu naqueles dois erros. Ambos procediam do Maranhão e transitavam aqui pelos mesmos caminhos, o rumo da celebridade.

Perguntou-nos o ilustre crítico brasileiro em que sentido havíamos entrevistado Viriato Correia. Dissemos do nosso interêsse em saber a opinião dos acadêmicos sôbre a entrega dos originais e alegação do sr. Viriato Correia de que não tinha conhecimento de fato algum a isso inerente.

— O Viriato — prosseguiu — já velhinho, com aquêle ar de "groom" sem bandeja, foge de afirmações de qualquer

Barômetro Humorístico

UM ADÔRNO CURIOSO, QUE ASSINALA AS MUDANÇAS DO TEMPO E PROPORCIONA GOSTOSOS MOMENTOS DE BOM HUMOR

Escreva-nos pedindo um e pague ao correio somente quando receber o volume

Para revendedores temos preço especial para pedidos de dúzia

PREÇO: Cr$ 25,00
sem mais despesas

Fábrica "EGLY"

Caixa Postal 1049
SANTOS (EST. DE SAO PAULO)



espécie, e não se avizinha muito dos outros com receio de que lhe peçam um copo d'água, supondo-o servente ali da Academia. Acho qualquer amputação às memórias um crime covarde porque praticado contra um morto indefeso. Ninguém pode apoiar uma castração dêsse gênero. A família alegará o perigo de possíveis processos, mas não creio que as expressões póstumas de Humberto excedam em vivacidade irônica as que êle deixou por aí afora. E que diabo, a família não deve só ter direito aos proventos de direitos autorais, querendo mesmo estendê-lo às comunicações espíritas do escritor. Deve-se também afrontar ameaças.

Agripino Grieco fala muito, sempre com sua dialética que prende e encanta, e, poucas vêzes, temos recursos para argumentar ou responder. E' assim uma palestra de choques. Esperamos, então, uma ocasião de falarmos do assunto que a custo se continha. Enfim se apresentou o momento. Perguntamos. Era simples a pergunta.

— Que pensava do Chico Xavier e suas mensagens psicografadas? Puramente curiosidade.

— Não sei se conhece. Mas, comigo em Belo Horizonte, sucedeu um fato em relação ao que me pergunta. Estava eu naquela cidade e por sinal que com um filho, quando um dia, sem coisa alguma para fazer, fui assistir a uma sessão espírita. Foi justamente na época em que fervilhavam as controvérsias sôbre as mensagens de Humberto de Campos do além-túmulo. Convidaram-me, então, para assistir a Chico Xavier em ação. Escusei-me. Acharam-me, entretanto, depois, e, sem poder recusar, acedi ao convite. Num papel que eu rabiscara prèviamente, Francisco Xavier colocou a mensagem numa escrita rápida, passando-me as laudas de papel que ia terminando e eu já sentia um estilo de literato, com as características de Humberto de Campos: com muitas citações, muito orientalismo e aquêle seu tom afetuoso. Ao cabo, a assinatura, idêntica àquela que todos conhecemos. Fiquei perturbado, o que numa entrevista concedida deixei transparecer, sinceramente. Mas, creio, não haja perdurado em meu espírito essa impressão e nem o influenciou. Caso o fôsse eu teria marcado mais uma data em meu sentimento religioso. Mas nada. Continuo católico, apostólico, romano, gostando muito de meus sinos dominicais, dos cantos das meninas, das minhas procissões. Não creio, segundo minha religião, nessas comunicações de espíritos.

ALMAS TORTURADAS

(Continuação do número anterior)

Êle, o noivo, muito sacudido e feliz, recebendo, após a cerimônia do casamento, os cumprimentos dos convidados, os abraços, os apêrtos de mão; ao seu lado, Conceição, linda no seu traje de noiva, tôda ela uma estátua impenetrável, os lábios arrepanhados num sorriso enigmático, os olhos a fitarem um ponto que não era a sala, nem os convidados, nem ninguem. Era noite, e os bicos de carbureto, o reboliço das gentes que se espalhavam pelos compartimentos da casa, a mesa da varanda empilhada de dôces, tudo isso dava um aspécto álacre ao acontecimento. Nem bem acabara a cerimônia, e foi a ausência de Conceição, pouco notada ao começo, parecendo mais que natural ela tivesse ido trocar de roupa, ou mesmo despedir-se saudosamente de seu quarto de solteira. Dez minutos, meia hora, uma, duas — o tempo já não mais se media pelos relógios, e sim pelos passos que iam e vinham lá pelos fundos da casa, os olhares ânsiosos que buscavam decifrar o que havia de anormalidade no meio de tudo aquilo. Claro que os parentes poderiam dar uma desculpa, dizer por exemplo que a noiva adoecêra subitamente e por isso fôra agasalhar-se cêdo. O que se viu, porém, foi dona Mariquinha, a mãe de Conceição, investir pela sala a dentro, a fisionomia transfigurada, as mãos na cabeça e gritando em desvario:

— Gentes, por amor de Deus, me acudam que a minha filha desapareceu!... Por amor de Deus! Já procurei por todos os quartos, pelo banheiro, pela cozinha, pelo quintal, e nada! Ai, meu Deus do Céu!...

A estupefação subiu ao auge. Muita gente não queria acreditar no que estava ouvindo. Rodrigues, branco como uma cera, um risinho bôbo atrapalhando-lhe a voz, encostou-se à parede meio atarantado; após, veio a reação, e foi então um gesto de colera, um crispar de lábios, um agitar de braços:

— Como?! Conceição desapareceu?! Como?! Não é possível, não é possível!

Sim, a noiva desaparecera. Nem mais nem menos. Rodrigues adivinhou o que se passava, e todos alí também. Não havia dúvidas de que Conceição, à última hora, num ato extremo de desespêro, repudiara o casamento que sempre relutara em aceitar, e fugira como uma louca para atirar-se nos braços de seu ex-noivo. — Nestor, o amado de seu coração, o Nestor que o destino inexorável tornará o leproso, mas mesmo assim não fôra capaz de obrigá-la a esquecer aquêle grande amor!

Sim, todos alí sabiam para onde ela fôra, mas ninguem se atrevia a manifestar a realidade. A própria dona Mariquinha continuou por algum tempo gritando pelo quintal, como a admitir a possibilidade de achar-se a filha escondida por alí:

— Conceição! Conceição!

Alguém espiou no bocal do pôço; quem sabe se ela não havia se atirado lá no fundo?... Trouxeram um candieiro, esquadrinharam tudo.

— Conceição! Conceição!

Houve os primeiros sussurros, arrancaram-se as primeiras máscaras, e daí a pouco os mais indiscretos já faziam às claras conjeturas sôbre a fuga da moça para a casa de Nestor, uma casinha modesta e isolada, na ponta da rua, a um meio quilometro de distância. Houve até, os mais afoitos, que insinuaram uma batida até lá, e armados de cacêtes, facas e revolveres, cercaram a casa e faziam o diabo. Quanto ao Rodrigues, êste não disse mais nada, e escapuliu-se de mansinho para sua casa. Deixou passarem-se os dias, e, metido em seus afazeres, procurava dissimular o quanto de amargôr lhe transbordava pela alma, os sofrimentos, a humilhação dos risinhos à socapa, as chacotas que andavam pela rua a seu respeito, e, o pior de tudo — ser obrigado a aceitar calado aquêle ar pesaroso e hipócrita dos que se diziam amigos.

Naturalmente que obteve a anulação do casamento, mas isso não bastava. E agindo na surdina, mexendo com os pauzinhos, utilizando-se de todos os meios cabíveis — cartas, denuncias, queixas em que pintava horrôres sôbre os perigos a que estava exposta a coletividade — foi que êle conseguira aquela ordem da Saúde Pública, determinando a detenção e imediato envio de Nestor para o leprosário da Capital. Agora, êle, Rodrigues, poderia sentir-se satisfeito, feliz com o resultado de sua obra. Quem ri por último ri melhor. Certissimo. Rhaaan-rhaaann... Êle ainda teria de vêr Conceição rastejando aos seus pés, pedindo proteção, implorando... — Tirou outra chupada violenta do cigarro. — *Qui-lá-nada*, siô, aquilo não era gente que merecesse proteção! Então, êle que fizera o que fizera, renunciara uma pacata viuvez de mais de quinze anos, sujeitando-se a casar-se com u'a moça que, não obstante a sua beleza, a sua juventude, jámais teria possibilidade de outro casamento, isso naturalmente por que não encontraria outro homem dispôsto arriscar-se a aceitá-la como espôsa, sabendo-se de seu noivado e convivência com um rapaz que aparecêra morfético já às vésperas do casamento, então, êle que fizera o que fizera, qual foi o pago?... Qual, não merecia compaixão. Unh-unh. Quem tem pena do miserável vai p'ro lugar dele. E' isso...

Este raciocínio deixava-o à vontade. Levantou-se súbito da cadeira. Jogou fora a ponta do cigarro. Meteu a mão no bolso e tirou o papel em que havia rascunhado a intimação. Desdobrou o ofício, um risinho perverso arregaçando-lhe os lábios, e chamou o empregado:

— Menino, ô menino, me bate êste negócio aí na máquina. Depressa, viu! que o compadre Aniceto não deve demorar!

II

Conceição, o ventre enorme e pesado, as pernas inchadas, deixou o baláio sôbre o peitoril do alpendre, e foi lá dentro buscar o tamborête para sentar-se. E' que ela não podia demorar-se de pé, ainda mais catando arroz, serviço para ela tão monótono e fatigante, um tempão sem fim curvada sôbre o balaio — tira uma escôlha aqui, outra acolá, mergulhada a mão nos grãos de arroz, revolve, suspende deixa-o escorrer por entre os dedos, devagar, pacientemente, torna a catar, outra escôlha aqui, e outra mais, uma palha miudinha, ou um fragmento de pedra, e aí por diante.

Trouxe o tamborête para o quintal, mas mesmo assim pouco permanecia sentada, pois, de vez em quando tinha de levantar-se para sacudir o baláio, afim de expurgar mais depressa as palhas que porventura lhe escapavam à vista.

— Tiiii... tiiii... tiiii...

A voz de Conceição e o movimento do balaio — p'ra-cima-e-p'ra-baixo, p'ra-cima-e-p'ra-baixo — como que se irmanavam numa cadência triste e dolente. A êste chamado, as galinhas afluiam alvoroçadas de todos os lados, uma pisando a outra, a se debicarem, a se atropelarem, tôdas disputando ao mesmo tempo os farelos que iam caindo no chão.

Conceição sentou-se novamente, agora enxotando com os pés as galinhas mais renitentes. Umas



NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 EM QUE ANO FOI DESTRUÍDA, POR UM TERREMOTO, A CIDADE DE SÃO FRANCISCO DA CALIFÓRNIA:
— 1906?
— 1903?
— 1901?

2 QUAL DESTAS FRASES PRONUNCIOU O PRESIDENTE DO JURI QUE CONDENOU À MORTE LAVOISIER:
— Deus e meu Direito?
— A República não precisa de cientistas?
— Depois de mim, o dilúvio?

3 EM QUE PONTO DO NOSSO CORPO SE ACHAM OS OSSOS DENOMINADOS MARTELO, BIGORNA E ESTRIBO:
— No calcanhar?
— Na mão?
— No ouvido?

4 QUAL O MAIOR FENÔMENO DE PRECOCIDADE MUSICAL:
— Chopin?
— Groteh?
— Beethoven?

5 QUE QUER DIZER PIROGA:
— Fruta selvagem e venenosa?
— Pequena canoa?
— Choça de pescador?

6 A QUANTAS VIBRAÇÕES POR SEGUNDO CORRESPONDE O «LÁ» NATURAL NO DIAPASÃO:
— Mil e dez?
— 6[illegible]8?
— 870?

7 QUAL FOI, NO BRASIL, A PRIMEIRA CIDADE ARTIFICIAL:
— São Paulo?
— Fortaleza?
— Belo Horizonte?

8 EM QUE PERIODO PRESIDENCIAL FOI BATIZADA, OFICIALMENTE, A CIDADE DE BELO HORIZONTE:
— No de Afonso Pena?
— Rodrigues Alves?
— Prudente de Morais?

9 QUAL DESTAS LOCALIDADES PERDEU, POR UM VOTO, A ELEIÇÃO NA ESCOLHA DE CURRAL DEL REY PARA A NOVA CAPITAL DE MINAS:
— Juiz de Fora?
— Várzea do Marçal?
— Barbacena?

10 QUE SIGNIFICA «DRAMAMINA»:
— Medicação contra enjôo em viagens?
— Peça dramática medieval?
— Moléstia nervosa?

11 QUAIS AS TERRAS MAIS ÚMIDAS DO BRASIL:
— As da Baixada Fluminense?
— As do Amazonas?
— As do Baixo São Francisco?

12 QUAL A MÉDIA, DIARIA, DE ÓBITOS ATUALMENTE EM TODO O MUNDO, SEGUNDO CÁLCULOS APROXIMADOS:
— 50 mil pessoas?
— 200 mil?
— 100 mil?

13 SEGUNDO DADOS OFICIAIS, A QUANTO MONTA, NO BRASIL, O/ OBITUARIO NUM SÓ DIA:
— 2.800 pessoas?
— 5.000?
— 1.200?

14 NA CHINA E NA ÍNDIA, EM CONJUNTO, QUAL É O OBITUARIO NORMAL, POR ANO, INDEPENDENTE DE GUERRAS:
— Dois milhões?
— Cêrca de 15 milhões?
— 10.800.000?

15 QUE NOME TINHA, NA ANTIGA ROMA, A DEUSA DO ABORRECIMENTO:
— Cura?
— Euterpe?
— Átropos?

16 EM QUE ANO ESTALOU NOS ESTADOS UNIDOS A MAIOR CRISE ECONÔMICO-FINANCEIRA DE SUA HISTÓRIA:
— Em 1929?
— Em 1914?
— Em 1939?

17 QUAL O ITALIANO QUE FOI PAPA AOS DEZ ANOS:
— Gregório VI?
— Leão I?
— Benedito IX?

18 A QUE CONSTELAÇÃO CORRESPONDE EM NOSSA BANDEIRA O AGLOMERADO DE ESTRÊLAS À DIREITA:
— À da Virgem?
— À das Plêiades?
— À do Escorpião?

19 COMO SE CHAMAVA O REVOLUCIONARIO FRANCÊS QUE DEU AOS MESES DO CALENDÁRIO REPUBLICANO DE SUA PATRIA, AS POÉTICAS DENOMINAÇÕES DE «VINDIMÁRIO», «BRUMÁRIO», «TERMIDOR», ETC.:
— Fabre d'Eglantine?
— J. J. Rousseau?
— Mirabeau?

20 QUAL O POETA BRASILEIRO QUE ESCREVEU O POEMA «O EVANGELHO DAS SELVAS»:
— Casemiro de Abreu?
— Fagundes Varela?
— Gonçalves Dias?

(Respostas na pág. 58)

TERREMOTO!!!

MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super	12.00	22.00	30.00
Madeiras A — Super	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13.00	22.00	30.00
Jasmim Super	10.00	22.00	30.00
Violeta B — Super	13.00	22.00	30.00
Q. Fluers — Super	15.00	25.00	35.00
Fl. Amor — Super	15.00	25.00	35.00
Mitzko — Super	18.00	25.00	35.00
Arp. S — Super	20.00	35.00	40.00
Tabac B — Super	21.00	35.00	40.00
Tabul — Super	25.00	35.00	40.00
Chan 5 — Super	25.00	35.00	40.00
Nuit N — Super	25.00	35.00	40.00
Cuir R — Super	25.00	35.00	40.00
Narcisse N — Super	25.00	35.00	40.00
Pretx — Super	35.00	45.00	55.00
Rumores — Super	35.00	45.00	55.00
Escandalo — Super	35.00	45.00	55.00
Tabul GR — Super	35.00		
Flor Maçã LF	50.00	70.00	70.00
Soupplesse LF	50.00	70.00	70.00
Biarritz LF	50.00	70.00	70.00
Monte Carlo LF	50.00	70.00	70.00
Arabesque LF	60.00	80.00	80.00
Heno del Campo LF	60.00	80.00	80.00
Casino LF	60.00	80.00	80.00
Violette Feuilles LF	85.00	105.00	105.00
La Rosa Heugeatre LF	85.00	105.00	105.00
Despesas Reembôlso	5.00	6.00	6.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob

RIO DE JANEIRO

FÁBRICA BANGÚ
TECIDOS PERFEITOS

Preferidos no Brasil

BANGÚ

Grande sucesso em Buenos Aires

EXIJA NA OURELA
BANGÚ-INDÚSTRIA BRASILEIRA

A BELEZA DOS SEIOS — BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios — um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

duas ou três escôlhas mais, e o arroz estava catado. Agora, era só lavá-lo botar na panela e atiçar o fogo. Tinha que andar depressa, pois a hora do jantar aproximava-se. Admirou-se de dona Sinhá, a sogra, ainda não haver voltado do rio, ela que fôra com o propósito de não demorar, e por sinal que levara sòmente uma pequena trouxa de roupa para bater e enxaguar.

Nestor, lá no fundo do quintal, achava-se atarefado em confecionar um pequeno bêrço. Conceição quis perguntar as horas, mas desistiu, pois sabia que o relógio dele se achava parado. Bom, deviam ser quase cinco, a hora do jantar. A sogra ainda não havia regressado. As panelas continuavam fervendo. Gló gló gló gló. Do lado de fora, um porco grunhia e forçava debaixo do jirau, aumentando assim o lameiro causado pelas águas que iam caindo com a lavagem dos pratos e trens de cozinha. Havia uma nota de tristeza em tudo — a tarde que esmaecia lentamente, o vento a sacudir muito de leve os galhos tenros do velho cajueiro, um galo doido, como que apaixonado, que resolveu cantar desesperadamente àquela hora, um carro de boi a gemer distante no barranco da estrada, e alí, bem alí, a poucos metros, Nestor a serrar aquelas tábuas de caixão de querozene — tira um prego aqui, mete outro alí — suando, impacientando-se, raspando a madeira com uma faca comprida e pontiaguda, à falta de uma plaina.

Conceição deixou escapar um suspiro de desalento, pegou o seu cestinho de costuras e veio para perto de Nestor, onde o cajueiro fazia sombra e havia um pouco de calôr humano. Enfiou a agulha entre os dedos e reiniciou o seu trabalho de tricô, já tantas e tantas vêzes interrompido. Nas horas vagas, ela ia adeantando o enxovalzinho do filho, que deveria nascer dentro de um a dois meses. Vez por outra, recebia uma camisolinha enviada por sua mãe, dona Mariquinha. Umas camisolinhas, uns cueiros, uns sapatinhos de lã, e só. Acompanhando tais presentes, nenhuma palavra de simpatia, uma mensagem de ternura àquela filha infeliz. Já passados tantos meses, mais de um ano, claro que nada custaria a dona Mariquinha dar um pulo até aquela casinha humilde, alí isolada na ponta da rua, e perdoar à pobre filha, saber como ela estava, ambas a unirem as suas lágrimas num único sofrimento. bem, se ela, a mãe, não quisesse vir pela rua, que viessse então pelos fundos do quintal, atravessando o mato encapoeirado e seguindo a mesma verêda utilizada por Conceição, ao fugir para os braços de Nestor, na noite fatídica do casamento com Rodrigues. Quantas e quantas vêzes, ela, Conceição, se punha como que de sobreaviso, a respiração suspensa, o coração pulsando descompassadamente, ouvindo com a imaginação passos que se aproximavam, alguém forçando a cêrca, lá para as bandas do quintal, e depois uma voz tímida e angustiada a chamá-la baixinho:

"— Conceição!... Conceição!..."

Ah! Como ela haveria de correr louca para os braços da mãe, as duas chorando de alegria e desespêro. Mas, talvez, dona Mariquinha nem na quisesse abraçar, e até temesse tocá-la com a ponta dos dedos... Não importava! Conceição recuaria um passo, dois, três — mãe e filha separadas pela cêrca, uma acenando para a outra, extasiadas, conversando, rindo, chorando...

Tudo ilusão! Não, a mãe não vinha, nem mandava um simples recado. As pequenas peças do enxovalzinho que ela espaçadamente ia enviando, eram, bem dizer, as únicas comunicações ainda existentes. Ah, e teria sido assim tão profundo o desgôsto que lhe causara a filha? Ou significava aquilo apenas uma questão de capricho — capricho aliás tão injustificável quão torturante. Ora, ninguem mais do que dona Mariquinha sabia do grande amor que a filha devotava a Nestor, amor que viéra dêsde criança, até transformar-se naquele prodigioso amálgama, que nem o infortúnio fôra capaz de quebrar.

Mas para que serviam aquelas lágrimas que lhe estavam agora enublando os olhos, impedindo-a de distinguir as malhas do tricô? Para que? Melhor seria pensar no filhinho que ia nascer, conversar com aquêle entezinho que tão travessamente esperneava em seu ventre... E valia a pena também pensar nêle?... Não! O filho que ia nascer... Ela não tinha o direito de experimentar a alegria que era dada a outras mães... Não! Melhor seria desviar o pensamento para outra coisa; por exemplo, o arroz que estava a cozinhar e a panela em risco de secar; pensar em dona Sinhá que ainda não havia regressado do rio; em Nestor que continuava atarefado na confecção do bêrço, aproveitando os derradeiros ráios crepusculares... Ou então encher o pensamento com coisas do passado... a sua infância... o seu amôro... Nestor... o seu noivado... Nestor... depois a desgraça... Nestor leprôso... A noite em que ela fugiu os braços dele... Nestor! Nestor!... Depois, no dia seguinte à fuga, a curiosidade que dominou os habitantes da cidadezinha, e ela, Conceição, espiando pelas frestas da janela; e eram muitos os que inventavam uma desculpa para passar por alí, contemplarem assombrados aquela casinha misteriosa. Satisfeita porém a curiosidade das primeiras semanas, ninguem mais se lembrava daquele triste recanto, e a casa voltou a ser o êrmo de sempre; à noite, Conceição, Nestor e dona Sinhá sentados à porta da rua, um sem ter nada mais que dizer ao outro, sem se atreverem a falar do passado, e muito menos a sonhar com o futuro, isso para não verem aumentados os seus sofrimentos do presente. Vez ou outra, acontecia passar alguém, como que perdido, e se lembrava de deixar um tímido "boa-noite"; no mais, era o silêncio, a tristeza; e na sala, a lamparina acêsa gastando o querozene, e o velho cachorro a comer tudo quanto era bichinho que se chamuscava na luz e caia no chão.

Outra coisa que Conceição não esquecia, era o dia, poucas semanas após sua chegada alí, em que vieram trazer a sua mala, com todos os seus pertences, inclusive o enxoval de seu frustrado casamento com Rodrigues. Aquilo como que significava o córte das últimas amarras que a prendiam ao lar paterno. Com os olhos marejados de lgrimas, ela reviu as peças de sua roupa, uma por uma, tudo bem arrumadinho, cada coisa a revelar a presença de sua mãe, um lencinho bordado, ou uma camisola de sêda branca. As vêzes, ela perdia horas sem fim arrumando e desarrumando aquêles objetos, e só dava por si quando observava Nestor, visivelmente angustiado, a passar de um lado para outro, sem dizer uma palavra, e num misto de amúo e desolação. Ela bem que compreendia e sentia a extensão do sofrimento do companheiro. A atitude dele nada mais refletia que o temôr, a tortura de supôr que já houvesse nela um vislumbre de arrependimento, um comêço de deserção. Até mesmo nos momentos em que ela se enleava num mutismo compassivo, ou um gêsto menos compreensível, êle se punha a fazer mil conjeturas, deixando-se tomar de verdadeiros acessos de desespêro, chorando e blasfemando, de tudo se irritando, sem jámais porém se atrever a confessar o real motivo dequelas crises. Se havia festas de igreja, o repicar longínquo dos sinos chegando atè alí, como o chamado saudoso de um mundo que deixara de existir para aquelas desgraçadas criaturas, Nestor traía a sua inquietação, querendo adivinhar o pensamento da mulher, decifrar as suas intenções, sempre na dúvida de até que ponto se estendia a renúncia dela. Tolices aquelas inquietações. Pobre Nestor... Ora, se mais vidas, ela, Conceição, as possuisse, tôdas elas seriam devotadas a êle, não havia dúvidas. Para êle, sim, êle que era tudo para ela — a sua loucura, o seu desespêro, os seus sofrimentos. Agora, se porventura em vez dele, fosse ela a leprosa — como seria? — teria êle também sacrificando a vida, renunciando o mundo por causa dela?... Quantas e quantas vêzes tão torturantes indagações perturbavam-lhe o pensamento, confrangiam-lhe o coração, principalmente por não sentir coragem de externá-las.

— Vê, que tal?

A voz de Nestor arrancou-a súbitamente daquelas dolorosas cogitações. Estremeu surpreendida:

— Hein!

— O bercinho, vê. Falta sòmente pregar as pernas e botar um pauzinho aqui em cima p'ra prender o cortinado. Que tal?

Ela sorriu tristemente sem responder. Foi quando se ouviu alguém a chamar do lado de fóra. Raramente acontecia tal coisa, e assim ambos se entreolharam espantados. Nestor tomou a dianteira, entrou pela cozinha, chegou à sala, abriu a porta da rua:

— Quem é?... Ah, é o senhor?!

O velho Aniceto, as mãos trêmulas, meio desajeitado, arrancou do bolso o ofício e entregou ao rapaz:

— Eu trago aqui esta incumbência, Nestor...

O rapaz nem bem lêra as primeiras fráses e já sabia do que se tratava. Dobrou o papel vagarosamente, guardou no bolso, sem uma palavra, um gêsto que denunciasse o desespêro que lhe afligia a alma. Sr. Aniceto ainda esperou um instante, mas como viu que o outro nada dizia, decidiu-se a interromper tão embaçoso silêncio:

— E'... você sabe, Nestor, a gente não tem culpa... E', você vá se preparando para embarcar dentro de três dias... Infelizmente... E', a gente não tem culpa...

Mesmo assim, êle nada respondeu. A perturbação do velho crescia; êle que conhecera Nestor, menino de calça curta, tomando-lhe benção, ou já rapazinho cuidando da loja que o pai lhe deixara, isso era o diabo... Quis aproximar-se dele, abraçá-lo comovido, dizer qualquer coisa; mas nada fez. Baixou a cabeça, disfarçou a vista, tocou de leve no chapéu e despediu-se:

— Bom... eu vou indo... Até outro dia... Lembranças p'rá dona Sinhá...

Depois que êle desapareceu, foi que Nestor notou que não havia proferido uma única palavra durante todo aquêle tempo. Voltou para o quintal, Conceição acompanhando-o aflita, sem saber bem do que se tratava, ora se aproximando, ora se afastando, e por fim a pergunatr:

— Mas o que foi?... Que foi?!

Dona Sinhá já havia regressado da fonte e estendia as peças de roupa sôbre um arame esticado entre duas estacas. Ela também não sabia o que acontecera. Nestor sentou-se no pequeno caixão improvisado bêrço, meteu a mão no bolso, tornou a tirar, fez isso uma, duas, três vêzes, pegou o serrote, viu os pregos espalhados pelo chão, a faca comprida, pedaços de tábuas ainda por serrar. Olhou tudo aquilo com profunda tristeza, sem uma palavra, nenhuma lágrima. Para que prosseguir? Para que?... E', se êle quisesse, ainda poderia fugir dali, resistir a intimação, embrenhar-se no mato com a família... mas, valia a pena?... Não, êle já havia sofrido bastante. Para que prolongar a desgraça daqueles entes queridos que o acompanhavam tão denodada e pacientemente?... Para que?! Pensou no filhinho que ia nascer... Conceição, pobre Conceição!... Dona Sinhá, coitada, já tão velha e reduzida à condição de escrava; pior ainda — sofrendo, humilhando-se; até para lavar a roupa, era obrigada a procurar um pôrto escondido e afastado, afim de não ser molestada, sob a alegação de que estaria pondo em perigo a saúde alheia... Pobre mãe!... Pobre mulher!... Infelizes criaturas!...

Conceição, entre tímida e carinhosa, tocou-lhe no ombro:

— Mas afinal o que foi, Nestor, o que foi?!...

Então, num gesto maquinal, êle arrancou o ofício do bolso e mostrou. Ela leu, deixou o papel cair no chão, ensaiou um gesto vago. Depois, num rompante, como que tomada dum extravazamento de carinho e coragem, falou:

— Ah, meu amor, não te preocupes... Eles não nos separarão!... Vê! — arrancou do vestido um alfinete e enfiou-o subitamente pequena mancha violácea que se formava no dôrso da mão esquerda. — Vê como eu não sinto dor... Eu também já estou leprosa, meu bem. Deus teve pena de nós!...

Quando ela terminou a demonstração, Nestor já estava de pé, os olhos arregalados, o assombro estampando-se-lhe no rosto:

— Como?! Também tu?! Leprosa?! Deus teve pena de nós?! Deus! Deus! Deus! Pena de nós?!... Como?! Deus teve pena?!... Ora! — jogou a cabeça para trás, a boca horrívelmente escancarada, enquanto uma gargalhada feroz rasgava as suas entranhas, saía para o espaço, crescia, avassalava, uma, duas, três, dez, cem gargalhadas ao mesmo tempo, lacerando, convulsionando, num crescendo bárbaro e horripilante. — Pena de nós! Pena de nós!...

Conceição recuou apavorada, as mãos nos ouvidos, gritando desperadamente:

— Nestor! Nestor! Por amor de Deus, pára com isso! Paaaara!...

A estridência de seu grito sobrepujou a gargalhada. Nestor parou repentinamente, a mão limpando a baba que escapulia pela boca enviesada, grossas lágrimas escorrendo-lhe pelas faces. Dona Sinhá, que até alí parecia petrificada ante o imprevisto da cena, suplicava chorando.

— Meu filho, meu filho, o que é isso!...

Por Deus, êle estava louco!... Os olhos, a boca, aquêle sorriso estranho congestionando-lhe os lábios!... Por Deus, êle estava louco!... A voz estrangulada, um murmúrio, um gesticular inconsciente... E outro terrível acesso:



BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.



Flagrante apanhado recentemente na residência do jornalista Isaac Augusto Moutinho, nesta capital, por ocasião do enlace matrimonial da srta. Isa Maria Stamato Moutinho com o sr. Fernando Pereira da Cunha, elementos destacados da nossa sociedade.

— Deus teve pena de nós... Ah, queres vêr, eu também não sinto mais dor, não sinto... A minha doença é mais antiga, queres vêr?...

Nisto, foi instantâneo o seu gesto; um segundo, um relâmpago; apanhou a faca comprida que estava a seus pés, calcou a ponta violentamente sôbre o peito e caiu de bruços, o corpo se contorcendo, e a exalar o último suspiro:

— Eu também não sinto mais dor... não sinto... queres vêr?...

....

Dois anos depois quase nada mais restava. Conceição morrera de parto, salvando-se entretanto a criança, que fôra entregue aos cuidados da avó materna. Dona Sinhá também não sobreviveu a tão rudes golpes. Como medida de precaução sanitária, as autoridades locais mandaram tocar fogo na casa. Cairam as paredes, o telhado, e tudo se transformou num vasto monturo, aqui ou acolá aparecendo um caco de prato, ou um pedaço de panela enferrujada. De pé, apenas os esteios carcomidos pelas labaredas, como braços mutilados e erguidos numa eterna súplica para os céus. O mato verde brotando por tôda parte. E os jumentos em plena liberdade, sem ninguem para enxotá-los, invadindo tudo, pisando tudo, indiferentes a que houvesse vivido alí um grande amor, um grande e infortunado amor!...

DILEMA

(Cont. da pág. 20)

namoravam, sem nenhuma promessa concreta, com êle sem base nenhuma de vida, sem emprêgo, sem profissão, sem ocupação de qualquer espécie, sem nada, só a fazer versinhos!

Se lhe pudesse escrever, — matutou Artur —, e prevenir-lhe o espírito... Mas não, talvez até fôsse pior. Gustavo era demasiadamente impulsivo e impressionável, poderia abalar-se de lá feito um louco ou abismar-se numa prostração completa. Ademais, o seu trabalho correria o risco de comprometer-se fatalmente, pois a carta, embora reticente, não indiciava qualquer insucesso positivo ou irremediável. O problema era dos tais que só o tempo resolvia.

Decorridos quase dois meses e não tendo mais notícia do amigo, Artur telefonou para a casa dêle e foi surpreendido com a informação de que êle se achava no Rio há dias: não o havia procurado ainda? Não! Mau, mau... — murmurou consigo. Contudo, suspeitou de que saberia perdoar ao amigo pela falta. E não se enganou. Numa das noites quentíssimas da cidade Gustavo entrou no quarto do seu confidente e o surpreendeu escrevendo. Artur mal pôde dissimular com as frases e os gestos convencionais da recepção a surpresa que lhe causou o aspecto do rapaz. Gustavo estava magro, tostado de sol, desalinhado e visivelmente constrangido. Era inútil preencher a conversação com outras coisas.

— Nem preciso dizer-lhe que a situação só mudou para pior, — começou êle.

— Quer dizer que o negócio não era mesmo como você pensava...

— O negócio não! A situação aqui no Rio! O negócio vai indo conforme a sua natureza, com altos e baixos, e como a vitória ainda não nos sorriu as coisas aqui se agravam cada vez mais. Parece incrível, Artur! Nem vendo todo êste meu esfôrço, todo êste meu sacrifício, êsse pessoal me perdoa. O que não tenho passado para demonstrar a todos que eu não sou um visionário, que eu posso esperar alguma coisa dessa empreitada, é cada ferroada em cima de mim que Deus me livre! Onde está a consciência dessa gente?...

— Qual é a situação da emprêsa?

— A mesma. O pouco lucro que tem tido inverte na própria obra, e assim vai lutando com as expectativas naturais das pesquisas.

— E você não quer mesmo abandonar êste negócio?

— Nem seria justo, Artur! Eu sou um fascinado por essa questão de minérios, e sei que apenas começo a conhecê-la pràticamente como eu queria. Isto é sobretudo um aprendizado lucrativo, mas que exige trabalho e persistência. Além do mais, não estou perdendo nada material e financeiramente falando, não respondo pelo futuro da emprêsa, que muito me dará se fôr bem sucedida e nada me exigirá se levar o diabo. Perco tempo, dirão; mas, senhores, eu tenho muito tempo à minha frente, e além disso quem poderá afirmar que eu esteja realmente perdendo tempo?...

— Eu não o afirmaria.

— Você não, naturalmente. Mas é o único, talvez.

— E Elza?

Gustavo calou-se. Suas faces se contraíram e outros sinais de nervosismo antecederam as suas palavras trêmulas e compassadas.

— Hum...

Alisou os cabelos com as duas mãos, de olhos voltados para o chão, e continuou:

— Até Elza me parece mudada, seu Artur... nem sei o que pensar disso. O fato é que ela não é a mesma, eu senti logo. Afinal... o pessoal dela acabou sendo franco comigo.

Artur adivinhou o que iria ouvir, mas o rapaz acrescentou:

— Agora parece que há uma condição clara para a continuação do nosso namôro: tenho que ficar no Rio e arranjar um emprêgo.

— Já é um remédio, Gustavo.

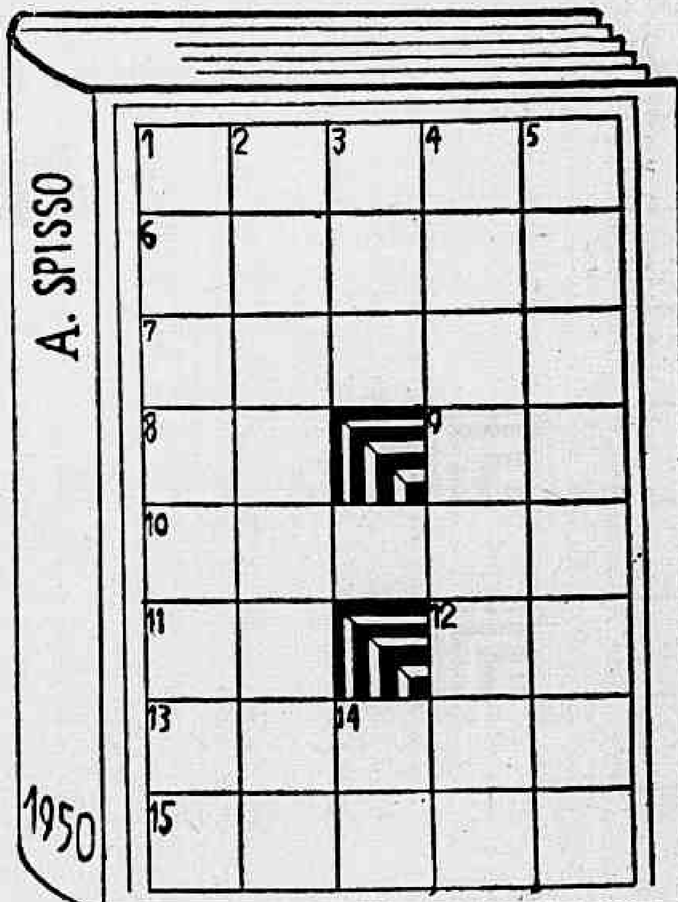
— Mas que eu não aceito!

(Continua no próximo número)

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILISTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

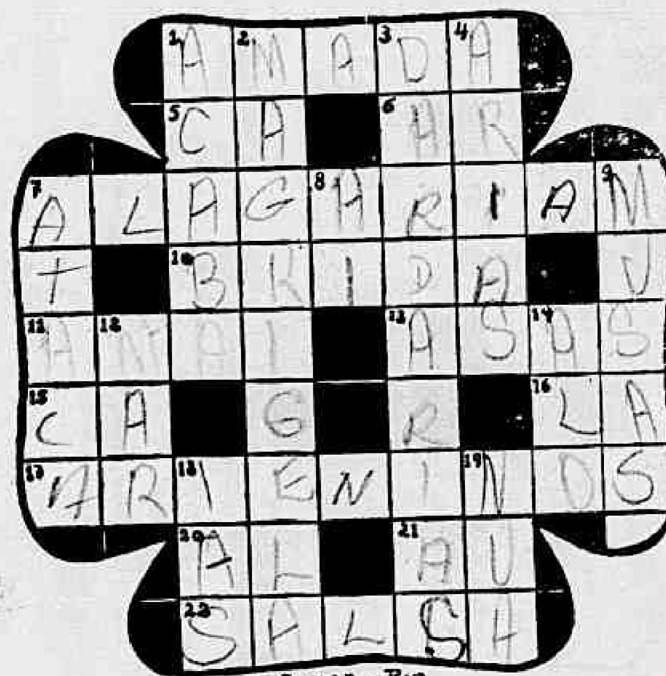
PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA Nº 15 PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Volumes de alguma obra literária — 6. Trigo espanhol — 7. Mulher que finge devoção — 8. Medida itinerária chinesa — 9. Rio da Sibéria — 10. Torno fôfo — 11. Conceda — 12. Prefixo que significa «em, dentro» — 13. Capela ou ermida campestre — 15 Líquido que o leite forma ao coalhar-se (pl.).

VERTICAIS: 1. Estrados — 2. Que produz óleo — 3. Templo japonês — 4. Que é defendido em oito partes — 5. Árvores das Índias ocidentais, cujo fruto tem a forma de ervilhas vermelhas (pl.) — 14. Clima.



PROBLEMA Nº 15 PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Querida — 5. Cabelo branco — 6. Aragem — 7. Inundariam — 10. Rédea — 11. Gostai — 13. Membro de ave (pl.) — 15. Aqui — 16. 6ª nota musical — 17. Relativo a ariete (pl.) — 20. Outra coisa — 21. Ditongo — 22. Planta usada como tempêro.

VERTICAIS: 1. Termina — 2. Pessoa magra — 3. Lançarias o dardo — 4. Cantigas — 7. Agride — 8. Grito de dor — 9. Deusas que presidiam as artes liberais — 12. Oceano — 14. Interjeição de saudação — 18. Segutas — 19. Despida.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NUMERO ANTERIOR

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: Ararat — Nua — Rés — Asiáticos — Soa — Aal.

VERTICAIS: Auso — Raia — Ária — Teca — Nas — Sol.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Pá — Ir — Ar — Mó — Ras — Mal — Rimas — Amar.

VERTICAIS: Par — Arara — Ímãs — Rol — Sim — Mar — Má.

Correspondência e colaboração para REVISTA DA SEMANA — Seção de PALAVRAS CRUZADAS.



LYTOPHAN



COMO APRENDER A DANÇAR
AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo Professor Gino Fornaciari, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicílio RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal com o autor — CAIXA POSTAL, 648 — S. PAULO



O povo aclama outra vez o seu ídolo, vibrando de entusiasmo à presença novamente em praça pública do grande líder democrático, cujo nome é uma legenda de lutas e cuja palavra é uma esperança para os brasileiros amantes de sua terra, que de norte a sul anseiam por vê-lo elevado à suprema magistratura. O espetáculo acima repete-se sempre que Eduardo Gomes aparece em praça pública na sua campanha política

O POVO ACLAMA OUTRA VEZ O SEU LIDER

Por ADALBERTO MENDES

ESTA novamente na praça pública o grande líder democrático, cuja memorável campanha cívica de 1945 ficou nas páginas da história como um dos mais belos episódios da nossa vida pública. Eduardo Gomes retornou à liça partidária por imposição da consciência nacional, da vontade livre do povo, que o foi buscar na certeza de com êle poder contar mais uma vez, para conduzi-lo com mão firme e generosa. Ei-lo agora a cruzar os céus do Brasil, levando a sua palavra de fé democrática às populações de todos os recantos do País, sugerindo e propondo soluções para os nossos problemas, dos quais sempre se mostrou profundo conhecedor. Acolhido aqui e ali com o entusiasmo de outrora, enchem-se os logradouros públicos e os anfiteatros de multidões de novo empolgadas pelo magnetismo da sua simplicidade pessoal e pela segurança das suas inabaláveis convicções. E' êle o mesmo homem de outras jornadas, escritas com o sangue ou com o verbo, mas palmilhadas com idêntica firmeza e destemor. Repôsto na arena das competições políticas de grande envergadura, saiu para a luta a peito descoberto, sem indagar das possibilidades de vitória, sòzinho com o seu partido. Desambicioso e leal para consigo e para com o povo, desde que foi chamado a participar do pleito que se avizinha, e resolveu atender ao chamamento, não se deteve no manuseio das cifras eleitorais, para tão sòmente integrar-se no conteúdo moral da causa. Avêsso às tiradas demagógicas, infenso ao debate personalista, é o Brigadeiro um pregador de idéias e de princípios, defensor intransigente das liberdades, crente fervoroso dos postulados democráticos em que assenta o regime. E' êsse homem predestinado a exercer decisiva influência na nossa evolução política, pela fôrça do seu idealismo e pureza do seu caráter, que, candidato pela segunda vez à presidência da República, vemos agora numa incessante romaria aos mais longínquos rincões, recolhendo por tôda a parte os elementos indispensáveis a um programa de govêrno objetivo e realista, convencido de que o convívio direto com o povo é o caminho certo para quem aspira à suprema governança de uma Nação. E o povo aclama novamente o seu grande líder, e o povo novamente votará no seu grande candidato, confiante na fidelidade às normas de uma inflexível conduta democrática e nos superiores desígnios que o animam a servir à sua Pátria como até hoje tem feito, com o melhor das suas energias de soldado e de cidadão.



Na sua peregrinação democrática por todos os recantos do Brasil, Eduardo Gomes entra em contato com tôdas as classes sociais. Aqui o vemos na sede do Centro dos Estivadores de Santos, em íntimo convívio com os líderes portuários locais



O Brigadeiro é recebido pelo povo de Santos na sua recente visita à grande cidade portuária. Por tôda a parte o candidato nacional recebe a calorosa acolhida do eleitorado livre e consciente da nossa terra, que sagrará seu nome a 3 de outubro



Novamente agitam-se os lenços brancos, símbolo que ficou da memorável jornada de 1945, quando Eduardo Gomes desfraldou a bandeira da campanha democrática que acabou por derrubar a ditadura. Lenços que outra vez eletrizam as multidões



As massas populares comparecem aos comícios do Brigadeiro possuídas do mesmo entusiasmo com que em 1945 aplaudiam o seu líder. A fotografia acima mostra um impressionante aspecto do comício monstro recentemente realizado em Belo Horizonte



Dois sorrisos que são o prenúncio de duas vitórias já muito próximas Na foto vemos Eduardo Gomes, candidato do povo brasileiro à presidência da República, e Gabriel Passos, candidato do povo mineiro à governança de Minas Gerais



O Brigadeiro cumprimenta o trabalhador, honrando-se ao contato da mão calejada do operário da mesma forma que aperta a dextra do rico ou do remediado. Ruiu por terra a torpeza dos «marmiteiros». Eduardo Gomes é um homem do povo

Guiando êle próprio o pequeno avião, Eduardo Gomes voa sem cessar em visita às mais longínquas regiões do país, levando a todos os brasileiros sua palavra de fé e sua pregação cívica, cumprindo uma campanha democrática de inegável beleza



O grande líder da opinião democrática brasileira em tôda a parte é acolhido com o sorriso de esperança do nosso povo, que nele vê a garantia de uma administração honesta e progressista para a nossa terra. A foto mostra sua chegada a Goiânia



QUE RESOLVERÁ LORINDA ENTRE O AMOR DE DOIS HOMENS?













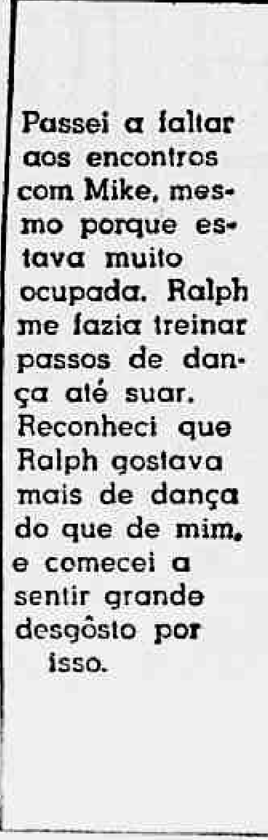
















LORINDA, A BAILARINA APAIXONADA

TUDO ISTO ACONTECEU...

GLORIOSA DENTADURA



MORAVA em Saint Etienne, França, um cidadão de 81 janeiros que fazia esforços para mastigar os alimen... mais resistentes, pelo motivo claro e ...questionável de não mais possuir os ...os dentes da mocidade. Não tinha di-...heiro para colocar uma dentadura mo-...rna, nem seria possível herdar alguma ...seus amigos mais íntimos, pois, infe-...mente, êsse objeto não se adapta aos ...tros como poderemos fazer com sapatos, chapéus, muletas ou calções de banho. Isso é, inegàvelmente, um dos grandes desgostos da humanidade. Quando vemos tanta dentadura perdida definitivamente, enquanto centenas de pessoas estão sem mastigar por falta de dentes, reconhecemos que o nosso mundo ainda está muito atrasado. Mas o velhinho Ouillon, de 21 anos no lombo, achou uma solução para o seu caso. Alguns espíritos gaiatos lembraram-se de organizar em Saint Etienne uma corrida de bicicleta entre velhos de 70 anos para cima. Inscreveram-se na prova os senhores Ouillon, com 81, David, com 77, e Puichon, com 76. A corrida ciclística era de 72 quilômetros, indo de Saint Etienne a Givors e Chavane e voltando a Saint Etienne. E' claro que ninguém apostou em Ouillon. Um velhinho de 81 invernos, curvo para a cova, pernas trôpegas, não poderia vencer os outros, mais moços e, aparentemente mais fortes. Entretanto, com surprêsa geral, Ouillon venceu a prova rodando a uma velocidade média superior a 42 quilômetros por hora, e chegou à meta com 4 minutos de vantagem sôbre Puichon. Então surgiu um amigo do velhinho. O dentista da cidade, em lugar de taças ofereceu ao vitorioso uma dentadura moderna!

O DRAMA DE UM LAR

O leitor, com certeza já ouviu falar em uma organização religiosa chamada "Fraternidade Eclética". Tem ...a sede nesta capital e à mesma afluem ...nenas de adeptos. Foi fundada pelo sr. ...ano de Sá, casado com d. Adiles Ramos ..., de cujo consórcio houve dois filhos ...ida menores. Sucede, porém, que, talvez ...consequência de um desastre de avia-...o sofrido, anos passados pelo sr. Oceano, ...sou êste a julgar-se um novo S. João ...tista, um outro apóstolo, dizendo-se es-...reencarnando Yokanaun. Yokanaan é o ...me original de João, aquêle que batizava ...Jordão e perdeu a cabeça às mãos de ...lomé. Sucede, porém, que a espôsa do ...o doutrinador ficou com as crianças, ...portando todo o pêso da casa. E' uma ...hora disposta, trabalhadora, desempe-...ando as funções de postalista na Agên-...da Praça da Bandeira desta capital. ...mo se sabe, os Correios não pagam gran-...salários. E' uma repartição pública ...também vive a lutar com sérias difi-...dades. Diante dessa tragédia, d. Adiles ...o que pôde para convencer o espôso de ...era urgente sua volta ao lar. A si-...ção não podia continuar como ia. Ela ...s filhos rogavam ao sr. Oceano que ti-...se compaixão dos pequenos. Êles eram ...s filhos, precisavam dos carinhos pa-...tos e de quem os mantivesse com dig-... Escreveu-lhe e mandou que os ...inos o procurassem. Oceano os recebeu ...s vêzes. Nas seguintes, recusou-se ale-...ndo que nada mais tinha com êles por-... vida já não era dêste mundo e sim ... celeste. Escreveu uma carta à es-... nesse sentido. O choque da senhora ...emendo. Só havia um jeito: recorrer ... E foi o que fêz. O espôso, porém, ...eceu. A polícia andou no seu encal-... A psiquiatria iria dar a última pala-... Seria um desequilibrado? E já houve ...beas-corpus" em seu favor. E o drama ...lhes...



SURPRÊSAS DO RÁDIO

ESTAVA aquela família a ouvir os programas de certa estação, quando irradiaram uma notícia sensacional: Manoel Barcelos e Paulo Gracindo seriam candidatos à vereança municipal. Os locutores têm largo círculo de admiradores e, com certeza, fariam bonito numa competição democrática à bôca das urnas. Mas, alguns dias depois, passaram os ouvintes a saber que em lugar de Paulo Gracindo e Manoel Barcelos, quem ia disputar as eleições de 3 de outubro próximo eram outros ases do Rádio carioca: um senhor Pelópidas Mourão e um tal Manoel Pancinha! Houve verdadeiro desencantamento. Então, os queridos artistas do microfone, os comentadores da cidade, os locutores que mantinham tantos programas interessantes e divertidos, cediam seus direitos a outros, sem mais nem menos? Houve até quem sugerisse a Paulo Gracindo incluir em "Dona Mariquinha e D. Maricota", uns comentários do "Veja Só!", a fim de animar a versão eleitoral que corria pela cidade. Mas, com surprêsa para todos os ouvintes e futuros eleitores dos radialistas, Manoel Pancinha era o verdadeiro nome de Manoel Barcelos, e Paulo Gracindo era o pseudônimo de Pelópidas Mourão... Houve pânico. Tornava-se necessário obter do



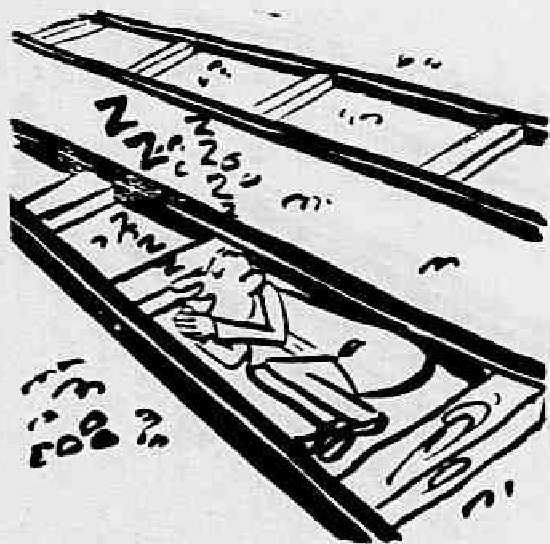
Tribunal Superior Eleitoral autorização para incluir-se nas chapas, tanto o nome verdadeiro como o pseudônimo. Isso, aliás, já se fizera em eleições passadas, quando Ana da Rocha Miranda Schnoor, pudera ser votada com o apocorístico de Nini Miranda, bem como o famoso Barão de Itararé fôra sufragado em lugar de Aparicio Torelí. Fiquem, pois, calmos e confiantes os eleitores de Mourão e Pancinha, pois, por detrás dêles, estão Manoel Barcelos e Paulo Gracindo...



ACONTECEU MESMO

O FATO QUE VAMOS NARRAR é verdadeiramente estranho. Certa tarde, um amigo do jornalista e rádio-repórter Raymond Marcillac, de Paris, o convidou para ir em sua companhia visitar uma senhorita que fôra vítima de um acidente de automóvel. O jornalista foi e lá, inesperadamente, se sentiu enfeitiçado pela acidentada. Chamava-se Helena. Logo que ela teve alta Raymond a pediu em casamento. As bodas se realizaram e êles foram vivendo muito felizes. Já estavam casados há vinte meses e sempre na maior felicidade. Há poucos dias, porém, a serviço de sua profissão, foi Marcillac surpreendido por um desastre no auto em que viajava, sendo recolhido desacordado ao hospital de Boucicout. Eram cinco e meia da tarde. No delírio invocava o nome de sua espôsa: Helena. Quase à mesma hora, ela tomava um táxi para visitar sua mãe. Ao sair do túnel do Trocadero um caminhão atinge o carro em que ia, resultando do choque ficar a senhora gravemente ferida na cabeça. Eram exatamente cinco e meia da tarde. Levada para o hospital Boucicout, ao recobrar os sentidos, soube pelo médico que seu espôso também estava ali, vítima de um golpe na cabeça, por acidente de auto, no mesmo dia e na mesma hora... Mas ainda não é tudo. Quando ainda eram namorados, passeando de bicicleta um ao lado do outro, se acidentaram e quase levam a breca...

O MAIS ESTRANHO PROTESTO



HÁ na História vários episódios de protestos curiosos e inéditos. Um dêles foi o da proibição em certa zona da Inglaterra de fumar-se, mesmo em casa. O fumo no seu início, era julgado hábito selvagem, próprio de índios. Mas os civilizados imitam muita coisa ruim dos povos bárbaros e, com o tempo, tais costumes são introduzidos até em leis. Todos os habitantes da cidade onde não se podia fumar, não se submeteram à portaria e encheram seus cachimbos, fazendo uma parada de fumaça à porta do "City Hall" local. E a autoridade nada pôde fazer. O número dos fumantes era enorme e o proibidor não achou nenhum jeito de executar a lei. O protesto de Lady Godiva também foi dos mais curiosos e inéditos. Para conseguir a revogação de impostos extorsivos que o espôso decretara contra os habitantes do seu feudo, ela se sujeitou à prova terrível: passear pelas ruas, completamente despida, montando um cavalo. E ninguém a viu assim, pois os habitantes não olharam, nem mesmo pelos buracos das fechaduras. Mas, ocorreu agora em Shelby, Estado de Carolina, Estados Unidos, protesto mais curioso e singular do que qualquer um dêsses que a História registra como sensacionais. Um cidadão, cujo nome não é citado, ia andando pelo leito da via férrea nas proximidades de Shelby, quando se sentiu cansado. Como não havia outro meio, escolheu o "leito" da estrada e se deitou numa cavidade entre dois dormentes. Ferrou no sono. Altas horas surge um trem em grande velocidade. O maquinista viu o homem, porém não foi possível parar e a locomotiva com seis vagões passaram por cima do viajante. Mais adiante, freiada a composição, veio o maquinista ver o estrago. Mas o cidadão dormia profundamente. Despertado, protestou indignado, dizendo desaforos ao maquinista por perturbar a tranquilidade pública...

EMBRULHADAS MATRIMONIAIS

ESTA nos vem de Nova York e foi publicada na imprensa do Rio. O poeta Louis Untermeyer, de Brooklyn é o que se pode chamar um homem de vida conjugal movimentada. Já se casou cinco vêzes, e, por isso mesmo, está agora metido em complicações forenses.

Sua quarta espôsa, que, em solteira, se chamava Esther Antin moveu-lhe uma ação para ser considerada a sua legítima espôsa e ver, consequentemente, anulado o quinto casamento do poeta com a senhora Bryna Ivens.



E' das mais interessantes a história dos consórcios do poeta Untermeyer. Em 1907 casou-se êle com Jean Star, da qual não demorou em divorciar-se, no México, para, logo depois, casar com Virginia Moore.

Desfazendo seu matrimônio com Virgínia, voltou a se casar com Jean em dezembro de 1928. Mas, em 1933, deixou novamente de ser seu espôso, obtendo outro divórcio no México. No mês seguinte, isto é, em agôsto, consorciou-se com Esther Antin, que, em novembro de 1944, moveu uma ação de separação e ficou recebendo uma pensão semanal de 105 dólares.

Em julho de 1948, Untermeyer conseguiu divorciar-se de Esther, também no México, tendo depois contraído núpcias com Bryna Ivens. Procurando anular o último casamento do poeta, Esther resolveu mover ação, cujo desfecho não lhe foi favorável.

E' que o Juiz Benedict Dineen entendeu que a verdadeira espôsa de Untermeyer é Jean Star, que foi, conforme a ordem dos atos nupciais, sua primeira e terceira mulher. Afirmou o magistrado que os divórcios obtidos no México são nulos.



OMOBONO GRANELLI, residente em Cologno sul Sorio, Bergamo, é um cidadão italiano de cinquenta janeiros bem contados. Dotado de profundo espírito religioso, resolveu ir também a Roma em homenagem ao Papa e devoção ao Ano Santo. Poderia ir montado em algum animal, a trem ou automóvel. Mas Granelli acha que peregrinação é sofrimento, é enfrentar as vicissitudes da vida, é suportar dificuldades aí pelas estradas. E, vestindo-se caracteristicamente, arranjou um bastão complicado em forma de cruz com espinhos em volta, reproduzindo a relíquia de S. Omobono. O peregrino, que serviu na última guerra mundial em cujas operações foi ferido, achou que o momento era propício para fazer a caminhada a pé, metido nessa vestimenta de frade, a cabaça d'água a uma das mãos, como personagem das Cruzadas do século XII. E, por onde passa, as multidões o aplaudem e êle conseguiu chegar a Roma como autêntico peregrino, no maior entusiasmo religioso que já sentiu em tôda a sua vida de crente.



ISTO É BRASIL

PODE não parecer, mas é realmente. Brasil e do melhor, do legítimo. Brasil em rigor de inverno, Brasil vestido de neve, com um panorama tipicamente europeu. Já os jornais deram ciência ao leitor, da queda de temperatura, nos primeiros dias de agôsto, nas regiões do sul do país, e da presença de magníficas nevadas. Em alguns lugares, a neve atingiu à espessura respeitável de vinte centímetros, e em outros, ainda mais. O flagrante acima, foi obtido em Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. Mostra-nos um aspecto da praça central, bem no coração da progressista metrópole gaúcha, com os tetos das casas imaculadamente alvos de neve, os jardins e as calçadas, tudo nevado, e gente do povo muito bem agasalhada, presenciando êsse magnífico espetáculo. Não é sempre que o inverno se faz sentir com essa característica, em nosso país. Êste ano, porém, foi o que se viu. E a nevada dos Pampas, veio até mais perto, porque em Santa Catarina e no Paraná, idênticos flagrantes poderiam ser tomados. Neve não é privilégio dos europeus, não senhores. Aqui também há.

AVENIDA DOS TORCEDORES

O último Campeonato Mundial de Futebol foi rico de episódios e continua a fornecer motivos a cronista esportivos ou não. Todo o Uruguai se embandeirou em arco para receber os heróis da camisa azul-celeste que, de forma tão empolgante, conquistaram para sua pátria as glórias da "Taça Rimet" de 1950. Mas, contra o que de quando em quando sucedia, o time do Uruguai não chegou à sua casa dizendo cobras e lagartos do país e do povo, do juiz e dos competidores, da polícia e do tratamento recebido na terra em que eram hóspedes. Como sabemos, sempre que havia jogos dessa natureza, era costume voltarem os delegados vencidos ou vitoriosos, a meter a ronca nos que os hospedaram. E quando os anfitriões eram os brasileiros, as queixas não paravam. Pois com o Uruguai no primeiro lugar do Campeonato Mundial de Futebol Association se deu justamente o contrário. Tôda a delegação, todo o time e seus reservas, não regatearam elogios ao povo brasileiro, à sociedade carioca, à polícia, à direção da C.B.D., ao espetáculo impressionante do Colosso do Maracanã. E, quando se espalhou por tôda a República Oriental essa impressão unânime, nossa bandeira flutuava ao lado da uruguaia numa prova de ótima vizinhança, de bem compreendido espírito esportivo, de elevadíssima educação social. O Brasil foi vivado sem cessar pelo povo em delírio nas ruas de Montevidéu e de outras cidades do país. O Campeão e o Vice formavam uma dupla do barulho, fraternizados festivamente. E, não satisfeitos com tantas provas de civilização, a Junta Departamental de Montevidéu resolveu dar a uma avenida da capital, o nome de "Rio de Janeiro", em homenagem à torcida do Maracanã. Perfeita avenida dos "Torcedores".

DENTES DE GUARDA-LIVR'S



A profissão de guarda-livros é uma das mais antigas neste país. Antigamente se dava ao profissional das partidas dobradas do Diário e do Razão, o modesto nome de Caixeiro de Escrita. Quando um "vassoura" chegava a "de escrita", era uma honra para êle e para a família. Todos sentiam que a prole que possuía um "caixeiro de escrita" não era família vulgar. E, de ordinário, passava o herói a interessado, a sócio, e, por fim, a dono do estabelecimento. Há milhares de exemplos edificantes dessa gradação que ia do "vassoura", o caixeiro que fazia a limpeza da casa, apanhava o lixo, espanava as prateleiras, até ao mais alto cargo da firma — o chefe. Mas isso era ao tempo em que não havia salário mínimo nem Ministério do Trabalho, nem Juntas de Conciliação e Julgamento. O trabalho era remunerado de acôrdo com o merecimento, a constância, a cultura, a inteligência, o "bem servir" dos empregados. Quem era bom ficava e progredia; quem era malandro, saía e batia noutra freguesia. Verdadeira seleção natural entre Capital e Trabalho. Depois, o "caixeiro de escrita" passou a ser "guarda-livros" e, em seguida "Contador", "Perito Contador" e já se projeta sua posição de Doutor no Foro Comercial, o que seria muito justo. Pois bem. De tôdas as garantias e armas jurídicas está-se cercando o antigo Guarda-Livros. Mas de uma não se sabia: a dos dentes. Leiam conosco esta notícia que nos veio de S. Paulo: "Ao depor na 2ª Junta de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho, o guarda-livros da firma citada em Juízo, Atílio Pantini, irritado com as perguntas do advogado contrário, com êle se atracou, mordendo-lhe a cabeça. O causídico foi medicado na Assistência". Dente por dente, ôlho por ôlho...

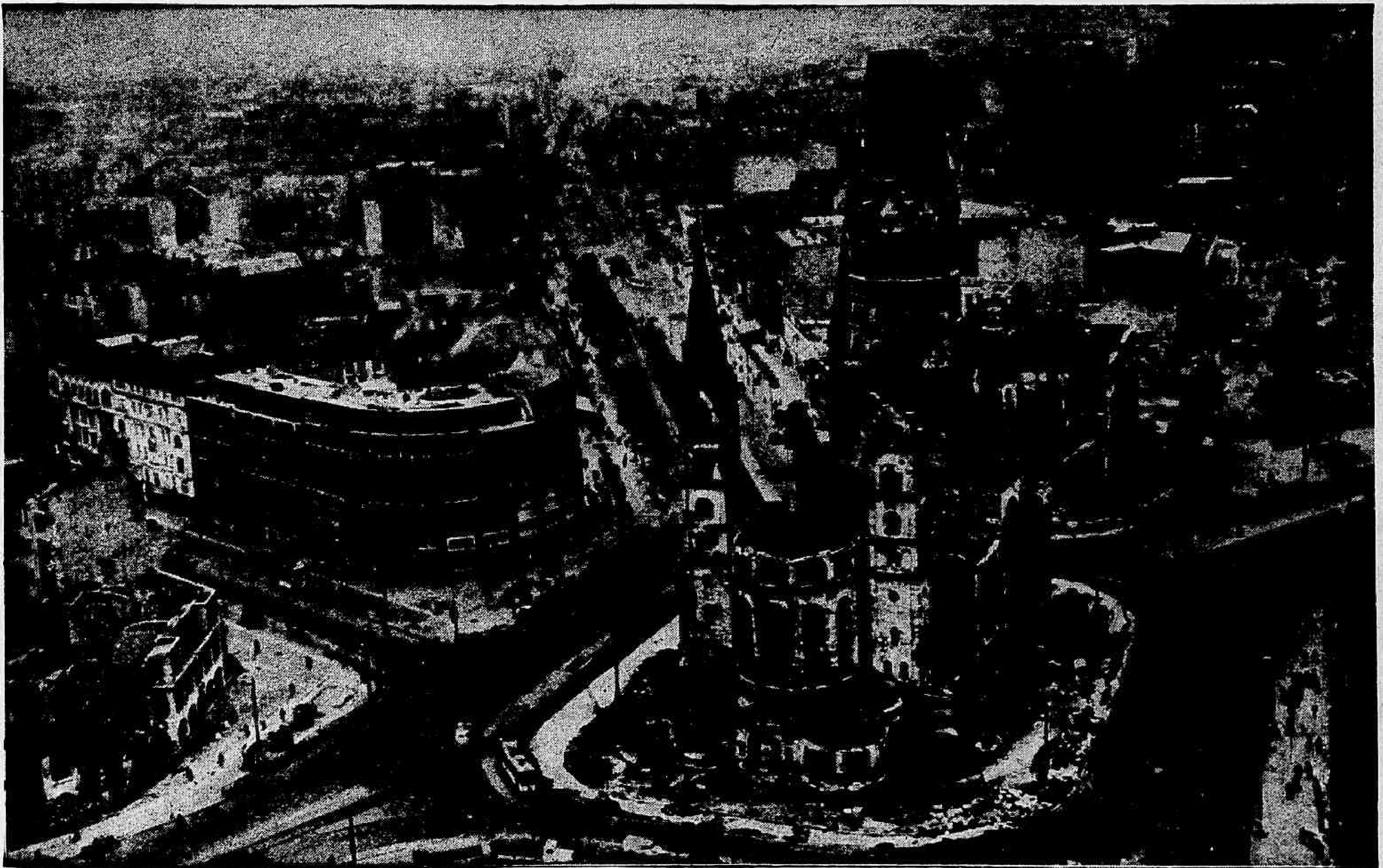
EM CASA DE FERREIRO



ISOBEL Morgan mora em Nova York. Até aí nada de mais. Entretanto, se dissermos que é espôsa de um dos mais famosos humoristas e cômicos do rádio da grande cidade, já a coisa começa a ter as tintas da curiosidade. Mas, a que vem isso? Que importa que Isobel seja mulher de Henry Morgan, o homem que faz rir a todo mundo? A que vem? Ora essa! Pois fiquem sabendo que é justamente por isso, isto é, pelo fato de Mrs. Morgan ser espôsa do cômico Henry, que ora propôs ação de divórcio. Para muitas mulheres seria uma felicidade ter como espôso a um homem que faz espoucar em gargalhadas os seus clientes. Um cidadão assim é um achado numa época em que todo mundo vive de cara amarrada, sofrendo horríveis complexos de "vida difícil". Se Mr. Morgan faz rir é porque é um sujeito engraçado. Mas, por incrível que pareça, Mrs. Morgan vai separar-se dêle porque não acha graça nenhuma nas suas graças. Quando êle procura fazer rir à espôsa, só lhe dá aborrecimentos. Então madame foi aos tribunais e expôs a situação. Se era casada com um cômico e êste não lhe provocava o mais leve riso, para que continuar a viver com êle? Achava-o mesmo sem graça nenhuma. Os juízes lhe pediram mais esclarecimentos. Então ela desembuchou. Disse que o espôso possuía muitas fãs e, num dos últimos dias chegou a casa com a roupa manchada de baton. Interpelado por ela para saber quem era a mulher que estava atravessada em sua vida, êle respondeu com a maior calma: "A mulher? Não foi a mulher! Foram as mulheres! Eu estive a divertir-me com três louras notáveis!". Era demais. Uma só, vá lá. Mas... três? E Mrs. Morgan exige que êle lhe fique pagando, semanalmente 750 dólares pela brincadeira...

JURI DE PROBIDADE

A República do Salvador, nação na América Central, que teve sua independência política há cêrca de um século, é pouco conhecida do nosso povo. Sòmente de longe em longe ouvimos falar em seu nome. De ordinário, os pequenos países da América Central vivem animados por certas correntes político-partidárias que se entrechocam e chegam mesmo a perturbar a harmonia continental. Além das convulsões periódicas da política, os vulcões dão ares de sua graça, e o S. Salvador e o Isalco ameaçam as populações com os mesmos sintomas que destruíram Herculanum, Nápoles e Pompéia. Como sempre é muito doloroso morrer-se sob cinzas e lavas de vulcões, mesmo chamados "Salvador", os povos daquele país dão graças a Deus quando aquelas montanhas se acalmam e ficam boazinhas. Mas, há sempre outros vulcões humanos e êstes explosivos durante épocas de eleições. Como sucede no Brasil, elementos oposicionistas criam dificuldades a todos os que fazem fôrça no sentido de obter vitória nas urnas, ou, outras vêzes, é o govêrno que organiza campanhas contra os oposicionistas que desejam obter triunfos na área de influência dos que estão de cima. Então, além dessas notoriedades da República do Salvador, isto é, a política e os vulcões, nos vem agora uma novidade verdadeiramente sensacional. Quando, recentemente, andou a pleitear posições um ex-Ministro da Defesa do país e ex-candidato à Presidência da República, houve quem o acusasse de enriquecimento ilícito. O caso apaixonou o povo e foi organizado um Júri de Probidade para julgar o acusado. Resultado: ficou provado o arguido e o ex-Ministro e ex-candidato à Presidência da República teve que reconhecer a derrota. Não é mesmo original? Que tal se nós puséssemos em vigor aqui um Júri dêsses?



QUANDO A ORGULHOSA «WEHRMACHT» deixava os seus quartéis para invadir a Polônia auxiliada pelos velozes bombardeiros da «Luftwaffe», Hitler e seus maiorais do nazismo jamais pensaram que a grande e bela capital da Alemanha viesse a ficar assim como nos mostra esta gravura. E' êste o atual aspecto do centro de Berlim, aquela imensa metrópole da poderosa Alemanha. O templo semi-destruído é a famosa «Gedachtniskirche», catedral dedicada aos Hohenzollern, situada no cruzamento de grandes avenidas que, antes da guerra, eram as mais ricas pelos estabelecimentos comerciais de luxo, as mais freqüentadas pelo público mundano e pelos turistas que visitavam Berlim. A avenida ao centro da fotografia e na direção da tôrre não destruída, é a Kurfurstendamm, considerada a artéria principal de Berlim pelos cafés de luxo e locais de encontros conhecidos no mundo inteiro. Não sòmente a igreja como muitíssimos outros edifícios vizinhos, foram danificados de tal forma que não é possível reconstruí-los sem pô-los totalmente abaixo. E nestes mesmos lugares em que, antigamente, tumultuavam multidões e deslizavam milhares de automóveis, vemos poucos transeuntes de fisionomia marcada pela derrota.



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Um século de Blumenau (Celestino Silveira) ..... 5/[illegible]
Não é publicidade (Carlos Tenório) .... 22/[illegible]
Prático — anjo da guarda dos navios (Sabino Canalini) .... 28/[illegible]

LITERATURA

Esquina Histórica e Geográfica (Jacy Rêgo Barros) .... [illegible]
A vida de Theodora (Henry-Dana Lee Thomas) . [illegible]
Dilema (Edson Kneipp) .. [illegible]
Gente de raça (Carlos Augusto de Góes) .... 26/[illegible]
Semana Literária (Edmundo Lys) .... 42/[illegible]

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista .... [illegible]
Personagem da Semana ... 4
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 48
Música (Roberto Lyra Fº) . 47
Correio da Revista 50
Palavras Cruzadas 51
Tudo isto aconteceu 55/57

FEMININAS

Casacos amplos 35
Copas de fêltro e tule ... 36
Detalhes originais 37
Cocktail 38
Modelos exóticos 39
Adornos de pele 40
Week-End na Cozinha ... 40/41
Vestidos Bordados 41

HUMORISMO

Turfe e Política (Théo) . 7
A Mulher (Nicodemus) .. 21
Bom-Humor 34

FOLHETIM

Lorinda, a bailarina apaixonada 54

ARTE

Barbosa Leite e o movimento de renovação (Eliardo Farias) 16

ILUSTRAÇÃO

Orlando Matos

BONECOS

Rafael

FOTOS

Celestino Silveira — Sabino Canalini — Newton Viana Avulsos.

★

NA CAPA

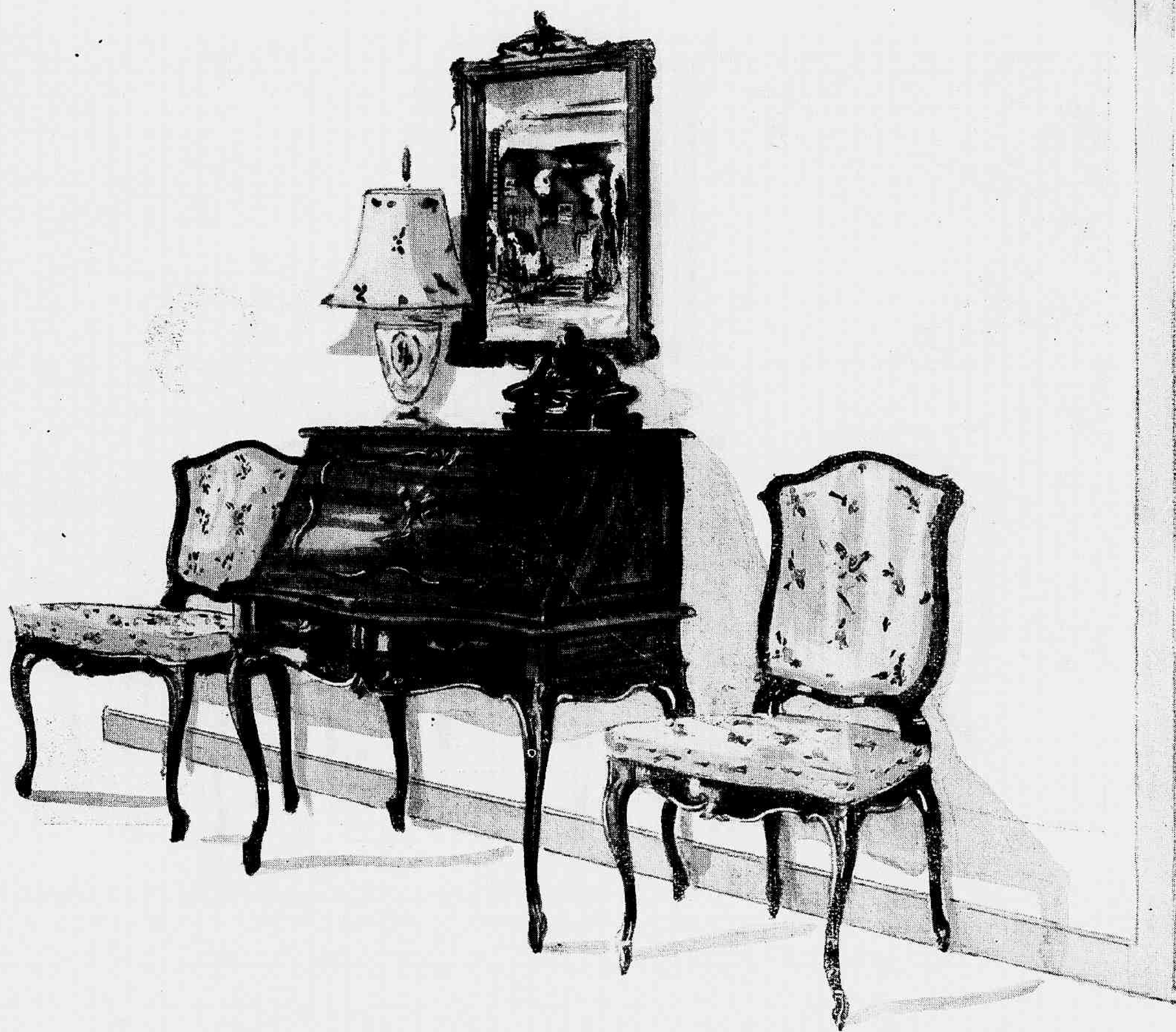
Arlene Dahl
(Foto MGM)

A MAIOR TRAGÉDIA AÉREA DO BRASIL

REPERCUTEM ainda com intensidade, e não se apagarão tão cedo, os ecos das duas grandes catástrofes de aviação, ocorridas, ambas, no Rio Grande do Sul, no intervalo de quarenta e oito horas. Os dois trágicos acontecimentos dos últimos dias de julho enlutaram o país inteiro, tendo desaparecido no segundo, a figura ilustre do senador Salgado Filho, quando se fazia candidato ao govêrno daquele Estado, em que nascera, e se empenhava em viagens com êsse propósito eleitoral. Dezenas de preciosas vidas foram imoladas em ambos os sinistros. A família brasileira comungou no sentimento de solidariedade e pesar pelo infausto acontecimento, cuja repercussão correu mundo. Aqui está um flagrante obtido nas imediações de Pôrto Alegre, onde caiu o "Constallation" da Panair, dois dias antes da catástrofe do outro aparelho, êsse da SAVAG. Na gravura, vê-se o cadáver de uma das vítimas, içado por uma corda, horas depois do acidente. Está completamente carbonizado e irreconhecível. Em nosso próximo número, daremos completa reportagem fotográfica abrangendo os dois tristes registros, com pormenorizado relato. **Trata-se de um serviço especial do qual deu conta a nossa reportagem nos locais.**

RESPOSTAS AO TESTE

1 — 1906.
2 — A República não precisa de cientistas.
3 — No ouvido.
4 — Groteh (inglês).
5 — Pequena canoa.
6 — 870 (Decisão da Comissão Internacional em 1859).
7 — Belo Horizonte.
8 — No de Afonso Pena.
9 — Várzea do Marçal (Arredores de S. João del Rey).
10 — Medicação contra enjôo em viagens.
11 — As do Amazonas.
12 — 100 mil pessoas.
13 — 2.800 pessoas.
14 — Cêrca de 15 milhões.
15 — Cura.
16 — 1929.
17 — Benedito IX (O Papa Menino, século IX).
18 — A do Escorpião.
19 — Fabre d'Eglantine.
20 — Fagundes Varela.



MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

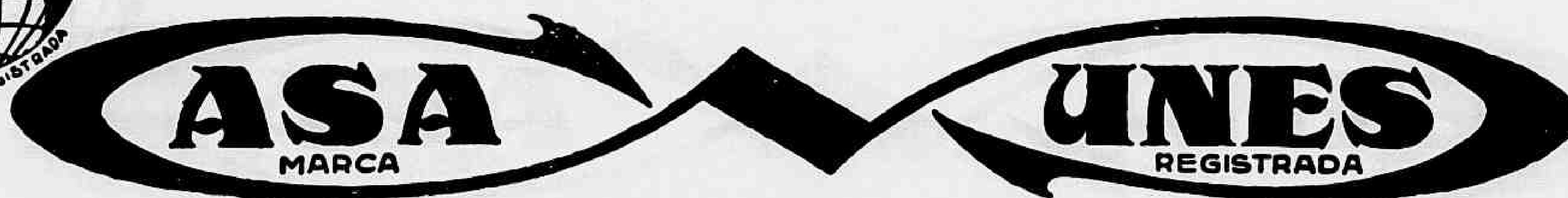
Orçamentos executados por técnicos especializados

GRUPOS ESTOFADOS

para entrega imediata



TAPETES E PASSADEIRAS de todo o mundo, fabricados especialmente para a



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

No Grande Hotel, em Guarujá, paraiso de férias da sociedade paulista.

Fugindo do borborinho da Capital, a sociedade paulista encontra em Guarujá a atmosfera ideal para as férias ou para um week-end... Em Guarujá, e onde quer que se reunam pessoas de bom gosto, V. encontrará Hollywood, o cigarro que é uma tradição da sociedade brasileira. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados deram a Hollywood esta extraordinária reputação — e V. simplesmente não pode deixar de pertencer ao grupo elegante dos que fumam Hollywood.

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto



Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

H - 88.059